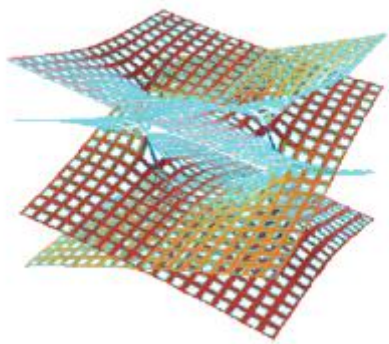


WUNSCH 14

**BOLETIM INTERNACIONAL DA
ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO LACANIANO**

dezembro 2014



WUNSCH

Número 14, dezembro de 2014

IV ENCONTRO
INTERNACIONAL DA EPFCL
Paris, 2014.

Boletim internacional da
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo lacaniano

Editorial

Com esse número 14 de *Wunsch*, o CAOÉ e o CIG 2012-2014, do qual são responsáveis, apresentam à nossa comunidade o testemunho do trabalho que prossegue na nossa Escola em torno de sua experiência.

Essa experiência é aquela de uma Escola de psicanálise. E sabemos que está longe de ser trivial na história da psicanálise que, em sua grande maioria, fez sobretudo a escolha da instituição e do grupo justamente contra a Escola.

Essa experiência de Escola é, por outro lado, centrada ela mesma sobre essa experiência original e radical, iniciada por Lacan, aquela do passe. Experiência que reúne e articula as duas invenções institucionais de Lacan: o cartel e o procedimento do passe.

Acontece que essas invenções, esse legado de Lacan, nós os compartilhamos com outros. Mas será que temos a mesma leitura, a mesma experiência, o mesmo uso? Para responder a essas questões, entre outras, nosso IV Encontro internacional de Escola do dia 25 de julho de 2014, realizado em Paris na véspera do VIII Encontro internacional da IF-EPFCL, escolheu como tema: “Nossa experiência de Escola”.

A primeira parte deste número é consagrada aos textos apresentados nessa Jornada por colegas que, a diversos títulos, fizeram viver essa experiência: A.E., passadores, membros dos cartéis do passe e de diferentes CIG. Poderemos ler com interesse especial os textos de dois A.E. nomeados durante o período do CIG 2012-2014, Nadine Naïtali-Cordova e Jorge Ivan Escobar, textos de dois passadores, Anastasia Tzavidopoulou, assim como as contribuições de Jacques Adam, Florencia Farias e Colette Soler.

Mas esse número traz também o testemunho do trabalho efetuado de 2012 a 2014 no centro de nossa Escola em torno na experiência do passe. Esses trabalhos reúnem aqueles dos Cartéis do passe, textos redigidos individualmente por membros dos Cartéis – seja da forma de testemunho (Lydie Grandet, Ramon Miralpeix, Cora Aguerre etc.), de reflexões (Bernard Nominé, Silvia Migdalek, Beatriz Zuluaga) ou de doutrina (David Bernard, Michel Bousseyroux), mas igualmente textos de A.E. – temos a contribuição de Pedro Pablo Arévalo – e de passadores (Monica Palacio, Alejandra Noguera, Natacha Vellut, Cibele Barbará).

Que esses textos possam levar a outros, sob forma de réplicas e novas elaborações, para que o passe continue a assegurar, no centro de nossa comunidade, a função de causa do desejo de Escola.

Sidi ASKOFARÉ
(pelo CAOÉ 2012-2014)

Tradução de Maria Vitoria Bittencourt

Nossa experiência de Escola

Sidi ASKOFARÉ (França)

Abertura

Caros colegas, gostaria de reservar meus primeiros pensamentos àquela que hoje sou o porta-voz, nossa amiga Maito, Maria Vitoria Bittencourt, secretária do CIG da América Latina, que não pôde comparecer por problemas familiares. Maito estava contente de abrir essa Jornada e queria antes de tudo agradecer todos vocês pela presença e participação, em particular aqueles que vieram de longe, que atravessaram mares e oceanos para participar dessa Jornada e da manifestação à qual ela está ligada: o Encontro Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano.

Antes desse Encontro Internacional, cujos trabalhos começarão amanhã, vamos consagrar essa Jornada de Escola justamente à Nossa experiência de Escola.

Vocês notaram, cada palavra conta.

Trata-se de falar, de trocar e trabalhar em torno da experiência, isto é, não dos sentimentos, das intuições, das opiniões, da doutrina ou mesmo da teoria.

Mas não se trata de qualquer experiência. Não se trata da experiência de um só ou daquela confinada ao colóquio singular, o laço social que une um analisante e um analista.

Trata-se da experiência de Escola. Mas, aqui também, não de qualquer Escola, mas da nossa, daquela que juntos construímos com o cuidado de ficar fiel e de dar uma sequência que mereça ao que Lacan concebeu, elaborou e ofereceu a sua Escola, aquele onde ensinava e formava analistas.

Esse termo experiência, certamente, pode se entender em mais de um sentido.

Sem dúvida, não é no sentido pejorativo, do qual Lacan zombou – sobretudo na sua “Conferência em Genebra sobre o sintoma”, onde sublinha que o número de anos, “tanta experiência”, aquela que os “veteranos” se prevelem para não ter de se explicar e dizer o porquê do que fazem ou dizem. Isso é difícil para nós, pois, apesar de nossa idade mediana, permanecemos, no entanto uma jovem Escola!

É preciso dizer que também não é, no sentido de um experimento.

Não vou prosseguir nisso. Diria somente que esse termo de experiência, aplicado a uma Escola, junto ao termo de garantia, estava aqui desde o começo, desde as primeiras palavras da primeira versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967”. Não posso resistir ao prazer de lembrar:

“Trata-se de fundar em um estatuto bem durável para ser submetido à experiência, as garantias pelas quais nossa Escola poderá autorizar de sua formação um psicanalista – e daí em diante responder disso”.

Para introduzir minhas proposições, já existe meu ato de fundação e o preâmbulo do anuário. A autonomia da iniciativa do psicanalista está colocada aí num princípio que não saberia padecer de um retorno entre nós.

A Escola pode testemunhar que o psicanalista nessa iniciativa fornece uma garantia de formação suficiente.

Ela pode também constituir o centro de experiência e de crítica que estabeleça, e mesmo sustente, as condições das garantias as melhores.

Ela pode isso, e, por conseguinte, deve, já que Escola, ela não é somente no sentido em que distribui um ensinamento, mas onde instaura entre seus membros uma comunidade de experiência cujo centro se encontra na experiência dos praticantes.

Na verdade, seu ensinamento mesmo não tem outro fim senão trazer a essa experiência a correção, a essa comunidade a disciplina aonde se promove a questão teórica, por exemplo, de “situar a psicanálise a respeito da ciência”.¹

Essa experiência, se posso dizer, elevada ao quadrado, Lacan não somente concebeu sua lógica, seu procedimento e as condições de sua efetuação; ele igualmente participou, seguiu de perto, acompanhou e isso até seu famoso veredito sobre o fracasso em sua Escola.

Depois, teve a substituição por aqueles que “ainda o amavam” com a contraexperiência à qual uma parte dessa assembleia, por conseguinte, nossa Escola, participou.

Enfim, sobre o que nos interessa hoje, teve o passe em nossa Escola, Escola de psicanálise dos fóruns do Campo lacaniano.

Portanto, durante essa Jornada, vai se tratar de avaliar sobre essa nossa experiência. Mesmo que não seja tão antiga, podemos dizer que não começou ontem. Essa relativa juventude faz com que possamos nos beneficiar das contribuições da maioria daqueles que participaram dela: os membros do primeiro CIG, os passadores ainda em função e os A.E. nomeados recentemente. O passe é parte integrante de uma experiência coletiva que é da Escola. Experiência que Lacan dizia em 1964 “Nenhum aparelho doutrinal, notadamente o nosso, por propício que seja à direção do trabalho, pode prejudicar conclusões que serão seu resto”.²

Então, convém que a Escola, através de todos aqueles a quem investiu de funções no procedimento, se aproprie da experiência – que não se resume às nomeações – sobre nossa maneira de praticar a psicanálise: da entrada à saída.

Daí a organização dessa jornada em 3 sequências.

A primeira sequência se intitula “O que aprendemos de nossa experiência de Escola?”.

Certamente, aqui se trata do passe e suas funções, mas também da Escola, dos cartéis – como está o Cartel hoje? – dos efeitos de Escola e do ato analítico.

A segunda sequência tem por tema “Nossa experiência do passe”, onde a questão será essencialmente sobre os testemunhos e os ensinamentos tirados dessa experiência pelos passadores e pelos 2 A.E. nomeados em dezembro do ano passado. Com efeito, nos pareceu que os cartéis do passe devem se manter à parte, sobre o inédito da clínica, diante dos AE em que fizeram a aposta de nomear à essa função.

Enfim, a terceira sequência retoma os fundamentos que levaram Lacan a formular o que se infere de seu ensino, ou seja: “a autonomia da iniciativa do psicanalista”.

Estamos em 2014: logo são 50 anos que Lacan assinava – no dia 21 de junho de 1964 – O Ato de fundação de sua Escola, texto no qual enunciou a fórmula que obteve sucesso: “O psicanalista só se autoriza de si mesmo”, que remonta à segunda versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”.³

Que podemos dizer e, sobretudo, que apoio podemos ter sobre esse enunciado para pensar a questão do psicanalista de nossa Escola. ? Como vocês podem ver, a Jornada será rica em questões e, ousado esperar, de muitas contribuições.

Tradução de Maria Vitoria Bittencourt

¹ Jacques Lacan (1967). “Proposition du 9 octobre 1967. Première version” In: *Analytica*, vol. 8, avril 1978, p. 5.

² Jacques Lacan (1964). “Ato de fundação” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 242.

³ Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *op. cit.*, p. 248.

PRIMEIRA SEQUÊNCIA

O que aprendemos de nossa
experiência de Escola?

Sandra BERTA (Brasil)

Efeito de Escola: assumir o risco pelo ato
analítico*Es el viaje a la semilla, al límite de todos los idiomas.*Antonio Lucas, *Tiempo de fondo*.

Se a Escola é o lugar onde cada analista pode dispor da sua relação com o ato analítico, levando-o a uma reflexão sobre a especificidade da clínica psicanalítica, o que chamo aqui de *efeito* de Escola é precisamente um questionamento permanente sobre essa disposição. O *efeito* de Escola nos acorda à pergunta sobre a sustentação do “poder dispor”. Isto não é sem risco, a considerar esta palavra no duplo sentido em português: correr perigo e riscar (fazer sulco, cortar).

Pondo em perspectiva o risco do ato, momento eletivo com o qual Lacan designa a passagem de psicanalisante a psicanalista, o real em jogo no ato, bem como seus efeitos, está no cerne do debate da Escola (a que Lacan fundara e a nossa). Momento/Tempo eletivo a ser autenticado (verificado). E entendo que isso não refere somente ao passe senão ao que assumimos, a cada vez, quando *fazemos* Escola, portanto, quando construímos e sustentamos uma comunidade de experiência e trabalho crítico.

O desejo do analista, do qual o ato psicanalítico é fiel testemunha, ratifica o real da experiência. Por essa razão, nas suas elaborações sobre o ato Lacan se pergunta *Qual é a essência disto que do psicanalista, enquanto operando, é ato? Qual é a sua parte em jogo?*¹ Essa pergunta se responde alusivamente pelo *paradoxo do ato psicanalítico*.² O paradoxo demonstra que se o analista é o que se produz nessa passagem de psicanalisante a psicanalista, o desejo do analista foi o que lhe possibilitou essa produção. O desejo do analista produz esse *Il y a du* psicanalista. A questão que se coloca, no passe, é saber como testemunhar desse *du (do)*, dimensão do ato, entendida por Lacan nos seguintes termos: “Há psicanalista pela operação do psicanalisando, operação que ele autorizou, de alguma forma sabendo que é seu final, e operação da qual ele se institui a si mesmo como ponto de chegada, malgrado, se posso dizer, o saber do que é este final. Aqui, a abertura continua, por assim dizer, hiante, de como pode se operar esse salto, ou ainda (como fiz em um texto que era um texto de proposição) explorar o que é este salto que chamei o “passe”.³

Como poderíamos nos acostumar ao ato sem promover com isso sua própria negação? Essa pergunta também vale para o passe! O desejo do analista, o ato e o passe são – a cada vez – inéditos, por isso exigem um trabalho de transmissão. Em Massachusetts, (1975),⁴ Lacan insistia em sua pergunta: como alguém após passar por uma experiência analítica seria capaz de colocar-se em situação de querer ser analista?

¹ Jacques Lacan (1967-1968). *O Seminário – Livro XV – O ato psicanalítico*. Inédito (Aula de 22/11/1967).

² Jacques Lacan (1968-1969). *O Seminário – Livro XVI – De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, pp. 329-342.

³ Jacques Lacan (1967-1968). *O Seminário – Livro XV – O ato psicanalítico*. Inédito (Aula de 21/02/1968).

⁴ Jacques Lacan (1975). “Conferência no Massachusetts Institute of Technology (01/12/1975)”. Edição do Centro de Estudos Freudianos de Recife, pp. 48-58.

Bom, eis o passe como dispositivo para recolher não tanto a dimensão do ato, mas o que dele é testemunha: o desejo do analista, por definição, não predicável. Razão pela qual, desde sua proposição da Escola Lacan advertia que ao ato se lhe mede pelas suas consequências (6 de dezembro de 1967, Lacan). Colette Soler nos lembrou disto já em 2009, no primeiro Encontro Internacional de Escola, em Buenos Aires.⁵

Não há como entrar na rotina sem cair na impostura. Por isso a pergunta que me coloco faz bastante tempo é: na Escola, será que reconhecer as consequências do ato cabe somente ao cartel do passe no que respeita ao testemunho do passante, via o passador? Sim, em sentido estrito. Porém para poder recolher ditas consequências, cada peça do dispositivo do passe, e em particular, o passador, está em questão.

“Não há utopia nisso. Há uma Escola que existirá ou não... É uma aposta...”⁶

Tentada estive em levantar a pergunta: estamos à altura dessa aposta? Contudo, me disse enquanto escrevia, *não se trata de estar à altura, mas de sustentá-la*. Nossa Escola nos devolve isso segundo seus princípios, norteados como estão estes pela ética da psicanálise. Uma ética - sem etiquetas - pela qual se poderia atestar o ato psicanalítico - tendo na conta os paradoxos da lógica que funcionam na transmissão: poder atestar do impossível de dizer, dizendo. Entendo que com passes e impasses isso não para de ser debatido. Se a causa da Escola é real, a pergunta pela Escola é da ordem do necessário, nos faz sintoma. E é melhor que assim seja, porque assim sendo mostra que não temos por objetivo entrar em acordos, mas debater a partir de nossa experiência. Quando partilho com os colegas da Escola as questões sobre o passe, as levo comigo. Sou pega de surpresa, inúmeras vezes, recolhendo pedacinhos de nossos debates, enquanto clínico.

Isso me leva a pensar que os princípios que sustentam nossa aposta de Escola se orientam *por causa do que nela opera* do desejo do analista, do ato analítico e da sua possibilidade de transmissão. É por estarmos preocupados a essas questões que podemos contribuir com a Escola. Não vejo como o faríamos de outro modo. Dispor do ato analítico é o que agencia o “fazer Escola”, sustentando nela a estrutura moebiana entre intensão e extensão.

A cada vez, a experiência de Escola (cartel e passe) é inédita, *não toda*, não universalizável, portanto, nos convida a lembrar o que Lacan dizia em 1980 sobre o mal-entendido. Se acreditarmos que dele é possível revelar todo, encontraremos o impossível. Estamos advertidos que os efeitos de Escola, efeitos de real, se enodam com os efeitos do Imaginário e do simbólico. Bem às vezes prevalecem uns, às vezes outros. Em tempos de inflação imaginária – e dos narcisismos das pequenas diferenças – podemos dizer tomando como referência o enodamento RSI, que o imaginário envelopa o real e o simbólico. Penso que sempre temos a possibilidade de que o real *sabote* dito envelopamento – sempre e quando contemos com a operação simbólica de corte (ou risco), possibilitando que não respondamos pela via das manifestações do ato (*acting-out* e passagem ao ato), mas, pela perspectiva do ato psicanalítico, em questão, ou seja, pela sua disposição. Sabotagem, pois, do real do qual se sabe a condição de *ser tolo* dele. Bem, considero que quando Lacan se refere a ser *dupes*, o inconsciente como conjunto aberto (real) é o que está em questão.

Em nossa Escola temos levantados inúmeros debates sobre o cartel e sobre o passe. Temos refletido, debatido e escrito sobre as diferentes esquinas destes dispositivos. É possível que agora possa trazer aqui algumas reflexões e elaborações, causada pela experiência no secretariado do passe. Participo da CLEAG (Comissão Local Epistêmica e de Garantia) da EPFCL-Brasil nos anos 2013-2014. Digo, antes de prosseguir, que o que aqui escrevo está causado por este trabalho intenso com minhas colegas da CLEAG e do CIG, com as colegas da

⁵ Colette Soler (2010). “As condições do ato, como reconhecê-las?” In: *Wunsch nº8*, abril 2010, p. 18-20.

⁶ Jacques Lacan (1967). “Um procedimento para o passe”. In: *Letra Freudiana*. Escola de Psicanálise e transmissão, Ano XIV, Nº 0, 1995, p. 23.

CG da EPFCL, bem como com os colegas do Grupo de Trabalho de ALN e ALS. Porém, deste detalhe sobre a função do secretariado do passe, assumo a autoria no que proponho debater, especificamente porque não sei se concordarão. Uma jornada de trabalho chama ao debate.

Levanto, então, a questão, que alguns colegas já fizeram. Parece-me que é uma questão que teve breves apontamentos nas suas respostas. Apontamentos precisos, por sinal, e que recolhi das leituras da WUNSCH e de ouvir alguns deles nas diferentes Jornadas e Encontros. Mas, como são questões que retornam, pela experiência, assumo o risco e pergunto: o que esperamos recolher na entrada ao dispositivo, chamado por alguns como “lugar mais sensível”? Alguém pode se saber afetado pela destituição subjetiva, pode querer transmitir o que recolheu dessa experiência, na qual a ficção tocou seu próprio limite mostrando, num movimento pelo avesso, parte do que tinha sido a astúcia da sua montagem, topar com o *insabido* (insu) – deduzi-lo logicamente ou por puro efeito poético – e endereçar sua demanda de passe a Escola.

Além de localizar os pontos cruciais desse pedido de entrada, e de ouvir os argumentos da demanda, o secretariado do passe que lhe acolha deverá ter a delicadeza de abrir a porta do dispositivo para que a *possibilidade* do “deixar passar” tenha lugar. Isso não é sem condições. O secretário está aí para que aquele que argumenta sobre as razões de seu pedido possa entrever uma diferença entre argumento e testemunho. Por esta razão, cabe, sim, ao secretariado perguntar ao candidato sobre o porquê de endereçar a sua demanda para a Escola. Mas esta pergunta merece tratamento no seu enunciado. A quem se dirige essa demanda? Por que alguém quereria testemunhar da sua análise numa Escola se não fosse para fazer Escola também com o seu testemunho? Testemunho que historysteriza sua travessia analítica que produziu (às vezes) o *x* do desejo inédito. O que se apresenta como demanda, mas que é índice de uma decisão, traz suas complicações. Confunde-se o que se pede e o que se quer dar. O passe se pede à Escola ou o passe se dá para Escola? Penso que a decisão de alguém por querer testemunhar da sua experiência nos coloca na segunda opção desta pergunta.

Então, a delicadeza de acolher aquele que está num momento de pressa, afetado pelo ato, compelido pela sua decisão, exige que se tenha certa *arte*, ou algo assim como esse jogo infantil com o qual queremos sustentar bolinhas de sabão, sem estourá-las... E *rimos*, claro!, enquanto conseguimos que elas continuem a ser bolinhas de sabão no ar. Acolher, dar crédito, dar ouvidos, hospedar uma demanda por apenas um encontro Acolher com critério. Pois, estamos advertidos de que é possível que aquele que demanda porte a decisão de dizer à Escola sobre o que *uma* análise produziu como o mais íntimo, familiar e estranho de si, e como separando-se radicalmente disso, sabe que não será sem isso aí, mas já não com o sofrimento com o qual tinha albergado até então essa sua *extimidade*.

Pois bem, apenas um encontro, no máximo dois. Então, como acolher numa escuta discreta e precisa? Esse parece ser o desafio do secretariado que para nada entendemos como algo administrativo, temos conversado bastante sobre isto com minhas colegas da CLEAG e temos sustentado isto na função do secretariado: os contatos e conversas com os membros do CIG e com os A.M.E., bem como o cuidado com a lista dos passadores.

Sabemos que, o passador ter a função de *colher* o testemunho, Lacan tem dito isso repetidas vezes, e vários membros de nossa comunidade tem escrito sobre isso.

É curioso porque a palavra colher (*colligere*) é também raiz da palavra acolher (*acolligere*). *Acolher*, do latim *acolligere*, deriva de *colligere* (coletar, reunir, levar em consideração) que por sua vez deriva de *legere* (ler, obter) e do grego *legein* (falar). Certamente essas derivações referem à função de quem *é o passe*, isto é: *o passador*.

Mas como pensar na porta de entrada, lugar sensível, se não for a partir da acolhida? Isso diz respeito à função do secretariado, certamente.

Então, lhes proponho uma expressão com a que me orientei ao fazer as entrevistas: “*acolhida discreta...*” para abrir a porta ao dispositivo.

A raiz de “*discrição*” é *discretio* (separação, discriminação, discrição), *discretus* (separar, colocar à parte), *discernere* (ver, distinguir), *cernere* (separar). Talvez o que me chamou a atenção

nessa breve pesquisa etimológica da palavra “*discrção*” foi sua raiz Indo-Europeia *Krei* de onde surge o *cribrum* (cribar) que deriva em *ridlle* (enigma, mistério, charada) bem como em *sieve* (peneira). Sim, o passador merece ter esse discernimento, certamente. Mas esse discernimento, entendido plenamente no sentido dessas derivações linguísticas, já está em pauta na entrada ao dispositivo.

Acolhida discreta. Ao secretariado cabe a responsabilidade de discernir (distinguir) e de acolher o argumento da demanda, separando-o do que seja um testemunho. Há de se ter a intenção de não colher o testemunho, mas sim o argumento da demanda! Seria tão fácil escorregar se não tivéssemos presente isso... É possível que nessa separação se obtenha um resultado: que o argumento se crive do testemunho. Até porque para o testemunho, a considerar com Benjamin, é preciso à experiência. Insisto: *acolhida discreta* para separar argumento e testemunho. Que o argumento sobre a demanda de passe do candidato – demanda posterior a oferta do passe da Escola - seja o que se recolha no secretariado e que o testemunho seja o que terá de advir no trabalho com os passadores, e destes com o cartel. Lacan é preciso: ao passador cabe colher o testemunho, ao cartel cabe a nomeação.

Há algo que poderia *ressoar* no trabalho pontual da entrevista do secretariado com quem se endereça à Escola querendo fazer o passe: “peço que recuses o que te ofereço, porque não é isso”, e sabemos que esse “não e isso” é um lugar onde pode se inventar, lugar de furo, e no qual Lacan inventou o “*a*”. Estar cientes disso nesse trabalho de secretariar a entrada cria uma disposição que não é administrativa, insisto. Aliás, esse encontro teria de ser fugaz, ...quase imperceptível. Acredito que contribuir com pensar na função específica do secretariado do passe nos ajude a não toma-lo numa extensão que não lhe compete, no dispositivo.

Se assim for, se o secretariado cumprir com essa pontual função de distinguir a demanda e crivar o argumento do testemunho, aí sim pode considerar que a “acolhida discreta” chegou ao seu fim e, então poderá *abrir a porta e convidar a passar*. O secretariado tem a responsabilidade de dizer – se for possível: “*é a sua vez?*” Em espanhol se diz: “*passe!*”

Pois bem, no dispositivo não há quem não esteja afetado pela transmissão. Os princípios que nos orientam apontam isso. Vale para cada um que se propõe a fazer *ex-sistir* a Escola. Dispor do ato analítico, cabe acrescentar, para que a operância do psicanalista – a ser entendida como função, $f(x)$ – agencie o trabalho de Escola. Isto tem sido essencial para sustentar as diferentes posições seja perante o acolhimento das indicações de A.M.E., as demandas de passe, a secretaria da lista de passadores, o trabalho sobre os cartéis na Escola e certamente para responsabilizar-se pelo debate atual de *nossa* experiência de Escola.

Para que tenhamos em função a experiência analítica e a experiência de Escola, entendo que a única bússola é assumir o ris(c)o do ato psicanalítico, para dele dispor. É pela escrita que esse *risco* poderá aludir o gozo do *riso*.

Modo de evocar a aposta pela Escola... *viaje a la semilla, al límite de todos los idiomas.*

Ana Martinez (Espanha)

Desta vez o problema não é o passe...

Sem dúvida, vamos escutar nessa mesa, por sorte, diferentes vozes e pontos de vista distintos sobre a experiência de nossa Escola. Essa *varieté* constitui a meu entender, uma de suas características mais atrativas e fecundas, sempre que se mantenham abertos e funcionando os canais de intercambio e debate entre os membros de diversos lugares.

Assim mesmo o duplo nível local/internacional de nossa Escola requer uma atenção cuidadosa, sendo muito recomendados não descuidar de nenhum dos dois. Pessoalmente, ao haver participado desde as origens dos Fóruns em instâncias tanto locais como internacionais,

disponho de certa experiência na vida de nossa Escola que desejo compartilhar com vocês e oferecer para o debate.

Quanto ao título de minha apresentação, já indica por si mesmo que escolhi falar do que detecto como problemático no presente de nossa Escola, pois creio que não faríamos senão prejudicá-la e prejudicarmo-nos, se olhássemos para o outro lado e não afrontássemos as consequências que poderiam ser graves amanhã.

1. O que é problema em nossa Escola atualmente?

O que é que, ao meu juízo, causa inquietude atualmente em nossa Escola? Responderei a isso desde o duplo nível local/internacional:

– **no nível local**, nesse caso, desde a Federação F8 da Espanha, considero que o problema não é o passe em si mesmo, apesar de sua escassa vitalidade em nosso país, posto que nos últimos dois anos não se produziu nenhuma demanda de passe e tampouco foram designados passadores.

O problema me parece que é mais básico e geral, se posso dizer assim, e de fato se pluraliza. Por uma parte, nos encontramos com um problema de desafeto em um amplo número dos membros com respeito à Escola. Por exemplo, em Barcelona, quase a metade dos membros de escola não só não participam nem assistem a suas atividades, nem sequer votam. Paralelamente, a atividade cartelizante é escassa. Podemos pensar, em alguns casos, que esta ausência na vida da Escola se deve a que a libido estaria sequestrada pelo Colégio Clínico. Mas há outros casos onde há membros que nem participam da Escola, nem no Colégio Clínico, nem tampouco no Fórum. Impõe-se a pergunta: por que e para que seguem inscritos e pagando sua cota? Mais além das diversas respostas que podem dar-se a essa pergunta, o que é certo é que essa posição não convém de modo algum à Escola. Este ponto resta pendente de análise.

Um segundo problema é o percurso das análises, pois como outros já assinalaram, em muitos casos são análises incipientes ou de percurso limitado, em que o desejo do analista não chega a ter suas oportunidades.

Sem dúvida, por sorte, resta ainda um número nada depreciável de membros ativos e decididos que põem seu desejo e seu trabalho ao serviço da Escola. Destaco também como dado positivo, o fato de que se produziu um significativo relevo geracional, altamente esperançoso, no nível do coletivo dos membros comprometidos. Prova disso é o debate brotado muito recentemente em nossa comunidade local, na origem da celebração das duas Assembleias anuais, a associativa da Federação e a Assembleia da Escola em março de 2014. Nessa ocasião, se produziu um incidente revelador que despertou a consciência dos membros de Escola e serviu como detonador de um debate necessário. Esse debate teve lugar em 1º de junho em Barcelona e contou com a presença de um importante número de membros da Escola de diversos lugares da Espanha, que interviram amplamente e com um tom muito bom sobre as mais diversas questões sobre a Escola, pondo em evidência a necessidade de debater e atualizar nosso trabalho coletivo. As boas vibrações que ficaram desse encontro, dão testemunho de que algo se move, em relação à Escola e de que existe vontade de trabalhar por ela e para ela.

– **em nível internacional** temos notícia do incipiente debate que ocorreu em 2013 na França, em duas etapas: uma reunião prévia em março e uma primeira jornada de debate em junho convocada sob a rubrica: PASSE e ESCOLA (ver o resumo redigido pelo presidente da EPFCL-França). No resumo, lemos o seguinte: “As instâncias da Escola, CO, CIG e CAG lançaram esse primeiro debate, que se pode pensar e desejar que seja o primeiro de uma série que funcione, não por *automaton*, senão em função das necessidades políticas de nossa escola”. Bem, pois estamos à espera que essa série, desejável e necessária, prossiga.

O dito debate foi introduzido por quatro textos, aos quais temos de acrescentar a posteriori o resumo acima referido. Vou confessar que minha primeira reação foi de surpresa, acompanhada de um sentimento de desajuste. Dizia a mim mesma: “dessa vez, não se trata disso (do passe)”. E porque pensar dessa vez, não? Porque conhecemos toda uma série de ocasiões

anteriores onde os avatares do passe foram a causa de crise na Escola e isso desde o primeiro momento, desde que Lacan lançou a Proposição de 1967. Não se trata agora de detalhar a série de crises atribuídas à articulação Passe-Escola, mas talvez valha a pena recordar que, na crise que teve origem em nossa comunidade, 1996-1998, onde surgiu um problema referente ao passe, o famoso caso B. Contudo, sabemos (para isso, consultar o volume *História de uma crise singular*) que a crise que instalou então no Colégio do Passe tinha ademais outras causas não imputáveis ao procedimento do passe ele mesmo. Pois havia uma má vontade contra certos membros da Escola aos que convinha fazer a vida impossível nela. Por outra parte, sabemos também que Lacan inventou o passe, entre outras coisas, para ir contra as leis ordinárias do grupo que irremediavelmente tendem a impor-se ao passo do tempo, se não se luta contra.

2. Pontos extraídos dos quatro textos que impulsionaram o debate na França

Em seguida, gostaria de dizer algo sobre alguns pontos dos textos aos que referi, a fim de sustentar os argumentos que dão razão ao título de minha intervenção.

1º) *Sobre a fragilidade da Escola*

Concordo com a afirmação que tal fragilidade existe, mas creio que a história da Escola de Lacan nos ensina que não poderia ser de outra maneira, pois a Escola não só é uma estrutura coletiva contracorrente e desconfortável, mas além disso se sustenta sobre um desejo, o do analista, que revelou ser tão humano quanto os outros, a saber, flutuante e em ocasiões, desanimado. Lacan mesmo fala não só de fragilidade, mas de precariedade da Escola. Cito o Discurso a EFP, 1967: “quero colocar não analistas no controle do ato analítico (...) digamos que ali ponho um não-analista em expectativa, aquele que se pode apanhar antes que, ao se precipitar na experiência, ele sofra (...) uma amnésia de seu ato. Será de algum modo concebível que me seja preciso fazer emergir o passe (cuja existência ninguém me contesta)? Isso, por meio de cumulá-la como o *suspense* que nele introduz seu questionamento para fins de exame. É com essa **precariedade** que espero que se sustente meu analista da Escola”⁷.

Mas Lacan não destaca unicamente a precariedade/fragilidade necessária da Escola, mas se refere também aos problemas da Escola. Na carta de dissolução da EFP de 5-1-1980, disse o seguinte: “**Há um problema da Escola.** Não é um enigma. (...) Este problema demonstra tal por ter uma solução: trata-se da *dis* – da dissolução”⁸.

Deduz-se portanto da experiência e ensino de Lacan que não há escola sem fragilidade/precariedade, nem sem problemas, e por isso a escola não pode evitar as turbulências, o debate e as modificações que resultam disso, mas bem vive deles, dessa crítica permanente e desse torvelinho renovador, como se evocava em um dos quatro textos citados.

Então, qual é, ou quais são os problemas atuais da escola dos fóruns?

Em minha opinião, como já disse anteriormente, o problema maior não considero que, nessa ocasião, tenha a ver com o passe e sua aplicação na Escola. (Abro aqui um parêntese para advertir que excludo dessa reflexão o período em curso do CIG 2012-2014, por ainda não termos notícias de seu trabalho, além da nomeação de A.E.s e da habilitação dos A.M.E.s).

O problema fundamental, localizo-o no nível do vínculo dos membros com a Escola e dos membros entre eles. Desafeto, atonia, desalento, distanciamento, desencanto e, sobretudo: silêncio. Nada novo, por outra parte, na história das instituições analíticas, mas sim algo que chama a uma reação por parte daqueles que ainda querem lutar pelo presente e futuro de nossa escola.

⁷ Jacques Lacan (1967). “Discurso na Escola freudiana de Paris” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 276.

⁸ Jacques Lacan (1980). “Carta de dissolução” In: *Outros Escritos, op. cit.*, p. 319.

2º) *Sobre a escassez de nomeações e a histeria analisante*

Nos textos do debate em Paris, se alude também à escassez de nomeações de A.E., que se coloca como um sintoma a interpretar. Recordemos que são catorze os A.E.s nomeados na Escola dos Fóruns, desde que funciona seu dispositivo do passe. Mas, por acaso não seria uma constatação permanente, desde o início da prática do dispositivo do passe, já com Lacan, que, em relação ao número de passantes que se apresentam, são muito poucos os que saem nomeados? E se esse dado se repete, não será por uma razão de estrutura? Será que é verdadeiramente pouco frequente que se cumpram essas três condições: 1. Que uma cura alcance o ponto do passe clínico; 2. Que a transmissão do passante e dos passadores logre fazê-lo passar; 3. Que os membros do Cartel saibam reconhecê-lo?

Lendo Lacan, entendo que a premissa irrenunciável na prática do dispositivo do passe é a localização de signos ou efeitos na cura do passante de haver alcançado o momento do passe clínico. Cito: “O passe, ou seja, aquilo cuja existência ninguém me contesta (...) o passe é o ponto em que, por se haver dado conta de sua psicanálise, o lugar que o psicanalista ocupara em seu percurso, alguém dá o passo de ocupá-lo. Entendam bem: para operar nele como quem o ocupa, **embora, dessa operação, não saiba coisa alguma, senão a que, em sua experiência, ela reduziu o ocupante.**

O que revela que, (...) nem por isso se está deixando de objetar à disposição mais próxima que daí se extrai, ou seja, que se oferece a quem quiser a possibilidade de dar um testemunho, ao preço de **deixar a seus cuidados esclarecê-lo depois?**” (Discurso à EFP, *Directorio* 10-12, p. 332).

Portanto, entendo primeiro a experiência do passe, uma experiência “sem saber” e depois sua elucidação.

Uma experiência, a do passe clínico, que não se produz sem passar pela experiência de “saber ser um dejetivo”, experiência solidária do encontro com o “horror de saber”. Na Nota aos Italianos lemos: “A partir daí (o momento em que circunscreve o horror de saber) sabe ser um rebotalho. Isso é o que o analista deve ao menos tê-lo feito sentir. Se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance. Isso é o que meu “passe”, de data recente, muitas vezes ilustra: o bastante para que os passadores se desonrem ao deixa a coisa incerta, sem o que o caso cai no âmbito de uma declinação polida da candidatura”.¹⁰ “Só existe analista se esse desejo lhe advier”¹¹ (o desejo de um saber que não ignore o horror de saber).

Apoio-me, pois, em Lacan, para sustentar minha opinião: penso que a histeria analisante, – tal como a entendo, talvez equivocadamente, a partir do texto aportado por Colette Soler, a saber como uma “identificação participativa ao desejo do outro” [e se sobre-entende aqui que, o desejo em questão, é o desejo de pensar a psicanálise e o psicanalista] – não bastaria por si só para proceder a uma nomeação de A.E. Repito que me parece que, para proceder a dita nomeação, é imprescindível localizar indícios de que a cura alcançou na sua trajetória o ponto do passe clínico. Dito de outro modo: creio que pode haver histeria analisante sem passe clínico. Assim concluo que, constatar que há histeria analisante num testemunho de passe pode ser necessário para proceder a uma nomeação, mas não suficiente, faltaria encontrar rastros, efeitos, do passe clínico. Em nenhum caso um pode substituir o outro.

Pelo contrário, a noção histeria analisante me parece muito bem vinda para aplicar na hora de habilitar o AME de nossa Escola, aquele que, sem necessidade de apresentar-se ao passe, porque “nada obriga a isso”, contudo se supõe que, por estar comprometido com a prática e a transmissão da análise, e porque o está também com o passe, na medida em que tem encomendada a função de nomear passadores, não pode dispensar-se de pensar a psicanálise, a

⁹ Jacques Lacan (1967). “Discurso na Escola freudiana de Paris”, *op. cit.*, p. 282.

¹⁰ Jacques Lacan (1974). “Nota italiana” In: *Outros Escritos*, *op. cit.*, p. 313.

¹¹ *Ibid.*

Escola e seu psicanalista. De fato em um dos textos do debate se considera que o verdadeiro calcanhar de Aquiles de nossa Escola era o A.M.E.

3. Então, que aprendemos da experiência de nossa Escola?

Um olhar retrospectivo nos permitirá esboçar rapidamente um perfil diacrônico de nossa experiência. Nele podemos diferenciar um primeiro trecho, 1998-2001, que podemos denominar tempo preliminar de nossa Escola. Um tempo no qual praticamos de forma coletiva e esperançosa uma crítica aguda e minuciosa da instituição da qual vínhamos, ao tempo em que íamos definindo como seria nossa Escola. Em seguida, um segundo tempo, 2001-2008, que compreende a fundação e a colocação em marcha da Escola dos Fóruns. Elegemos constituir uma Escola Internacional com membros e com a prática do passe. Também optamos por uma Escola sem instâncias diretivas, já que a direção estava colocada nos Princípios que a constituem. Mas sim com uma orientação e um funcionamento sustentado por uma instância colegiada e permutável, o Colégio Internacional da Garantia, e uma Assembleia que toma as decisões necessárias cada dois anos com um debate prévio.

Este segundo tempo se encerra com a emergência do debate preparatório ao VI Encontro da IF-EPFCL, São Paulo, 2008, convocado pelos 10 anos de existência do Campo Laciano e suas instituições. Esse debate se denominou refundição (*refonte*), mas em outras ocasiões também de refundação. É certo que foi um debate amplo e participativo, com propostas de grande labor, que sugeriam a possibilidade de mudanças substanciais em nível de nossa arquitetura institucional. Finalmente, de tudo isso, não se derivaram modificações que tocassem algo essencial do que tínhamos estabelecido, mas se deram dois efeitos importantes:

- 1º) uma diferenciação mais clara e nítida entre a Escola e a IF;
- 2º) um empuxo substancial ao funcionamento da escola mediante a substituição do CIOE, Colégio Internacional da Opção Epistêmica, pela CAOIE, Colégio de Animação e Orientação da Escola, e a implantação de um Simpósio do passe a cada quatro anos.

Essa mobilização tomou corpo imediatamente na celebração da I Jornada Internacional da Escola celebrada em Buenos Aires, finais de agosto de 2009. Destaco a qualidade das exposições que ali se escutaram, em clima de coparticipação, alegria e renovação que se respirou. Tive um sentimento claro de um relançamento da Escola. Ali escutamos que um Ensino de Escola – aquele que circunscreve nos ensinamentos obtidos do passe e do cartel – não se confunde com a variedade de outros ensinamentos que se dispersam no âmbito da Escola. Por outra parte, foi-me revelado de forma muito real e inesperada, o grande número de membros de Escola que trabalharam na experiência do dispositivo do passe, algo que dava razão a expressão que alguém utilizou: “democratização do passe”. Essa constatação, somada à minha própria experiência no dispositivo, constitui a base sobre a qual me apoio para defender que o passe não é um problema em nossa escola. Pelo contrário, o passe constitui um polo de trabalho de Escola efetivo, que causa necessariamente transferência de trabalho, histeria analisante. Não esqueçamos por outro lado que o passe está habitado por um trabalho cartelizante do mais alto compromisso.

Mas o espírito de Buenos Aires parece haver se esfumado e, ao que aparece, em seu lugar é uma lassidão e um silêncio preocupante.

O que fazer?

Em minha opinião, não resta outra via, em primeira instância, senão falar. Pessoalmente estou desejosa de constatar com vocês se o que transmiti é algo que outros compartilham.

Uma vez esclarecido isso, e no caso de que haja consenso em reconhecer que há problemas importantes em nossa Escola, haveria de passar ao tempo de localizá-los e debatê-los, para encontrar vias de renovação que deem um novo impulso a nossa Escola.

Tradução de Alba Abreu

Beatriz ZULUAGA (Colômbia)

A Escola, ainda

Se bem que o título do meu trabalho tenha sido muitas vezes evocado, trago aqui novamente como um primeiro ensino da Escola: sua importância *ainda*. Freud contava com o real que funda todas as Sociedades existentes, e mais, queria assim tal como nos diz Lacan na sua Proposição de 1967, pois via “nelas o único refúgio possível para evitar a extinção da experiência”.¹² Hoje contamos com o real que a habita e por isso devemos estar atentos para nos interrogarmos sempre. Seguimos sendo fiéis ao Campo que Lacan buscou para a Psicanálise? Qual tem sido o ensino que a Escola nos deixa até hoje?

Mais de um século se passou desde que a sociedade da época foi surpreendida pela pluma freudiana: o sonho do mundo se viu despertado por um pesadelo que completa o tríptico que sacode o narcisismo dos seres falantes. Nem centros do universo, nem ancestrais divinos, nem senhores em nossa própria casa, arremata Freud. No entanto, os problemas apenas começam: a criança é um perverso polímorfo, goza do seu corpo, é um pequeno sexuado. Estas verdades incômodas suscitam, frente à psicanálise, suspeita, crítica e solidão. Assim, a Psicanálise se tem sustentado até hoje, pouco mais de *cem anos de solidão*. Desde sua origem, as bocas de ouro freudianas traçaram uma rota ao descobrimento freudiano que não lhe prometia ser bem-vinda nos discursos do mundo. Ainda estavam por se conhecer outras verdades incômodas. Há um mais além do princípio do prazer, acrescenta Freud e nos acrescenta que, o objeto que nos leva a uma busca eterna, está perdido para sempre. Não são essas premissas suficientemente intoleráveis para ser em escutadas pelos senhores do mundo? A psicanálise, no ecoar dos tempos, tem sido emissária de notícias subversivas e incompreensíveis, foi extemporânea à época freudiana, excluída e excomungada na época de Lacan e hoje, no *boom* das ofertas terapêuticas, é uma hóspede cada vez menos grata nos espaços institucionais. Não é isto suficiente para pensar que, para a psicanálise, *Ainda* se possam esperar outros *cem anos de solidão*?

A prática do dia a dia nos dá testemunhos da solidão que acompanha momentos cruciais da cura e, por suposto, do ato analítico. A via da psicanálise é estreita, mas o que dela se extrai sempre será mais vital que a errância neurótica. Daí a importância da Escola, pois desta depende não só que se faça da psicanálise “uma experiência original”¹³ como também que se proteja essa dita experiência “para isolá-la da terapêutica, que distorce a psicanálise não somente por relaxar seu rigor”.¹⁴ Não pode ser outra a voz da Escola; não pode ser outra senão a de velar por extrair um ensino dessa experiência única que pode ser, para um sujeito, o encontro com a Psicanálise. Encontro que, através do dispositivo do passe, permite formalizar isso que se transformou, isso que mudou nesse sujeito o ter assumido um dia o compromisso de sair em busca de seu desejo. Para fazer transmissível essa singular e única experiência, é necessário que as pequenas pérolas extraídas dos testemunhos levados aos Cartéis do Passe, não encontrem a via do esquecimento. A Escola com Lacan nos tem ensinado que ela se sustenta com todos seus dispositivos, porém o ato de autorizar-se de si mesmo e o ato de nomear alguém Analista de Escola, são os pontos nodais que Lacan institui para formular sua pergunta do “Prefácio à Edição Inglesa do *Seminário XI*”. *Como nos ocorre salientar... o que nos leva a ser analistas?* Então, há funções que a Escola não pode evitar. Esta é sua grande responsabilidade. Nesse sentido, pode ser o refúgio a um desterro, despojando este da sua conotação trágica, pois a história da humanidade e a clínica do dia a dia nos têm ensinado que nem todo desterro é fatal, que nem todo errante sucumbe ao seu destino. A clínica desde Freud nos tem mostrado que, inclusive no território mais baldio, ali o desejo de

¹² Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 250.

¹³ *Ibid*, p. 251.

¹⁴ *Ibid*, p. 251.

um sujeito pode fazer resistência. Nos testemunhos de alguns passes, se tem escutado efeitos que tem permitido a um sujeito criar uma pequena tela sobre o real inóspito, não somente para suportar a vida, mas também para desfrutá-la, fazendo dela algo diferente de um simples refrão dos caprichos do Outro. Isto, a Escola nos tem ensinado e também nos tem ensinado a contar com nossos pequenos gozos intratáveis, pois sabemos que, de nossas sociedades e de nossas famílias, não somos *o melhor da colheita*.

A Escola nos ensina ainda que a psicanálise não é “sociável”, não é de amigos, nem de multidões, tampouco de grandes amores e menos ainda, prega a Moral sexual, pois, ao não fazer promessa alguma, não tem encontrado semelhança com nenhum modelo terapêutico. A psicanálise não possui muitos portos para se fixar, não tem Outro refúgio senão a Escola, depende do real, mas às vezes esquecemos o fundamental: que ela está nas mãos dos psicanalistas.

Porém, nossa experiência de Escola também nos tem ensinado que, apesar das diferenças e dos sintomas intratáveis ou pouco analisados de cada um, que apesar dos gozos e dos narcisismos das pequenas diferenças, as transferências aos textos e a outros colegas às vezes conseguem estabelecer laços de trabalho. Como resultado, a Escola propõe, provoca o trabalho em Cartéis, jornadas, publicações, Encontros Internacionais, etc. Neste *organismo se cumpre um trabalho*, era a ideia de Lacan para tentar fazer frente à solidão do ato analítico, fazendo laço, extensão, transmissão. Como consequência, em cada encontro do analista com o paciente, em cada ato analítico, em cada relação singular à Escola, se põe em jogo a sobrevivência da psicanálise. Contamos com o *real* intratável da nossa condição de seres falantes, de nossa singular condição humana, pois não temos outra e com esta já causamos muitos problemas, entre eles a psicanálise mesmo e sua sobrevivência. Além disso, confiamos na experiência analisante e, solidários com Freud e Lacan, na eficiência da linguagem sobre o real e o gozo.

No texto *A Direção do Tratamento* de 58¹⁵, Lacan coloca o psicanalista de prontidão; às vezes nos cabe fazer o mesmo se, enquanto Escola, nos sentimos responsáveis pelo *rigor* exigido para nossa prática e se não queremos terminar instalados no risco muito cômodo de nos acharmos seguros de nossa ação. Se bem que a anotação que Lacan faz no texto citado, se inscreve no contexto clínico, me parece que o dito rigor deve exigir-se sempre, em qualquer lugar que se ocupe seja como Analista praticante, ou A.M.E., passador, A.E., ou Membro dos Cartéis do Passe, por exemplo. Estarmos seguros de uma ação, é um risco, um grave risco, para toda experiência onde se comprometa o inconsciente e, sobretudo, o real. Estarmos seguros de sua ação “é ter uma ideia de como fazer” e isto tapa as orelhas e as portas ao diferente, à surpresa e pode estragar a experiência conduzindo-a a fins supostamente corretos ou estabelecidos. Que mais distante do que constitui todo ato que se nomeia analítico? Não são estes os caminhos das vias comuns do bem? No ato não se pensa, é um feito clínico. Na nova experiência, que me compete agora, desde os Cartéis do Passe, se exclui, – ao menos é o esperado – todo *saber estruturado* que supostamente “descubra” o desejo, que sabemos é inominável.

A escola nos ensina que se constitui de um fazer sempre em *falta*. A lógica do não todo permite, um pouco, deixar as lamentações por não ter a Escola ideal ou isenta de imaginários ou maus encontros. Sem queixas então, mas isso não exclui estarmos atentos, para não sermos surpreendidos um dia, como já aconteceu a Lacan, em que é a psicanálise mesma, que é finalmente expulsa de sua Escola pelo real mesmo que a constitui. Voltando ao texto da *Direção do Tratamento*, sabemos que nele Lacan indica como alguns analistas pós-freudianos se ocuparam decididamente de parcializar e desviar alguns dos avanços freudianos. Pois bem, como o recalcado sempre retorna, os desvios e as degradações que podemos fazer do Campo que tanto Freud como Lacan abriram para a psicanálise, podem estar *ainda* vigentes na Escola. Construímos os sintomas para lembrarmos o que “esquecemos” e *Cem anos de Solidão*, já vividos ou por viver, não requerem precisamente o esquecimento como hóspede. Os habitantes de

¹⁵ Jacques Lacan (1958). “A direção do tratamento e os princípios do seu poder” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 591-652.

Macondo, nos dizia nosso Nobel Garcia Márquez, estavam “*dispostos a lutar contra o esquecimento*”. Eles sabiam das infinitas possibilidades do esquecimento e para evitá-lo, esperavam a chegada dos ciganos, essa heteridade que chegava com seus maravilhosos inventos: a lupa, a bússola, o gelo. O inédito quebrava a monotonia e a repetição incessante que pode filtrar-se em toda Comunidade. Por isso a Macondo, a esse povo de loucos, não acabou a solidão; ao contrário, esta fez sua singularidade, seu traço particular *enquanto contaram com o real* desse furo nodular escrito nos pergaminhos de Melquíades. Resistindo ao esquecimento, toda Escola, apesar de suas pequenas guerras, deve tentar sustentar-se como refúgio, como o bom porto que acolhe o ensino, os laços de trabalho, a experiência singular, *o desejo com todos seus paradoxos*. Como membros da Escola, como membros da CIG a pergunta não pode ser outra: *Temos atuado conforme nosso desejo?* Lacan nos disse que “ceder de seu desejo acompanha-se sempre no destino do sujeito – observarão isso em cada caso, reparem em sua dimensão – de alguma traição”.¹⁶ A pergunta – se temos atuado conforme nosso desejo – cada um na sua função nesta Comunidade, cada um de nós responderá para si de acordo com sua concepção de Escola e sua responsabilidade com ela. Só me resta dizer que, se reduzimos o rigor, se sucumbimos ao esquecimento do fundamental, talvez a psicanálise, não lhe agouremos o pequeno rabo de porco que se infiltrou na cidade de Macondo, porém sim os efeitos do real que, ao se impor, arrasa *a letra*, os pergaminhos, a experiência viva, com todo seu peso e todo seu valor. A cidade dos *Cem anos de Solidão* estava condenada a perder sua “realidade capturada pelas palavras”, pois ela teria de “evadir-se sem remédio quando esqueceram os valores da letra escrita”.¹⁷ Este foi seu final, não contar com as consequências do esquecimento e não proteger o valor da letra escrita, que terminou derrubando o trabalho *capturado pelas palavras*. Não é disso que deve estar advertida uma Escola de psicanálise? Advertida do risco de não acolher a eficácia da linguagem sobre o real e o gozo, quer dizer, *da experiência original* que, como fonte de ensino, corresponde para nós como Escola, escutá-los *à letra*. O descobrimento que nos fundou tem mais de cem anos, porém não são estes, nem o tempo, os problemas da Psicanálise, pois como nos indica a clínica, não se trata do cronológico, nem dos fatos ocorridos na história de um sujeito ou de uma Comunidade; trata-se do que se tem feito com isso. Temos ainda um trabalho de Escola e como lembra Lacan no seu texto *A Psicanálise. Razão de um fracasso*. Para voltar ao que é nosso, “a tarefa é a psicanálise”.¹⁸ Uma tarefa nada cômoda, mas que pode criar laços com os outros, com a vida, laços para o desejo. Isto me lembra as palavras de outro dos habitantes de Macondo “o segredo de uma boa velhice é um pacto honesto com a solidão”.¹⁹ O pacto de resistir ao esquecimento, de saber fazer com o real ali implicado. Não é esta a única forma de conservar a experiência? Minha pergunta para a Escola... estamos à altura disso?

Tradução de Elena Perez Alonso e Revisão de Bela Malvina Szajdenfisz

Sol APARICIO (França)

O passe contra o esquecimento

A questão que nos foi proposta, mais além do balanço que ela implica, é desconfortável. E é aí que está o seu interesse. Como responder de outro modo que em meu nome próprio? Então, o que fazer do *nós* sobre o qual *eu* fui convidada a me ater? Lacan me indica uma resposta: “o coletivo não é nada que o sujeito do individual”. É preciso reconhecer uma lógica coletiva em

¹⁶ Jacques Lacan (1959-1960). *O Seminário – Livro 7 – A ética na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 384.

¹⁷ Gabriel Garcia Márquez (1967). *Cem anos de solidão*. São Paulo: Record, p. 45.

¹⁸ Jacques Lacan (1967). “A psicanálise. Razão de um fracasso” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 346.

¹⁹ Gabriel Garcia Márquez (1967). *Cem anos de solidão, op. cit.*, p. 162.

curso, que me determina, para tanto é preciso supor uma temporalidade, diferente para cada um. Eu só posso ser no tempo em que eu estou.

“Nossa experiência de Escola”, não é nossa experiência de associação nem de grupo, de fóruns nem de colégios.²⁰ Mas do que Lacan fundou e definiu, faz exatamente meio século, como distinto das ditas sociedades analíticas – pois, como ele veio a dizer mais tarde, não existe “verdadeiramente sociedade fundada no discurso analítico”.²¹ Mas, uma escola o é.

A Escola, definida, então, desde a sua fundação como lugar de refúgio contra o mal-estar na psicanálise, “pretende oferecer seu campo não somente a um trabalho de crítica: mas também à abertura do fundamento da experiência, ao questionamento do estilo de vida em que ela desemboca”.²²

Ora, no ensino de Lacan, o que é que dá seu campo à abertura do fundamento da experiência analítica senão o procedimento do passe? O passe, do qual Lacan parecia já esboçar o projeto em 1964, ao afirmar exigível “o encontro do que há de mais válido numa experiência pessoal com aqueles que a submeterão a testemunhar, tomando-a por um bem comum” – isso a fim de não eludir “o problema do desejo” no “o próprio psicanalista”.²³

Essas palavras introdutórias deixam entrever algo sobre nossa experiência de Escola. Hoje irei me deter sobre o que essa experiência me permitiu extrair acerca do lugar ocupado pelo procedimento do passe e sua função na Escola.

Como membro do Colegiado Internacional da Garantia, inicialmente, participei de vários cartéis efêmeros durante o período de 2004-2006, depois de um cartel permanente durante o período de 2008-2010. Esses cartéis nomearam quatro dos doze A.E.s que nossa Escola internacional nomeou até a presente data. Experiência limitada,²⁴ mas suficiente para *realizar* esse fato essencial, que outros também sublinharam e que gostaria de lembrá-los: o dispositivo do passe constitui um lugar único, o único, onde analistas podem interrogar juntos, entre vários, o coração mesmo, o íntimo, da experiência de *uma* análise – interrogar o que pode ser dela transmitido.

O dispositivo engaja, a cada vez, num trabalho comum o passante, os membros dos cartéis, os passadores e seus analistas – se bem que, depois de alguns anos, o número daqueles que têm participado deve, agora, aumentar na nossa Escola. E como os membros dos cartéis são eleitos diretamente pelos membros da Escola, não é toda a Escola que “participa de forma engajada” – isso foi destacado de forma pertinente por Stéphanie Gilet durante o nosso precedente Encontro.²⁵ É tão mais verdadeiro que essa elaboração comum vai ressaltar e prosseguir alhures e com outros, nos outros cartéis, nos seminários. Ela está à disposição de todos através das publicações regulares dos trabalhos decorrentes da experiência do passe no *Wunsch*, desde o nº1, publicado em março de 2005. Estamos atualmente no nº13.

Podemos dizer que o procedimento do passe constitui, no seio da Escola, a condição da possibilidade de uma tal reflexão em comum que é pouco comum, diretamente fundada na experiência analítica, sobre o que está em jogo no discurso analítico, discurso do qual a Escola é responsável.

O passe, o momento de passagem à analista, mesmo que o meio analítico reconheça sua existência, e mesmo se considerássemos que somente uma análise terminada poderia conduzir alguém a tornar-se analista, ele ficou inédito até 1967. Essa é data em que Lacan propôs recolher testemunhos do passe no seio da sua Escola, a título de experiência provisória com fins de

²⁰ *Collège*, em francês, diz respeito ao Colégios Clínicos ou às Formações clínicas do Campo Lacaniano.

²¹ Jacques Lacan (1974). “A terceira (Intervenção no Congresso de Rome, novembro 1974)”. In: *Lettres de l'EFPP*, nº16, 1975.

²² Jacques Lacan (1964). “Ato de fundação (Préambule, 21/06/1964). In: *Outros escritos*. Paris: Seuil, 2003, p. 244.

²³ Jacques Lacan (1964). “Ato de fundação”, *op. cit.*, p. 245.

²⁴ Dessa participação nos cartéis do passe sucederam vários textos publicados na *Wunsch* nº 7, 8, 10, no *Mensuel* nº 54, 62, em *L'Enjeu* nº6, *Champ Lacanien*, e *Revue de Psychanalyse* nº 7.

²⁵ Stéphanie Gilet-Le Bon (2012). “L'affaire du 9 octobre” In: *Champ Lacanien – Revue de Psychanalyse* nº11, maio 2012.

enquete, e foi quando ele inventou o dispositivo *ad hoc*, que nós retomamos.²⁶ O caráter contingente dessa proposta de Lacan e de sua invenção é evidente.

O passe tem, portanto, um caráter necessário. É o que tentava argumentar. Para muitos da assembleia o funcionamento do passe é próprio da Escola, mas como podemos ignorar que para muitos não é o caso?

Que haja uma necessidade do passe, não supõe que ele seja obrigatório. Podemos dizer, como Lacan tinha feito acerca da supervisão, que o passe se impõe, ele se impõe à Escola. Para os analisantes na passagem de tornarem-se analistas, a Escola mantém sua condição de oferta, oferta inicial de Lacan que nossa Escola decidiu renovar e atualizar.

Essa necessidade do passe parece, hoje, demonstrada pelo fato de sua adoção nas diferentes escolas lacanianas existentes. Senão, por que elas o teriam adotado? Com o passar dos anos, o fato merece ser destacado. Os tempos atuais, pelo menos na França, são, por exemplo, aqueles em que vemos ser redifundidas a carta escrita em 1977 por um analista da Escola Freudiana de Paris que tinha exercido a função de passador e que, na continuidade do que foi sua experiência no passe, decidiu retirar-se da Escola. Tal ato colocou em cheque a causa e o procedimento do passe e da Escola, mostrando que a Escola, não funcionava melhor do que as Sociedades contra as quais Lacan tinha fundado a EFP. A leitura desse documento “histórico” é útil. Como é revelador da subjetividade de nossa época, ao menos no meio analítico, o fato que seja hoje “colocado numa rede” em um site que se mostra como “o portal da psicanálise francófona”. Não existiria aí uma resistência ao discurso analítico ao se colocar a questão do passe de forma velada? Deveremos reconhecer aí uma persistência de um mal-estar na psicanálise?

Visar à necessidade do passe é outra coisa que se debruçar sobre os seus resultados. Talvez não tanto assim, se não limitarmos os resultados às nomeações. Pois é desses resultados que podemos deduzir a que serve o passe.

Como e de que maneira medir os resultados do passe? Seriam eles em grande medida incalculáveis, uma vez que somente são verificáveis pelos seus efeitos posteriores? O passe representa, nesse sentido, um risco, e não uma garantia – em si mesmo sabemos que é a ausência de garantia que funda sua razão de ser. O passe não é a nomeação, mesmo que seja a única prova do resultado. Ela não é, entretanto, o único resultado que deve contar. Não se trata de desconhecer a indiscutível importância das nomeações. Mas cabe considerar, separadamente, a importância que é a existência do passe, em si mesmo, e considerar que há uma necessidade da existência do dispositivo.

Lacan gostaria que os resultados do passe na EFP fossem comunicados. Ele pronunciou-se sobre isso em diferentes momentos, de diferentes formas, que deixavam entender a dificuldade de uma tal “avaliação”, sempre fazendo passar-se por uma outra coisa. Eu me detive em três, para defender o argumento do meu trabalho.

1. Primeiro, durante uma lição de “O saber do psicanalista”, ele diz: “o passe é falho”.²⁷ Podemos entender no “falho” a ambiguidade de “falho” dos atos destacados por Freud nesse sentido: desconhecemos a que eles têm sucesso, já que só se pode verificar no *a posteriori*. Lacan já tinha avançado no seu Seminário que “a dimensão própria do ato” – e precisava: do ato sexual, mas também de todos os atos –, “é o fracasso”.²⁸ (Se o passe é um ato, ele comporta então um fracasso). Ele sublinha, na mesma época, que “o fracasso é uma das formas de sucesso”, e propõe o seguinte exemplo: seu próprio fracasso, “o fracasso de seus esforços para desenodar a parada do pensamento psicanalítico”,²⁹ tinha tido êxito em fazer com que os psicanalistas se

²⁶ Com a modificação que constitui a introdução de nossos cartéis internacionais no lugar do júri de habilitação

²⁷ Jacques Lacan (1971-1972). “O saber do psicanalista (Aula de 01/04/1972) In: *O Seminário – Livro XIX – ...ou pire*. Paris: Seuil, pp. 194-195.

²⁸ Jacques Lacan (1968-1969). *O Seminário – Livro XVI – De um Outro ao outro* (Aula de 04/06/1969). Paris: Seuil, 2006.

²⁹ Jacques Lacan (1968). “A psicanálise. Razão de um fracasso” In: *Outros Escritos*. Paris: Seuil, 2001, p. 349.

preocupassem em saber “qual é a divisão entre o discurso analítico e os outros”.³⁰ Esse êxito é ponto sobre o qual ele vai insistir no ano seguinte.

2. Isso acontece no congresso da EFP na Grande Motte.³¹ Lacan apresenta o primeiro resultado obtido com sua proposição, que não foi muito encorajador: “a fuga desbaratada” de um certo número de pessoas cujo apoio e fidelidade eram importantes. Ora a evocação dessa perda, permite que Lacan aponte, tendo em conta o avanço feito sobre os discursos, que a forma de recrutamento habitual até então pelo “reconhecimento comum”, funcionava segundo o discurso do mestre. Ao que justamente sua proposição objetava um modo de recrutamento “mais em conformidade” com o discurso analítico. *Acreditar ou não acreditar no inconsciente para se recrutar...*, isso que está em jogo. Razão porque eu falava um pouco antes de uma resistência ao discurso analítico.

Ao mesmo tempo, Lacan julga digno de ser demarcado um outro resultado, clínico este, mas sem incidência institucional: *o clarão*, o esclarecimento trazido pelo passe para alguns, sobre “uma certa parte sombria” de suas análises, revelou-se para eles “uma experiência completamente perturbadora”.³²

A experiência de alguns merecia então ser levada em consideração. Com efeito, constata-se que o passe constitui “uma experiência radicalmente nova”. Dito de outro modo, uma experiência diferente da experiência de análise inaugurada por Freud, pois mesmo que seja fundada sobre ela, diria que é incongruente com a ela.

3. Enfim, na conclusão do congresso de Deauville, em janeiro de 1978, surgem umas palavras que pareceram terem sido recebidas como um veredito: “é evidente, é um fracasso completo este passe”. Lacan retorna então sobre o que ele esperava do passe, dos testemunhos sobre as questões que ele se colocava: como a passagem a analista se produz? Ele constata que não as obteve. “Mas é preciso dizer”, insiste ele, “que para se constituir como analista é preciso estar bizarramente apaixonado; apaixonado por Freud principalmente, ou seja, acreditar nesta coisa completamente louca que chamamos o inconsciente e que tinha tentado traduzir pelo sujeito-suposto-saber”.³³

Alguns dias depois, no seu seminário *O momento de concluir*, incansável, Lacan lembra ainda porque ele “produziu” o passe, ele enuncia mais uma vez seu objetivo: saber o que leva um analisante a receber pessoas que demandam uma análise – mas, desta vez, ele não faz menção de nenhum fracasso.

Entre o congresso da Grande Motte e o de Deauville, houve a redação do “Prefácio a edição inglesa do *Seminário XI*”, bastante trabalhado na nossa Escola. Lacan realiza um “remanejamento”³⁴, Colette Soler desenvolveu isso no I Encontro de Escola. Ele apresenta nesse texto o resultado do trabalho de doutrina a que ele tinha convidado os júrís dos passes no texto da “Proposição”. Aí também não encontramos referência a um fracasso, mas a uma retomada da questão.

O que concluir disso, a não ser que o que importa é a questão colocada, é que a questão continua sendo colocada? Pois, a passagem a analista permanece uma questão.³⁵ É a questão – cuja resposta falta ainda.

³⁰ Jacques Lacan (1972). “Conferência na Universidade de Milão” (15/05/1972).

³¹ Jacques Lacan (1973). “Intervenção na lição ‘Sobre o passe’ (03/11/1973 na Grande Motte)” In: *Lettres de l'École freudienne*, 1975, nº15.

³² Lacan retoma isso depois ao falar do destaque inesperadamente percebido sobre algo que o sujeito pensava fazer parte do passado. Cf. J. Lacan, *O Seminário – Livro XXI – Les non-dupes errent*. Inédito (Aula de 13/11/1973).

³³ Jacques Lacan (1978). “Conclusion aux Assises de l'EFP sur l'expérience de la passe” (07 e 08/01/1978), Deauville, *Lettres de l'École freudienne*, abril 1978, nº23.

³⁴ Colette Soler nesta ocasião mostrou que Lacan no “Prefácio” introduz de novo e ainda destaca que um tempo era necessário “para compreender o avanço clínico do remanejamento”. Cf. C. Soler “As condições do ato: como reconhecê-lo” In: Wunsch nº8, *op. cit.*

³⁵ Cf. S. Aparicio, “Persistence d'une question”, *Mensuel* nº54, outubro 2010.

O que importa é evitar o esquecimento da questão – sem a qual não existiria nada de *historicização* da análise. Qual analisante feliz dos benefícios de sua análise se deterá para *historicizar*? A experiência estaria prometida ao esquecimento pelo seu sucesso, pelos seus efeitos terapêuticos, que engendram um esquecimento sobretudo salubre, se não houvesse um desejo de saber para ir contra.

O passe *contra o esquecimento*, ele o contraria, ele se opõe ao esquecimento.

O dispositivo do passe é de tal ordem que ele abre o campo fechado da análise, esse laço social a dois, para o coletivo. Ele estabelece um ponto de junção entre a *intensão* e *extensão*³⁶. Com sua invenção, Lacan “prolongou” Freud – lá onde, para evitar a extinção da psicanálise, ele tinha “se arriscado a uma certa parada” ao promover “sociedades analíticas”. O risco, vocês não de convir, continua atual.

Então, aí está em que a existência do dispositivo se mostra necessária e qual é a função do passe na Escola: evitar que o discurso do mestre domine, regulamentando o funcionamento dos grupos; apostar sempre no dizer singular dos passantes e sobre as elaborações coletivas que podem daí surgir, para tentar assegurar a existência do discurso analítico...

Tradução de Andréa H. Fernandes

SEGUNDA SEQUÊNCIA

Nossa experiência do passe: testemunhos, ensinamentos...

Anatasia TZAVIDOPOULOU (França)

O tempo de uma história

Eu não pensava no passe. Tinha lido rapidamente alguns textos de Lacan e vagamente escutado intervenções de colegas passadores, passantes ou membros de Cartéis do passe. Eu ainda não havia sequer pronunciado a palavra “passe” na minha análise; eu era, sobretudo, reticente a esse dispositivo que me parecia místico e incompreensível.

Aceitar minha designação de passador era antes uma falta de escolha. Eu não pude não aceitá-la. E as manifestações, tanto descritas por colegas, não aconteciam comigo: sem angústia, sem entusiasmo, sem sonhos – ao menos no primeiro momento. Apenas uma preocupação: aquela de transmitir bem. Lacan sublinhava em 1973: “O que esperamos deles (dos passadores) é um testemunho, uma transmissão de uma experiência, enquanto ela não é, justamente, endereçada a um veterano, a um ancião”³⁷.

Esta preocupação de transmitir bem – Lacan fala de um “testemunho justo” – foi seguida por uma questão: aquela quanto à minha legitimidade para completar essa tarefa. E por um sonho: depois de ter sutilmente roubado as chaves do consultório de um analista da Escola – de um veterano – eu ali me instalo a fim de receber pacientes. Em plena ilegitimidade, portanto!

O título da minha intervenção “O tempo de uma história” evocaria, antes, o título de uma novela, que aquele de uma intervenção sobre o passe. Existe uma razão para isso. A narrativa do passante, da qual eu era testemunha, era baseada numa história pessoal e familiar

³⁶ Cf. a distinção entre psicanálise em extensão e psicanálise em intensão introduzida por Lacan na “Proposição de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 261.

³⁷ Jacques Lacan (1973). “Congrès de l'École Freudienne de Paris La Grande Motte – Intervention dans la séance 1 de travail ‘Sur la passe’ du samedi 3 novembre 1973”. Inédito.

difícil: pobreza, exílio, abandonos, desaparecimentos, prisão, hospitalização psiquiátrica; muitos episódios dramáticos. Entretanto, ela fora contada como um romance, sem paixão, nem tragédia, com uma certa leveza, uma certa distância, uma transcendência temporal. Um dizer pôde surgir. Isso me levou a refletir sobre a amarração do tempo e da história nessa narrativa de testemunho de passe; e orientou minha reflexão, fruto dessa experiência de passador.

De que história se trata, quando os fatos – mesmo que fatos trágicos – se apagam na narrativa do passante para se fazer escutar alguma outra coisa? Era esta a questão que ficara para mim, na sequência do nosso encontro.

Lacan, em 1976, designa o passe como “essa colocação em prova da historisterização da análise”³⁸. A ortografia da palavra historisterização (*hystorisation*), sublinha a relação dialética da histórica (*hystérique*) ao saber; um saber ligado à verdade. O sujeito em análise se “historisteriza”, cria sua *hystoire* (com y), diferente da história dos fatos de sua vida. Na narrativa do passante, sua história obscura desaparecia por detrás da narrativa da histericização de sua análise. Não se tratava mais de uma narrativa de fatos, mas de uma “re-escritura” desta história com significantes, com formações do inconsciente – uma “história significativa” se posso dizer. Daí minha surpresa: pressupunha-se que eu soubesse que a experiência analítica não é uma narrativa da história do passado, mas sua “reabilitação”. Lacan escreve em 1953: “O que nós ensinamos ao sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história (ainda com um i nesta citação – parênteses da autora) – ou seja, que nós o ajudamos a perfazer a historisterização atual dos fatos que já determinaram, na sua existência, um certo número de “giros” históricos. Mas se eles tiveram este papel, assim se faz já enquanto fatos de história; ou seja, enquanto que reconhecidos num certo sentido ou censurados numa certa ordem”³⁹. “Perfazer, portanto, a historização atual dos fatos” (*l'hystorisation* com um i) em favor de uma histericização (*hystorisation*, com um y).

Esta historisterização da análise, como Lacan dizia em 1976, “a deixou à disposição daqueles que se arriscam a testemunhar da melhor maneira a verdade mentirosa”⁴⁰. Uma verdade que não está ligada senão à história, aos fatos, aos eventos da vida do passante; mas dissimulada nos significantes e suas escansões, nos sonhos, nos lapsos; dissimulada nas águas turvas da sua narrativa. Não se tratava de transmitir a história (com um i ou y) do sujeito (com um i ou um y), nem mesmo sua historisterização. Tratava-se de transmitir algo da historisterização de sua análise pelas junções chaves. Isto, eu não pude formular senão depois do Cartel do passe, numa elaboração a posteriori, produto do trabalho que exponho hoje.

Esta re-escritura da história me leva ao segundo ponto da minha intervenção: a noção do tempo na experiência do dispositivo do passe. É muito conhecida a tese freudiana de que o inconsciente não reconhece o tempo. Cito Freud na *Metapsicologia*: “Os processos do sistema Ics são atemporais, ou seja, não são ordenados temporalmente; não se veem modificados pelo tempo que corre, não têm absolutamente nenhuma relação com o tempo. A relação temporal, ela também, depende do trabalho do sistema Cs”⁴¹. O inconsciente não é ordenado pela temporalidade. O tempo que passa, o tempo da história, o tempo da sucessão dos fatos, não é o tempo que determina o sujeito, nem os processos psíquicos do sistema inconsciente. Esta atemporalidade do inconsciente concerne ao tempo cronológico. Todavia, há um tempo. Mas qual?

Na narrativa do passante, não se tratava de um tempo linear que determinasse um antes e um depois numa ordem temporal – mesmo se este tempo fosse necessário para situar e sustentar o fio da história, enodada em torno de episódios, de eventos chaves e de acasos da vida. Se uma transmissão foi possível, foi graças a um outro tempo; um tempo articulado à produção significativa da narrativa do passante, que visava circunscrever alguns momentos, alguns

³⁸ Jacques Lacan (1976). “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 569.

³⁹ Jacques Lacan (1953). “Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse” In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 261.

⁴⁰ Jacques Lacan (1976). “Préface à l’édition anglaise du *Séminaire XI*” In: *Autres Écrits*. Paris: Seuil, 2001, p. 573.

⁴¹ Sigmund Freud (1915). “L’inconscient” In: *Métapsychologie*. Paris: PUF, 2010, p.70.

instantes, que perduraram e determinaram sua subjetividade. Um tempo gramatical durante o qual os significantes se realocaram num a posteriori, num segundo tempo, para permitir uma conclusão. Assim, na narrativa do passante, o significante “atrás”⁴² – significante ligado a uma cena infantil sexual –, depois de várias voltas e desvios em diferentes tempos e conjugações sustentados por um trabalho inconsciente, se recoloca retroativamente num “ser atrás”⁴³, enunciado a partir de uma posição analítica que indicaria alguma coisa do lado do desejo do analista.

Lacan nos dá algumas indicações no seu Seminário de 1959. Eu o cito: “...o tempo, na sua constituição mesma, passado-presente-futuro – estes tempos da gramática –, se localiza, e devido a nada mais do que o ato de palavra. O presente é este momento no qual eu falo e nada mais. É-nos estritamente impossível de conceber uma temporalidade na sua dimensão animal, ou seja, na sua dimensão de apetite. O b, a, ba da temporalidade exige mesmo a estrutura na linguagem”.⁴⁴ Tratava-se, nesta experiência de passe, da transmissão de uma temporalidade articulada à linguagem, da transmissão de uma temporalidade subjetiva, produto de enunciados do passante.

O passador é, portanto, chamado a receber um testemunho, transmiti-lo ao Cartel do passe para produzir um trabalho; “seus resultados devem ser comunicados à Escola”⁴⁵ dizia Lacan.

Na sequência desta reflexão em torno da questão do tempo, eu cito de novo Lacan em 1967: “De onde se poderia, portanto, ser esperado um testemunho justo sobre aquele que atravessa este passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, este passe...”.⁴⁶ Neste trecho, Lacan coloca a temporalidade do lado do passador: “o passador é o passe”, uma tautologia entre o passe e o passador. Como escutá-la?

Eu lhes proponho uma leitura da formulação “o passador é ainda o passe” com o suporte da transferência. Eu me explico: em que medida o passador estaria em condição de escutar alguém, que conta algo das águas turvas de sua análise, de sua historização, se não é porque ele mesmo não se encontra nesta oscilação de uma “dessuposição” do sujeito-suposto-saber? Lacan, no mesmo texto, fala do “sujeito suposto saber como formação (...) destacada do psicanalisante”.⁴⁷ O passador, sujeito em análise, desliza nesta falha na qual o saber falta, falta do lado do sujeito, falta do lado do Outro. O Outro, como lugar do saber, é identificado como um lugar incompleto, faltoso [S de (A) barrado] para que um outro saber possa surgir. A relação transferencial perde algo de seu brilho agalmático. Avanço, portanto, a seguinte hipótese: o passador está ainda neste momento de passe, de oscilação, no qual a “dessuposição” do sujeito suposto saber “pressiona”⁴⁸ a transferência no dispositivo de sua cura, em direção a uma transferência sem o apoio necessário do psicanalista. Entendo o verbo “pressionar” no seu sentido etimológico do verbo latino “*pressare*” que significa “apertar”, “condensar”, “ordenhar”, mas também “apressar”.⁴⁹

O passador recebe um testemunho, um testemunho singular que não se parece com nenhum outro. Ele transmite um pedaço deste testemunho, um dizer ao Cartel do passe para que uma elaboração e uma comunicação possam ser feitas no contexto do dispositivo da Escola. “Tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados”⁵⁰ dizia Lacan. A transferência com a

⁴² (N.T.) No original *derrière*.

⁴³ (N.T.) No original: “*être derrière*”.

⁴⁴ Jacques Lacan (1958-1959). *O Seminário – Livro VI – O Desejo e sua interpretação* (Aula de 08/04/1959).

⁴⁵ Jacques Lacan (1967). “Proposição do 9 octobre 1967” In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001, p. 255.

⁴⁶ *Ibid.* p.255.

⁴⁷ Jacques Lacan (1967). “Proposição do 9 de outubro de 1967” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 254.

⁴⁸ (N.T.) No original *presser*.

⁴⁹ (N.T.) No original *serrer, condenser, traire, bâter*.

⁵⁰ Jacques Lacan (1974). “Nota italiana” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 315.

psicanálise, como também um saber suposto a uma Escola, são duas condições necessárias para que isso se torne possível.

Nesta experiência, tratou-se para mim de um encontro. Um encontro com a Escola que me incitou a fornecer meu testemunho na transferência de um trabalho. Como Elisabete Thamer sublinhava: “... o passador encontra a Escola. O passador é empurrado para fora do casulo de sua experiência pessoal, em direção às questões cruciais da psicanálise e da comunidade analítica”.⁵¹

Uma última observação para concluir: Lacan colocou o passador – que, como ele o precisa, não deve ser um “veterano” – como um terceiro no centro de um dispositivo. “... o papel dos passadores – afirmava em 1973 – é a própria trípole que o garantirá, até nova ordem, já que o grupo só tem esses três pés”.⁵² Se o passe se torna um dos dispositivos essenciais para a transmissão da psicanálise, assim se faz – me parece – com uma certa garantia e responsabilidade do passador: transmitir e testemunhar algo de uma experiência singular significa dar um fôlego novo à psicanálise, e a preservar dos significantes insistentes que circulam frequentemente na comunidade analítica e encobrem o pensamento. E também para contradizer, “uma vez”,⁵³ a profecia de Lacan, quando ele dizia em 1977: “Trata-se de saber se, sim ou não, Freud é um evento histórico. Freud não é um evento histórico, eu acredito que ele falhou, como eu; em pouco tempo, todo mundo não se importará com a psicanálise”.⁵⁴

Tradução de Guilberme Oliveira

Andrea DELL’UOMO (Itália)

A experiência do insabido que sabe

Escolhi, para qualificar minha experiência enquanto passadora, este equívoco homofônico lançado por Lacan em seu Seminário de 76/77⁵⁵ e relançado por Colette Soler no nosso último encontro de Escola em 2011. O interesse primeiro que encontrei nessa homofonia é que ela só se revela ao se diminuir a velocidade da pronúncia. É somente ao se marcar a articulação constitutiva dos fonemas da palavra “*insuccès*” (insucesso) que descobrimos o sintagma “*insu que sait*” (insabido que sabe). A experiência do passador é, com efeito, desde o início, uma experiência de velocidade, na qual o insucesso está em jogo. Projetado a toda velocidade na experiência pela designação, que desacomoda o divã no qual, após o tempo de travessia da fantasia, se recomeçou a rondar o vazio um pouco mais do que antes. Estando, como apontou Colette Soler⁵⁶, em uma zona de turbulência, pois se está em vias de procurar a saída do processo, sabe-se assim, por experiência, que com o inconsciente, aquele que procura não encontra.

Ao longo da análise, isso acontece antes de ser encontrado: sobre o divã se é encontrado pelos “*eureka*” de nosso próprio inconsciente, ao passo que no momento da recepção do telefonema do passante que tirou ao acaso o seu nome, isso vem de fora, de maneira que direi que o primeiro efeito da chamada do passante é o de se ampliar muito o campo. É somente *a posteriori* que você se percebe que, ao responder ao chamado, você se engajou em alguma coisa enormemente mais problemática e interessante do que as preocupações cotidianas com as quais você preenche ainda as orelhas de seu analista: nada menos que a transmissão de um saber

⁵¹ Elisabete Thamer (2011). “Quelques questions issues de l’expérience de passeur” In: *Mensuel* nº 62.

⁵² Jacques Lacan (1974). “Nota italiana” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 315.

⁵³ (N.T.) No original *pour une fois*, expressão que também significa “excepcionalmente”.

⁵⁴ Jacques Lacan (1977). “Conférence prononcée le 26 février 1977 à Bruxelles”. Inédito.

⁵⁵ Jacques Lacan (1976-1977). *O Seminário – Livro XXIV – L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*. Inédito.

⁵⁶ Colette Soler (2012). “O passador”. In: *Wunsch* 12, EPFCL, 2012, p. 03

descoberto pela psicanálise e que, por definição, nos escapa. Como então capturá-lo, senão pelo insucesso?

Para além da certeza pessoal de um sujeito que se quer sujeito assegurado de saber o impossível, no dispositivo do passe alguns outros também devem encontrar uma convicção pessoal a respeito desta nova segurança afirmada pelo sujeito. Uma primeira questão, colocada pela escuta dos testemunhos, assim como a leitura dos trabalhos dos cartéis, concerne esta segurança: é outra não fantasmática? Ou bem estão elas enodadas? Sim, mas como? *descomozando*⁵⁷ justamente⁵⁸, com o equívoco de “O Aturdito”⁵⁹ que Colette Soler nos lembrou em seu prelúdio ao nosso iminente Encontro da Internacional dos Fóruns. Para começar a trabalhar esta questão complexa, saída de minha experiência, fui levada a pensar ingenuamente o dispositivo do passe como uma colocação à prova da substituição possível. Há, com efeito, substituição entre passante e passador junto ao cartel do passe, e entre passador e passador para o testemunho. Sabemos bem, com Lacan, que a substituição é de início a operação pela qual a criança “arranca as coisas da ingenuidade destas, submetendo-as a suas metáforas”.⁶⁰ Essa substituição advém sempre com uma margem de insucesso, como toda a clínica o demonstra. Esta margem, impossível de se reduzir, é a margem do recalco primordial de Freud, que Lacan terminou por traduzir pela topologia da palavra com o buraco do simbólico no nó borromeano.

Quero pontuar, então, a distância permitida pela substituição, que torna possível tratar questões íntimas segundo a lógica do significante, mais do que sob o ângulo imaginário da relação ao semelhante, através de um dispositivo fundado sobre o “encontrar”, portanto, sobre os tropeços da linguagem. O que me pareceu propício para favorecer a causa do desejo mais do que as paixões das pessoas, e para se medir com o insucesso que aí vai junto. No entanto, a substituição não é evidentemente a última palavra do processo, pois é necessário, como vocês sabem, que as palavras encontradas pelo passante tenham efeitos sobre os passadores, coisa que eles testemunham às vezes.

Lacan, falando aos estudantes norte-americanos em 1975,⁶¹ testemunhou sua passagem à psicanálise por um encontro. Para que possam participar do entusiasmo engendrado pela tarefa do passador, proponho aproximá-lo do encontro passante-passador. Nesse encontro célebre, Lacan se faz passador, junto aos psiquiatras de seu tempo, do testemunho de uma paciente sobre o real de uma estrutura que não pode, através do amor, remediar a inexistência da relação sexual entre homem e mulher, como ele explicou precisamente⁶² na mesma ocasião, voltando sobre sua tese de doutorado em medicina. Não é, portanto, por acaso que ele a nomeia Aimée⁶³ e faço a hipótese, seguramente arriscada, de que isso tem relação com a tarefa do passador, aquela de tomar eventualmente uma nomeação saída do buraco do simbólico e que produziu um efeito

⁵⁷ “Este “*descomozando*” convoca a palavra e sua topologia, e nega toda tentativa de organo-dinamismo e sua topologia, passado ou presente, o de Henri Ey ou aquele do neurocomportamentalismo”. Soler, C. O desejo pego pelo... Prelúdio 17 do IV Encontro Internacional da EPFCL-Paris – julho de 2014. In: <http://paris2014.champlacanian.net/?p=1242&lang=pt>

⁵⁸ (N.T.) No original “*Oui, mais comment? mécomment justemen?*”.

⁵⁹ Jacques Lacan (1972). “O aturdito” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 461

⁶⁰“(…) o efeito da substituição significante, era precisamente aquilo que primeiro a criança encontra [trouve], devendo essa palavra ser tomada literalmente nas línguas românicas, onde encontrar vem de “tropo”, pois é pelo jogo da substituição significante que a criança arranca as coisas da ingenuidade destas, submetendo-as a suas metáforas”. J. Lacan, “Sobre a teoria do simbolismo de Ernest Jones” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 716.

⁶¹ Jacques Lacan (1975). “Yale University, Kenzer Seminar”. In: *Scilicet* 6/7, 1975, p. 7-31.

⁶² *Ibid.* “É certo que vim à medicina porque eu tinha a suspeita de que a relação entre o homem e a mulher joga um papel determinante nos sintomas dos seres humanos. Isso progressivamente me impulsionou em direção àqueles que aí não foram bem sucedidos, pois podemos certamente dizer que a psicose é uma sorte de falência no que concerne à realização daquilo que é chamado amor”.

⁶³ (N.T.) *Amada*, em português.

sobre ele. Lacan escutou Aimée como um passador e sua teoria ulterior tem sido consagrada a construir a estrutura da experiência e propor o dispositivo para verificá-la.

O passador então, depois de ter sido encontrado pelo passante na urna do sorteio, se encontra ele mesmo no centro do dispositivo no qual ele será chamado a substituir o passante junto ao cartel; portanto, ele é ao mesmo tempo aquele que é encontrado e o que pode encontrar, pois dele é esperado poder assinalar alguma coisa que autentique o testemunho do passante. Hoje vou partir do fato de que o passador está na condição ideal para encontrar, pois ele se encontra sem nenhuma ideia prévia do que procura. Essa consideração foi o moderador de velocidade e o instrumento teórico que utilizei para pensar a experiência. Com efeito, se descobrir engajado, o que para Lacan é a única mola da experiência,⁶⁴ e sem ter demandado, alivia bastante a tarefa para o passador, reduzindo o imaginário em benefício da possibilidade de melhor cernir a “fixação real do gozo”⁶⁵ que pode limitar a substituição possível.

O passador, com efeito, como Colette Soler evocou, demarcando a zona do passador potencial, está na espera engendrada do saber tomado como objeto, mas ainda sem a solução, o que lhe permite se desembaraçar do amor que aí vai junto. Esta espera “(...) desemboca no insucesso (*insuccès*)”.⁶⁶ O passador o sente de maneira aguda pois ele tomou a medida das negatividades da estrutura linguageira, mas com essa moderação de velocidade permitida pela substituição, ele pode escutá-la por seu “insabido que sabe” (*insu que sait*). Essa tradução do escutado dá a chance de traduzir junto ao cartel os testemunhos dos passantes, levando em conta a traição (outro nome do insucesso) que cada tradução inevitavelmente comporta. Traição em italiano é “*tradire*” que contém a palavra “*dire*” (dizer). Esse “dizer” que o cartel poderá julgar pela autenticação dos tradutores. Será ele um dizer nomeante? É a demanda à qual o passador aportará sua resposta, mesmo sem sabê-lo.

Na experiência, somos sujeito na balança entre dois polos, me parece. Ou o passador se coloca do lado do sentido fálico, no sentido do insucesso como impotência, ou bem do lado objetivo do insabido que sabe, com a impossibilidade de uma tradução que mantenha todo o sentido. No fundo, a decisão do passador se apoia em seu inconsciente. Os ditos do passante podem ter um efeito que pode contrastar o recalçamento, acertando o alvo no inconsciente do passador, que nesse sentido lá, “ele o é ainda, esse passe”.⁶⁷ Só o passador pode testemunhar desta contingência que vem do dizer. É assim que eu me expliquei a famosa frase “(...) os passadores se desonrem ao deixar a coisa incerta”⁶⁸ e isso tem todo seu peso na experiência.

Esse insabido que sabe (*insu que sait*), por conta do em-si do objeto ou do real,⁶⁹ é o insabido que sabe que o saber inconsciente passa com os achados, e que o chiste valorizado por Freud é a chave da transmissão, mesmo se o passador não encontrou ainda, por sua própria conta, o que lhe fará rolha para testemunhá-la como historieta da verdade mentirosa do passe. É, com efeito, ao tomar a medida do achado ou da solução até o seu “sucesso”, a ser escrito das duas maneiras, para o caso feliz do passante, que o passador pode se mobilizar para tomar posição sobre o que ele ouviu. Eu direi então que, em aceitando a subjetivação do insabido, para se arriscar a testemunhá-lo, ao se submeter à prova da substituição, o passante se coloca bem no registro da escolha ética, pois ele toma posição face ao real que lhe é próprio, o real de seu inconsciente, e do qual só ele pode testemunhar, pois ele o cerniu “precisamente porque a negação transferencial do real inverossímil cessou”.⁷⁰ Fim da lógica do que se articula e que o

⁶⁴ (...) “Não direi minha experiência, pois uma experiência só quer dizer uma coisa, é que a gente aí está engajado, e não vejo porque meu engajamento seria preferível”. Jacques Lacan (1974-1975). *O Seminário – Livro XXII – R.S.I.* Inédito (Aula de 15/04/75).

⁶⁵ Colette Soler (2010). “La passe réinventée” In: *Mensuel*, n. 54, EPFCL-France, 2010, p. 58.

⁶⁶ Colette Soler (2012). “O passador” In: *Wunsch* 12, *op.cit.*

⁶⁷ Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 250.

⁶⁸ Jacques Lacan (1974). “Nota Italiana” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 313

⁶⁹ Colette Soler (2012). “O passador” In: *Wunsch* 12, *op.cit.*

⁷⁰ Colette Soler (2010). “La passe réinventée” In: *Mensuel*, n. 54, *op. cit.*

passador pode analisar⁷¹ e começo da singularidade que só o passante pode dizer com sua maneira de colocá-la em palavras, ao risco que os outros não a alcancem, o que não exclui a colocação a trabalho dos passadores primeiramente e da comunidade a seguir, com o ganho de saber e o bem legítimo do processo analítico que se pode verificar hoje.

Em conclusão, descobri que a tradução e o insucesso que ela comporta são uma mola fundamental para se aproximar do passe, pois elas tornam possível se apropriar daquilo que escapa à integralidade da transmissão. Pela mesma operação de “cristalização material”⁷² que produz o sujeito ao se começar a falar, o passante pode tentar dar conta do efeito em sua práxis do percebido do Real de *lalíngua* nos momentos de passe para além da tela fantasmática. É no nível desta fatalidade⁷³ em jogo desde a infância, para cada um de maneira singular, que a margem do “insabido que sabe” toma seu peso e sua significação ulterior que a análise poderá enodar de outra maneira. É nessa margem do insabido que sabe que pude, eu mesma, em nossa experiência de Escola, me enlaçar ainda mais estreitamente com outros analistas que, de maneira nobre, se aventuraram nesse dispositivo precioso para a formação do analista; agradeço aqui a todos eles.

Tradução de Zilda Machado

Jorge Ivan ESCOBAR (Colômbia)

O passe: pass-a-porte ao real

Um sonho assinalou para o sujeito o fim da análise e a despedida de seu analista: “se encontra na área dos banheiros e um centro comercial, saiu do banheiro onde despejou suas misérias corporais, está na área comum, onde há espelhos e pias em companhia de anônimos usuários do serviço, se decide a sair dali, repara cuidadosamente o território, a princípio, não encontra a porta de saída, se abstém de perguntar por ela a aos desconhecidos acompanhantes. Inicia uma inspeção milimétrica dos muros, e depois de reparar em muitos detalhes, observa uma pequena solução de continuidade, uma fissura, entre o material que forma o encaixe dos muros do lugar, assinalando a distancia entre o umbral e a porta, difícil de encontrar, pois estava mimetizada. A porta é igual a parede, tinham as mesmas cerâmicas com idênticas formas geométricas. Advertido do truque que mascarava a greta no muro, abre a porta e procede, com certa satisfação, a retirada do lugar”.

É uma interpretação do fim da análise, indicada na portinhola aberta e franqueada. O umbral do fim da análise foi atravessado. Conclusão sobre um limite, sobre um impossível da estrutura, definitivo para encontrar essa fissura, por onde brotou esse raio de luz, assinalando para ele, os limites do simbólico, e viabilizando essa passagem. O Outro já havia desfalecido, o desmoronamento do sujeito suposto saber se havia evidenciado para ele. Uma serie de três

⁷¹ “O passador é ainda menos um “passado” que está lá não mais que para uma análise lógica do passe, a qual não sabemos atualmente nem o que ela é, nem se ela é possível de ser decidida”. J. Lacan. Comunicado do júri de aprovação a todos os membros da Escola (1969). In: *Wunsch 11*, Thesaurus sobre o passador, p. 75. Cf também “Se recorri este ano ao primeiro (Cantor), ou seja, à teoria dos conjuntos, foi para nela situar a maravilhosa eflorescência que – por isolar na lógica o incompleto do inconsistente, o indemonstrável do refutável, ou até acrescentar-lhe o indecível, por não conseguir excluir-se da demonstrabilidade – imprensa-nos tanto na parede do impossível, que se emite o “não é isso”, que é o vagido do apelo ao real”. Jacques Lacan (1972). “O aturdido” In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 451-52.

⁷² Jacques Lacan (1975). “Yale University, Kenzer Seminar”, *op.cit.*

⁷³ “Na palavra fatalidade – *fatum* – há uma sorte de prefiguração da noção mesma de inconsciente. *Fatum* vem de *fari*, a mesma raiz que em *infans*, que naturalmente não se relacionam, como supomos comumente a alguém que não fala; mas, a partir do momento onde suas primeiras palavras se cristalizaram - cristalização material do que o condiciona como ser humano – não podemos dizer que ele é *infans*”.

sonhos que ocorreram em sua última retomada da análise, assinalaram progressivamente isso que no tratamento vinha se consolidando e concluindo.

No primeiro, “se encontra em um terminal aéreo, realizando os tramites de emigração, se dispõe a viajar ao exterior, se dá conta de que não traz consigo o passaporte. As autorreprovações por semelhante e imperdoável esquecimento se somavam ao fracasso da viagem”. É evidente a dimensão do não ter, do não levar consigo. No segundo, ocorrido anos mais tarde, é idêntico o contexto: “Em um aeroporto se dispõe a viajar ao exterior, nos tramites inevitáveis repara em que não traz seu documento de saída: o passaporte. Nesta oportunidade, ele é levado por uma mulher, se trata de uma desconhecida para ele, que o acompanha na viagem. Se surpreende por não trazer com ele um documento pessoal e intransferível e que em sua falta seja outra pessoa, anônima, quem o porte, lhe parece inadmissível, preocupante, impensável”. Percebe-se a presença de um matiz diferente. O terceiro e último, aparece ao final da análise: “Pretende sair do país, chegando ao guichê de emigração repara que seu passaporte com o respectivo visto não está onde deveria, lembra tê-lo deixado em casa em um lugar preciso, olha a hora, ainda tem algum tempo, decide ligar para sua residência para que seu passaporte seja trazido até o terminal. Uma irmã recebe sua chamada, ele explica onde encontrá-lo, ela encontra a gaveta onde seu passaporte foi deixado, o sujeito assiste ao momento em que ela abre o compartimento y descobre que no está ali, que não ha passaporte”. Há neste sonho um tom realmente diferente, introduz uma grande modificação, passando da recriminação por não levá-lo consigo para a constatação de que simplesmente não está, não existe. Esta série de três sonhos vividos em diferentes momentos do tratamento, assinalam ao sujeito que encontrou a chave, para abrir essa porta que registraria o final de sua demanda, por presentificar o limite absoluto, imodificável, o inalcançável que no simbólico se apresenta para cada ser falante. O significante passaporte atualizava uma ausência irremediável e, no entanto, é passa-porta, ou como em sua origem medieval, um passa-muro. Anunciava uma saída concluinte do dispositivo, e constatava um passo decisivo: a realidade fantasmática havia sido rifada, encontrando a chave para sair desse teatro, o de suas próprias sombras, convertidas em espantos.

Concluía sobre uma neurose desencadeada há 21 anos, forçando-o a uma análise, momento inesquecível, do qual, inclusive, a literatura poderia ter dito algo. Hoje não lhe resta dúvida, se Borges ficasse sabendo do desencadeamento da neurose, ou pelo menos tivesse escutado a narração que o sujeito fez sobre esse momento, em torno desse *aperto*, no dispositivo do passe, certamente o teria incluído como uma das formas do pesadelo, não levadas em conta na hora do inventário, descrito pelo poeta, em seu relato. Em seu texto “O pesadelo”, o inesquecível homem de letras, nos indica: “Nossa vigília abunda de momentos terríveis: todos sabemos que há momentos em que nos abruma a realidade”,⁷⁴ mas nesta passagem só se refere aos momentos de tristeza e de desespero que fazem da vida dos homens seu espectro habitual, diferenciando-os taxativamente dos pesadelos, porque aqueles, os primeiros, os da vida diurna, “carecem do horror peculiar”, esse horror que dá o sabor característico desses últimos. O pesadelo caracteristicamente precede o despertar do sono, “a besta maligna” de maneira abrupta irrompe na tela do sonhador.

Borges não teve, em sua estatística, um como o do sujeito. Este se apresentou em estado de vigília, e o introduziu em um estado de desvelo, tão dilatado como angustiante, recordando-lhe a célebre recompilação de contos árabes, “As mil e uma noites”, mais como uma tentativa de dar uma ideia de seu estado de desvelo contínuo, do que pelas aventuras de Sherazade e o sultão. Um encontro enigmático a desatou e de sua ímpia mão, um enorme mistério a decifrar.

O telão que protege o homem em estado de vigília havia-se esgarçado. Ali não há titubeios, o sujeito poderá contar a Borges, em algum encontro fugaz nos sonhos, ou em uma das noites frias da eternidade, que sua intuição era acertada: nos pesadelos se habita nas

⁷⁴ “Nuestra vigilia abunda en momentos terribles: todos sabemos que hay momentos en que nos abruma la realidad” (Biblio3.url.edu.gt/Libros/Borges/Siete_noches.pdf. “La pesadilla”, p. 19.)

escuridões dolorosas do inferno, quando essa tela protetora se rasga e aparecem através de suas brechas as mais pavorosas imagens, brotando o pânico ao mergulhar nos abismos do inferno, onde sua vida se desarmou em um brutal desmoronamento.

A diferença entre o adormecido e o que não está, é que ao acordar, mudou a tela, porque o ser falante habita, por causa do simbólico e do imaginário, em um persistente sonho. A tela do fantasma obtura esse furo que indica para o sujeito à presença do real e o mantém a distância. A leitura de uma frase produziu uma rachadura na cobertura fantasmática, uma travessia selvagem e fora de transferência o tinha submergido nisso que chamou uma larga inquietação.

O caminho da análise começou para o sujeito nas sombras do inferno, como para Dante sua *Comédia*. Talvez um matiz mais obscuro do aterrador lugar onde se encontrava, nublava e dificultava mais ainda seu deslocamento, dando a impressão de carregar nas costas volumoso equipamento, mais estranho ainda pela invisibilidade da carga. O azul escuro dos abismos do inferno foi substituído por um cinza intenso, acentuando o horror com que iniciava a busca da paz perdida, girando de mundo em mundo, ali onde a ordem, para o sujeito, se havia rompido. Começou a escalar palavra por palavra, através de imagens e recordações imprecisas, corroídas pelos borrões do esquecimento. Empurrado pelo guia, portador do archote e conhecedor do caminho, ascendia “a montanha que cura as dores”, através dessa curiosa escada de vocábulos, alternada com travessões de silêncio. Avançando e escorregando de maneira incessante, e sem deter-se porque o erro ali era a constante. No início o caminhar foi indeciso e lento como a marcha do covarde. Quem fazia às vezes de guia propunha, a sua maneira, o amor y o saber como promessa, aliviando o peso com o qual havia empreendido a travessia mais incerta. Pronto percebeu que em suas palavras voltava pelos círculos de seu passado, relendo com o cristal, mais que opaco do presente, encontrando-se com as antigas sombras de seu passado que farejavam e grunhiam em seu corpo; buscando através delas a verdade nas redes de sua história e de sua fala. Encontrou-se na presença de desvios incertos, e em empreitadas tempestuosas alcançou extenuantes altitudes, não sem desfalecer entre alguns desses cumes. Sim, rodou por abismos tentando ensaios, e ainda mais, em ocasiões, não poucas, tomou o caminho da esquerda que, como na história de Dante, estava proibido, por que ali reaparecia a imagem terrorífica dos mesmíssimos infernos, cegando-o na mais absoluta confusão. Em seu rodar frágil e movediço, se encontrou com personagens de fábulas vizinhas, apareceram retratos fantasmáticos que se levantaram e tomaram vida como nos desenhos animadas. Em muitos recantos, foi assaltado de novo pela bruxa “malvada”, rodeada de seu infalível séquito de javalis, produzindo-lhe o mesmo estremecimento que produzia a historinha escutada, repetidamente, desde menino; e a figura extravagante do unicórnio verde que reencontrado ali recordava as tentativas fracassadas de domá-lo. Sempre voltava o temor e a dúvida inclemente de ter tomado uma e outra vez o caminho equivocado. Desfaleceu em ocasiões, fez pausas, abandonou por medo infrutiferamente o jogo, e também porque a bússola chegou a desorientá-lo sobre o norte. Acreditou erroneamente ter chegado ao final do caminho, deixando-se subornar por um falso espectro que serviu de esconderijo temporal para a sua debilidade e o petrificou em uma complacência enganadora sobre o objetivo. A fadiga da vida, e esse pesadelo implacável, que em sua profundidade abissal convidava a seguir e saber de seu enigma, o forçaram novamente pelos caminhos do tártaro, desta vez a decisão era indeclinável, sentia a obrigação imperiosa de terminar a empreitada.

No meio da colina, voltou a ver os amores com os quais conheceu o valor da luxúria e o deleite insubornável do pecado, deles escutou a justa reprovação, por não ter estado à altura dos jogos e dos riscos do amor. Aproximando-se ao vértice, encontrou a figura aterradora de seu professor de oftalmologia, por fim e definitivamente torto, e a presença débil, com o lamento angustiado de um menino, de uma figura do poder *criollo*, em nada arrependido de seus crimes, não poucos, muito sozinho, soluçando por seus erros e desacertos. Ao retornar sobre seu guia, em um dos múltiplos círculos, viu pulsar no alaúde, com brutalidade, os mais simples acordes. É quando a montanha começa a tremer, passado um tempo o seguro do saber e do poder se

desaprumou no mais estrepitoso dos desmoronamentos, invadindo uma firme convicção: em solidão e no mais absoluto desabrigo devia terminar sua viagem.

Já agora, a bruxa, em seu isolamento, não lhe inspirava fúria, e os javalis, já não tinham a força destruidora de antes. No meio do trajeto topou com uma mulher mais velha, talvez sua mãe, em trabalho de parto e no momento da expulsão, ela solicita um médico para assisti-la, lembra que é um médico, o produto o surpreende: um terno corcel com rosto humano, anunciam jovialmente, sob a forma do centauro, que a aventura tinha tomado novo ritmo. Sim, chegava um novo ânimo, a dor de rodar por estes mundos, em meio a trevas e confusões, cravada na ficção mortificante de sua origem, havia cedido. A aventura anunciava seu final, que era insinuado pelo novo ânimo, mais propício e oportuno, depois de ter tentado, uma por uma, as chaves do sentido. Sem que o soubesse, o final estava perto, ficou sabendo depois de ter cruzado o portão que inesperadamente, se abriu. O mais fulgurante e atordoador dos silêncios o avisava. Ao final não se encontrou o olimpo, nem a bem - aventurança, mas sim o lugar onde toma seu assento o supremo bem dos falantes, o desejo, onde um “ponto de certeza e de alegria” fundamentaram para ele um novo dizer. Desde então uma nova melodia, para todos, se faz ressoar, inclusive para quem não conhece as notas do pentagrama. Algo do que o sujeito viu e percebeu ficou impresso, não pode explicar tudo com palavras, mas diante dessas impressões, diria Dante: “destila ainda em seu peito a doçura que nasce dela”.⁷⁵

Atravessar essa porta tornou possível assumir, não o fim do fim, mas sim, curiosamente, novo começo.

Tradução de Maria Luisa Santana

Nadine CORDOVA-NAÏTALI (França)

Nada o obriga?

Quando Sidi Askofaré me solicitou para intervir hoje, eu me dei conta da dimensão de minha decisão e de minha responsabilidade quanto à Escola. O que me obriga a estar aqui? Esta questão faz eco à frase bem conhecida da “Nota italiana”, eu a cito: “O chamado analista da Escola, A.E., doravante recruta-se ali ao se submeter à chamada prova do passe, à qual, no entanto, nada o obriga, já que a Escola também delega a alguns que ao passe não se oferecem o título de analista membro da Escola, A.M.E.”.⁷⁶

Um detalhe reteve minha atenção, o “o” de “o obriga”.⁷⁷ Até então, este “o” me reenviava ao analisante se apresentando ao passe. Ora, gramaticalmente há uma incerteza, não se vê muito bem a que corresponde esta letra. Logicamente, o sujeito da frase reenvia ao *se* de “recruta-se”, que reenvia ele mesmo ao chamado analista da Escola, A.E., mas o A.E. ainda não foi nomeado. De quem fala Lacan neste “nada o obriga”? Do analisante, do passante, do chamado analista da Escola, ou de outra coisa? O que pensar desta formulação que deixa pairar uma dúvida a respeito do sujeito que se submete à chamada prova do passe? Vocês perceberam igualmente que são convocados quatro termos-chave: o analista, a prova, a Escola e o passe. O analista e a prova recebem, neste dispositivo, uma qualificação.

Estas duas observações me permitem levantar a questão que nos reúne: o que leva um sujeito a ocupar o lugar de analista e, ademais, a se engajar em um procedimento que nossa Escola oferece para testemunhar sobre este lugar?

⁷⁵ Dante Alighieri. *La divina comedia*. Canto XXXIII del Paraíso, p. 547.

⁷⁶ Jacques Lacan (1974). “Nota italiana” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 311

⁷⁷ (N.T) Em francês, “nada o obriga” se escreve “rien ne l’oblige”.

A propósito deste procedimento, aliás, deve-se insistir sobre o enodamento simples, porém sutil, do passe que, ao mesmo tempo, toma em conta a singularidade da experiência e as etapas do funcionamento do dispositivo de Escola – o que é sensível por ocasião do testemunho. Contudo, eu destacaria, em particular, o lugar dos passadores (que não são necessariamente membros da Escola) porque o passante está mais próximo deste elo “entre” do dispositivo, eu diria que já há algo que se passa aí. Não há então prova possível sem sua designação pelos A.M.E. que, por sua vez, são nomeados pela Escola.

*

Essa é a razão pela qual eu invocarei primeiramente a Escola. Foi em um período difícil, de excomunhão, que Lacan a fundou. Em referência aos tempos antigos, ele define a Escola como “certos lugares de refúgio, ou bases de operação”⁷⁸ contra o mal-estar na civilização. Com esta herança, a Escola responderia ao mal-estar da psicanálise. Ela representa “o organismo”⁷⁹ – eu o preciso – “vivo” que restaura o que Freud inventou.

Lacan não utiliza um termo evanescente para falar da psicanálise, pois ele evoca a relha, que é um instrumento cortante que serve para trabalhar a terra, para abrir os sulcos no campo. Eu entendo então que esta fundação é uma tentativa para permanecer desperto, porque nunca nada põe os psicanalistas ao abrigo do retorno do recalçado ou do que reaparece no real,⁸⁰ pois o inconsciente não faz semblante. A Escola oferece assim um lugar de trabalho para aqueles que, “psicanalistas ou não, interessam-se pela psicanálise em ato”,⁸¹ conclui Lacan no final do “Ato de fundação”. Ou seja, para a tarefa pela qual “o psicanalista se compromete a responder por ela”,⁸² como afirmará ele mais tarde. Eu acrescentaria: a responder por ela em intensão e em extensão.

Sem levar a cabo um trabalho regular a partir de questões levantadas pelos analistas, pelos textos, o campo pode ficar árido e não produzir mais, ou seja, não produzir mais psicanalistas. Trata-se, então, de que a Escola não estagne, não se feche; é um esforço para pensar a psicanálise, mas sobretudo para elaborar alguma coisa a partir do que escapa. Trata-se, por consequência, de cuidar da Escola sabendo o quanto ela foi e permanece frágil, pois é a psicanálise que está em jogo. Cuidar dela é ter ideia do impacto do real e de aceitar, no fim das contas, que não há amizade possível em termos de sintoma, eu falo do sintoma que resta, daquele que nos é próprio. Neste sentido, existe bem alguma coisa de excomungada em nós que não fará, jamais, laço.

No entanto, desde sua fundação, a Escola de Lacan é a *nossa* e o título escolhido para o IV Encontro Internacional da Escola – *Nossa experiência de Escola* – é bem-vindo, pois este *nossa* salienta que nossa Escola se encarna. Mesmo se este *nossa* plural convoca *eu* singulares inconciliáveis, por vezes inaudíveis, nossa “tarefa” articulada ao discurso psicanalítico que, ele, “pode fundar um laço social”,⁸³ é a ser feita e refeita. Assim, pelas vias da transferência de trabalho, pela responsabilidade e o engajamento de cada “um”, a Escola pode, apesar de “seus obstáculos”,⁸⁴ permanecer “experiência inaugural” a partir daquilo pelo qual nós estamos aí, a causa de nosso desejo.

Alguns meses antes de fundar a Escola, Lacan sustenta, com efeito, que é o desejo do psicanalista que está no âmago da formação e o “querer ser psicanalista” é apenas uma etapa na

⁷⁸ Jacques Lacan (1964). “Ato de fundação” In: *Outros escritos*, *op. cit.*, p. 244.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 235.

⁸⁰ “O simples estabelecer uma interdição daquilo que se impõe de nosso ser equivale a nos oferecermos a uma reviravolta do destino que é maldição.” J. Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *op. cit.*, p. 257.

⁸¹ Jacques Lacan (1964). “Ato de fundação”, *op. cit.*, p. 246.

⁸² Jacques Lacan (1968). “A psicanálise. Razão de um fracasso” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 346.

⁸³ Jacques Lacan (1972). “O aturdido” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 475.

⁸⁴ Jacques Lacan (1964). “Ato de fundação”, *op. cit.*, p. 242.

análise. Esta ideia, ele a atualiza no “Ato de fundação” quando ele precisa, como único princípio, que uma “psicanálise constitui-se como didática pelo querer do sujeito”,⁸⁵ mas avançando que “a análise contestará esse querer, na medida mesmo da aproximação do desejo que ele encerra”.⁸⁶ Encontra-se aqui uma prévia do dispositivo do passe: algo nesse “querer” contém um motor paradoxal quanto à escolha de um sujeito. O passe virá então em um segundo tempo da criação da Escola, como um achado de Lacan para tentar apreender o que é esse desejo a partir da experiência de uma psicanálise.

Ao inventar o passe, Lacan consolida o funcionamento da Escola trazendo uma garantia original, ele cria de fato um novo domínio de definição do termo “passe”, já vasto, acrescentando o da “psicanálise”. A etimologia da palavra “passe” se presta provavelmente a isso: *passum*, tendo dado o “passo” e não o “*pas*” da negação em francês. Aliás, não é esta palavra que ele utiliza desde as primeiras linhas de “A proposição...” quando escreve que vai produzir “este passo construtivo”?⁸⁷

Ao longo da experiência, porém, Lacan parece decepcionado por não ter testemunhos de como se produz o desejo do psicanalista, chegando a dizer que o passe é um completo fracasso.⁸⁸ Apesar de sua decepção, ele manterá o procedimento até o final de sua vida. E nós continuamos, apesar das crises, das dificuldades em torno do passe, a fazer funcionar esse dispositivo, apostando em seu impacto sobre a psicanálise a partir de experiências vivas, pois a cada vez há alguma coisa que pode nos ensinar sobre o inconsciente e seus efeitos.

Podemos ainda nos interrogar sobre as dificuldades que podem circundar o passe que é, por definição, eu diria, um tema quente. Isto porque ele é, de início, creio eu, ligado à pessoa de Jacques Lacan e do que ele esperava. Ele tem, por conseguinte, algo de agalmático que se enoda ao desejo do analista que nós interrogamos. O passe pode então ser idealizado ao longo de uma análise, e pode permanecer até o fim como uma figura do significante-mestre da Escola, ou mesmo como um sintoma. Enfim, além das definições que dizem respeito à passagem, a conotação sexual do termo “passe” não deve ser excluída,⁸⁹ pois é bem a questão do gozo que está em jogo neste momento da análise e na qual o ser falante se enrola [*se prend le pied*].⁹⁰

Do lado do procedimento em si, eu acrescentaria que o funcionamento conduz a uma resposta. O analisante sabe que ele pode ter que aceitar um não, o que pode ser vivido narcisisticamente como um fracasso, uma ferida, uma injustiça com relação à intimidade desvelada, e inibir a demanda de passe ou precipitá-la. Apesar disto, apresentar-se ao passe é correr o risco de endereçar, a outros, este algo do qual se deduz, se extrai esse desejo curioso, imperioso, do psicanalista, mesmo se ele não passa. Isso supõe que se aceite, concomitantemente, as etapas, a contingência do encontro com os passadores e o dispositivo com seus limites, mas também nele ter confiança. Talvez, apresentar-se ao passe seja uma audácia ou até mesmo ingenuidade. O que quer que seja, para o sujeito se trata de uma mudança de sua relação ao Outro e, assim, ao engajamento.

Com “o passe é um fracasso”, não atingimos, enfim, o limite perturbador de uma psicanálise que faz fracassar um saber todo e que põe um termo à corrida afoita atrás da verdade? Pois no fim do jogo, há um momento onde não se pode mais mover as peças, onde nos encontramos face a um “xeque-mate”, face ao que surge, sobrepujados simplesmente pelo impossível, o impasse estrutural. Apresentar-se ao passe é arriscar-se a dizer alguma coisa sobre este momento imprevisível que suspende o sentido e que arremata o encontro com a fantasia. É

⁸⁵ *Ibid.*, p. 240.

⁸⁶ *Ibid.*

⁸⁷ Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248.

⁸⁸ Jacques Lacan (1978). “Intervention au congrès de Deauville (08/01/1978) In: *Lettres de l'École*, nº 23.

⁸⁹(N.T.) Na gíria francesa, a palavra “passe” significa ter uma relação sexual paga, geralmente rápida, com prostitutas”.

⁹⁰ (N.T.) Jogo de palavras em francês de difícil tradução: “*se prendre le pied*” significa “se enrolar”, “tropeçar”; “*prendre son pied*”, em linguagem popular, que dizer “ter muito prazer; gozar”.

irreversível. Afinal, o que faz limite não é o sucesso da análise, uma vez que, no *a posteriori*, o sujeito não deseja mais exercer a opção⁹¹ sobre o que o fazia correr? A busca terminou.

Mas não é fácil dizer algo sobre isso, o passante não pode calcular como seu testemunho vai se articular, mesmo se ele sabe como isso se deu para ele, entre o pensar e o dizer, há um passo.

Eu quis então fazê-lo, com conhecimento de causa, e na Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, pois é ela que eu escolhi para me apresentar ao passe. Há algo aí que se enoda ao que não me é alheio. Ao fazer esta escolha, que se impôs a mim como uma evidência, eu estava pronta para aceitar participar, dentro dos meus limites, dos progressos da Escola, quer eu fosse nomeada ou não, pois o *querer* tomou um outro contorno que passa à obrigação.

*

É por isso que nós podemos agora nos voltar para esta prova dita do passe. A prova, que não é chamada do passe, não começa já no início da análise? Na verdade, não é louco se engajar em uma análise e, sobretudo, suportá-la até o fim? Deve bem haver algo de decidido ou mesmo de obstinado nessa insistência que “obriga” o sujeito, malgrado ele próprio, a continuar até experimentar o limite. Essa teimosia não encobre uma questão vital para o sujeito? Entre a entrada em análise e o encontro com o horror, um gozo insiste ao longo dos ditos, ao longo do gozo do sentido [*jouir-sens*] que se desloca e que cola à pele. Pois não se sabe, não se quer, não se pode saber, até o fim, o que nos leva e o que vai se passar. É impossível.

Em um primeiro tempo, o sujeito fica atordoado quando ele identifica o que é para ele a cena da fantasia e que ele encontra seu ponto de horror relativo ao objeto que ele é para o Outro. O analisante começa a vacilar quando ele descobre, enfim, porque ele queria “ser psicanalista”, e isto toca até o lado material do dispositivo do tratamento. O que é terrível (eu diria que aí está o momento mais obscuro de sua análise) é constatar seu próprio gozo que era até então atribuído ao Outro, fixado em uma cena de “ficção-realidade” que tornava o sujeito cativo. Mas ele é ainda tomado pelo sentido: este horror ignorado por si mesmo só faz cobrir algo de pior ainda, que surge em um segundo tempo.

“O *esp* de um laps”, o sujeito ouve-se dizer uma palavra improvável que sai de sua boca e que tem um efeito de corte. A surpresa é tal que o sujeito quer se virar, como se “isso” viesse de detrás: isso sai da história, da cadeia significante, isso fecha o bico, isso cala. Horror, porque é insensato o que acaba de sair, horror de um dizer cuja materialidade da palavra [*motérialité*]⁹² brota como uma pedra, que não se queria nunca ter pronunciado. Esse corte final faz com que algo não seja mais como antes. É por dizer, que isso está aí. Claro que é necessário o *a posteriori* para medir os efeitos disso. Mas aí, não há mais dúvida, algo se passou. Esta palavra que passa seria um tampão que saiu, prova de uma falta da falta, um significante não barrado que não sabe onde se alojar? Eu diria que este significante reencontra a questão do dejetivo, não do lado do objeto pulsional, mas do lado do rebotalho. Não é ele o produto da análise e de sua direção?

Parece-me que o desejo do psicanalista se aloja nesse intervalo que vai da vergonha ao insuportável: a prova é “entre”. Quando o sentido desata a montagem da fantasia articulada a um ponto da realidade e que condensava significantes-chave, abre-se fugazmente uma janela sobre o real. O que tem efeitos inéditos. O desejo do analista residiria neste “o obriga” deste desejo impuro enodado ao gozo, enodado ao sintoma. Há uma diferença aí entre sentir-se obrigado de

⁹¹ (N.T.) Em francês, “*lever l’option*”, expressão utilizada por Lacan na “Proposição...” e traduzida nos *Outros escritos* por “levantar a opção” (p. 257). Trata-se de uma expressão utilizada principalmente na área de mercado, cuja tradução mais corrente e menos ambígua em português parece-me ser “exercer a opção”, que significa que o investidor deseja exercer o direito de comprar ou (vender) os títulos conferidos pela opção.

⁹² (N.T.) *Motérialité* neologismo que reenvia a um outro, criado por Lacan na “Conferência de Genebra sobre o sintoma”: *motérialisme*, termo que condensa “*mol*” (palavra) e “*matérialisme*” (materialismo). Cf. *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, 1985, nº 5, p. 12.

modo superegoico, onde a questão do Outro está em jogo, e descobrir o que é o obrigado em si [*est/hait l'obligé en soi*],⁹³ ligado à estranheza de um significante estrangeiro que se jogou. O sujeito saca porque ele fez uma análise.

*

Para concluir, quando a decisão de se apresentar ao passe é tomada e que se faz a demanda, resta apenas a tentativa de testemunhar fora da análise, para a Escola, como isso se “precipitou” [*s'est “échoué”*]⁹⁴.

O testemunho de passe é uma travessia intensa e rápida, que ultrapassa a história, que remete à estrutura, ao que faz passe. O passante tenta testemunhar da passagem do psicanalista que queria ser psicanalista pela razão vergonhosa de seu gozo ao encontro enigmático que libera um espaço, que faz com que alguma coisa deste gozo perca consistência. Poderia se dizer que a análise permitiu ao gozo condescender ao desejo, ao desejo do analista? O sujeito teria encontrado uma solução para tornar seu gozo mais digno e fazer suplência à relação sexual que não existe?

Durante o testemunho, ouvimo-nos desenvolver os momentos-chave, os tempos lógicos de uma análise que não poderíamos supor dizer dessa maneira. Entrega-se, no fundo, sua mitologia, mas também o que insiste, afeta e deixa traços. Algo se deposita assim o mais perto possível de sua experiência, através dos passadores, na Escola. E depois, acabou, há um vazio, isso perde ainda consistência. O sujeito pensa nessa estranha garantia não toda que ele pediu com relação ao ponto vivo da passagem e que não é lá grande coisa [*qui est un “pás” grand-chose*].

Muito obrigada.

Tradução de Elisabete Thamer

TERCEIRA SEQUÊNCIA

O analista só se autoriza
por si mesmo

Vera POLLO (Brasil)

Autorizar-se sem ritualizar-se

Ao ser convidada para participar da mesa intitulada “Autorizar-se de si mesmo”, que aconteceria na IV Jornada Internacional de Escola que antecedeu o VIII Encontro Internacional dos Fóruns, no dia 25 de julho de 2014, em Paris – o que muito me alegrou –, ocorreu-me o título: “Autorizar-se sem ritualizar-se” e o desejo de responder à pergunta: “por que o rito do desejo não é o desejo?” Ora, não me vieram de imediato os textos de Lacan em que eu me baseara para propor as duas frases. Por esse motivo, pus-me a reler alguns textos, começando pela “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” e pela “Nota italiana”, de 1973.

⁹³ (N.T.) A autora joga com a homofonia dos verbos “être”, ser e “hair”, odiar. Conjugados na terceira pessoa do singular, ambos têm a mesma pronúncia.

⁹⁴ (N.T.) Termo ambíguo em francês: *échouer* (verbo do domínio náutico para dizer “encalhar”, “dar à costa”, mas também “fracassar, falhar”).

Deparei-me rapidamente com a frase de Lacan em que me havia inspirado e que assim se enuncia: “autorizar-se não é autorri(tuali)zar-se”.⁹⁵ Encontrei pelo menos três frases de Lacan que de algum modo parafraseiam ou desenvolvem o seu próprio aforismo: “O psicanalista só se autoriza de si mesmo”.⁹⁶ Além da frase acima citada de sua “Nota Italiana”, Lacan volta a referir-se à autorização do analista na lição de 9 de abril de 1974 do seminário “*Les non-dupes errent*” e no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, de 1976. Quatro frases, quatro momentos que se estendem, portanto, de 1967 a 1976 e que tomaremos resumidamente. Em 1967, trata-se de estabelecer um “princípio”, vale dizer, uma direção ou linha-mestre, mas também uma base, viga ou pilar que permita reconhecer se uma determinada comunidade analítica pode verdadeiramente ser dita de “orientação lacaniana” ou se ela é apenas mais uma sociedade, entre as tantas já existentes. Em 1973, Lacan diferencia entre autorização e rito, o que retomaremos adiante. Em 1974, ele estabelece uma analogia entre a autorização do analista e a inscrição de um sujeito na partilha dos sexos, posto que, em ambos os casos, trata-se de um ato que, embora seja sem Outro, não o é sem outros. Em 1976, trata-se de diferenciar entre autorização e nomeação no sentido de “ser nomeado para”, pois Lacan salienta a importância da “*histeria*” (*hystoire*) a partir da qual um analista se autoriza.

Antes de seguir, gostaria de fazer uma pequena observação sobre a tradução do texto de Lacan em língua brasileira. Encontramos duas traduções que se alternam para a frase de Lacan *le psychanalyste ne s'autorise que de lui même*. Não é uma frase qualquer, nenhuma frase o é, com certeza, mas o que quero dizer é que, nesse caso, trata-se de um princípio da sua Escola, da relação do analista com o sujeito suposto saber e de sua relação com os congêneres. Ela nos coloca diante da necessidade de optarmos por traduzi-la nos termos de “o psicanalista só se autoriza de si mesmo” ou “o psicanalista só se autoriza por si mesmo”. A meu ver, a primeira tradução enfatiza o risco, a ausência radical do Outro da garantia; a segunda enfatiza o ato do analista, ou seja, o corte temporal que instala um antes e um depois. Elas não são excludentes. Penso que, em ambas, o “autorizar-se” ocupa o lugar da enunciação no grafo do desejo, isto é, o andar de cima, que desnuda a castração do gozo. Uma enunciação, ao menos inicialmente, vazia de enunciados.

Dizer que o analista procede do “não todo”, além de significar que nem toda análise produz um analista, sugere uma proximidade do analista com o lado mulher do quadro da sexualização. Nesse caso, traduziríamos as duas proposições da parte superior do quadro por: “Não existe Um analista que diga não à castração” e “Não todo analista está submetido à função fálica” ou forçando um pouco os termos: “De não todo analisante advirá um analista em função”.

Se pedirmos a cada psicanalista que nos descreva o percurso que o trouxe até a Escola de Lacan (ao menos aqui no Brasil e para os psicanalistas já não tão jovens, digamos assim), raramente ouviremos a descrição de um percurso em linha reta, ou seja, aquele que começaria em uma demanda de análise a um analista de orientação lacaniana e terminaria na produção de mais-um, no sentido de um novo analista de orientação lacaniana. Cada análise, assim como cada mulher, conta-se uma a uma. Recentemente li o texto de uma colega que subscrevia uma frase de Dominique Fingermann que seria aproximadamente assim: “Nosso primeiro contato com Lacan, a gente nunca esquece”. Lembrei-me, então, do meu primeiro contato com o texto de Lacan: de um lado, a sensação de estar diante de um enigma a ser decifrado; de outro, a sensação quase contrária de um determinado “achado”, uma frase ou outra que pareciam esclarecer como em um claro vivências clínicas que eram minhas, quer na posição de analisante, quer na posição de analista.

⁹⁵ Jacques Lacan (1973). “Sobre la experiencia del passe” In: *Ornicar? nº1 – El saber del psicoanálisis* (Publicación del Campo Freudiano), p. 312.

⁹⁶ Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248.

Volto agora à questão de uma possível articulação entre o desejo e o rito. Ao analisar “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”,⁹⁷ Lacan observou a existência de uma tendência da própria técnica a se transformar em ritual. Ele é claro e preciso: se se confunde o imaginário e o real, a técnica se transforma em ritual. “Curiosamente”, escreveu ele, “as formas do ritual técnico valorizam-se proporcionalmente à degradação dos objetivos”.⁹⁸ Vale lembrar seu assinalamento do mínimo que se pode dizer sobre o comunicado de Ruth Lebovici: “É patético!” Sem recorrer a floreios, Lebovici escreveu: “Após tantos anos de análise, meu paciente ainda não conseguia me sentir; um dia, enfim, minha insistência não menos paciente levou a melhor: ele percebeu meu cheiro. Ali estava a cura”.⁹⁹

Na lição de 20 de maio de 1959 do seminário, livro 6 sobre “O desejo e sua interpretação”, Lacan comenta que os ritos de iniciação incluem mutilações e estigmas porque são destinados a operar uma mudança profunda na natureza do sujeito e, nesse sentido, desempenham o papel do objeto a. Ele nos recorda que, nas sociedades primitivas, os ritos intervêm para mudar o sentido do que era até então um “desejo natural” e sua intervenção visa justamente “dar a estes desejos uma função na qual possa se identificar, designar-se como tal, o ser do sujeito”, para que este possa passar a ser dito “homem” ou “mulher” de pleno exercício. Donde se conclui que a mutilação serve aqui para “orientar o desejo”, que ela é o índice de uma realização do ser no sujeito.¹⁰⁰ De algum modo é possível aproximar a função do rito da função do analista, se considerarmos que se trata de fazer emergir o desejo de um sujeito como desejo do Outro; no primeiro caso, para inscrever o sujeito em uma comunidade, no segundo, para dar início a um processo analítico. Vale lembrarmos a resposta explicitada por Lacan em 6 de dezembro de 1967:¹⁰¹ “o desejo do psicanalista tem que responder à necessidade de produzir o desejo do sujeito como desejo do Outro.”

Contudo, outra observação de Lacan (1960)¹⁰² sobre a questão do rito ressalta que: “Em sua filiação freudiana, a psicanálise, não poderia em nenhum caso se fazer passar por um rito de passagem para uma experiência arquetípica ou de certa maneira inefável.” Como esclarece Van Gennep,¹⁰³ cada rito tem uma finalidade específica predeterminada, sabe-se de antemão aonde se quer chegar e o que será obtido. Eis porque Freud, criador do “único mito da nossa era” (Lacan, 1973), jamais se mostraria favorável à ritualização da técnica. Um rito vai na contramão de um processo analítico, este sempre largamente aberto à surpresa – que é a marca mesma do inconsciente. Os ritos têm a mesma sequência cerimonial, constituem um sistema e, por isso, instauram uma hierarquia, não um *gradus*. Por fim, se o rito é a forma privilegiada de ingresso em uma sociedade secreta ou religiosa, é porque o ritual é anterior à crença que o explica. Sabem-no bem os obsessivos, sempre favoráveis ao ritual e à hierarquia. Se há algum sintoma que a hierarquia alimenta é, por excelência, o sintoma obsessivo, porque ela, a hierarquia, “só se sustenta ao engendrar o sentido” (Monsieur A, 18 de março de 1980).

Em contrapartida, o discurso de Lacan¹⁰⁴ na EFP e sua Proposição de 9 de outubro objetivavam precaver-se da possível manutenção do seu ensino em segredo, impedir que alguns começassem a alegar o direito de prioridade sobre seu ensino. Se a invenção do dispositivo do

⁹⁷ Jacques Lacan (1956). “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 461-495.

⁹⁸ Jacques Lacan (1956). “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956”, *op. cit.*, p. 467.

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ Jacques Lacan (1958-1959). *Le Séminaire – Livre VI – Le désir et son interprétation*. Paris: Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien Éditeur, juin 2013, p. 456.

¹⁰¹ *Idem*, p. 271.

¹⁰² Jacques Lacan (1960). “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

¹⁰³ Em Van Gennep (1906). *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011.

¹⁰⁴ Jacques Lacan (1967). “Discurso na Escola Freudiana de Paris” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 274.

passa foi simultânea ao Princípio do “autorizar-se de si”, isso se deve ao fato de que o ato de autorizar-se requer o dispositivo do passe no qual essa autorização pode vir a esclarecer-se.

Diferentemente, portanto, do autorizar-se de acordo com as normas de uma sociedade, o que dá consistência ao Outro do padrão/patrão - Outro da “medida justa” aristotélica - a autorização em uma Escola se deixará medir não pelo que vem antes – o que, como vimos, a aproximaria do rito – mas por suas consequências.

Ainda na Nota italiana, Lacan observa que, ao enunciar que “o analista se autoriza”, ele está supondo a ex-sistência do analista, supondo um determinado funcionamento, ou seja, supondo que há analista em função. O dispositivo do passe preencheria o lugar deixado vazio pelo Outro da garantia e da confirmação. Aqui talvez valha a pena recordar a distinção estabelecida por Foucault (1992), em sua conferência “O que é um autor?”, entre o autor, como ser vivo e encarnado, e o escritor, como uma função que caracteriza um “modo de existência, de circulação e de funcionamento...” Assim como um autor não está necessariamente na função de escritor, do mesmo modo um sujeito analisado não está necessariamente na função de analista. Parece-me que isso responde um pouco à questão levantada por Stéphanie Gilet-Le Bon¹⁰⁵: “O desejo do psicanalista é perpétuo?” Se nem sempre um ser falante estará funcionando a partir do desejo do analista, ele sempre poderá voltar à função, porque a causa – o desejo como causa – é indestrutível.

No ano seguinte ao da Nota italiana, na lição de 9 de abril de 1974 do seminário *Les non-dupes errent*, Lacan afirma que irá surpreender os seus alunos, propondo-lhes que também “o ser sexuado só se autoriza de si mesmo”, para logo em seguida acrescentar: “e de alguns outros”. Então, se o psicanalista, como o ser sexuado, autoriza-se de “alguns outros”, isso significa que, assim como não é a partir do ato sexual, nem mesmo do orgasmo, que um ser falante pode dizer-se homem ou mulher, não é a partir do ato de autorizar-se que um analista pode ser dito ou não “analista de Escola”. Como destacou Soler (2009), há uma escolha, porque esse “si mesmo” não é sujeito, pelo menos não o sujeito suposto – sub posto – aos enunciados da queixa e ao padecimento de que ele dá testemunho.¹⁰⁶

Ainda é preciso precisar o laço (ou o nó) entre o que se inventa de saber em uma análise e o que se escreve. É retomar a pergunta que Lacan se fazia, em 1974: “Qual é a ligação entre saber inventado e o que se escreve?” Ele nos dá a entender que por mais que a psicanálise não seja uma ciência do real – em cujo caso ela faria da verdade um valor vazio – um saber inventado em uma análise, assim como um escrito, pode fazer borda ao real.

Não quero dizer que o passe deva ser feito por escrito, longe disso, mas que o passe pode ser a chance de “precisar” o que restou de uma análise em forma de “um pequeno ganho de saber”. O adjetivo “preciso” origina-se do latim *praecisu*, que significa “cortado pela extremidade”, e seus sentidos se estendem do que é “necessário ou urgente” ao “exato, claro, categórico e terminante”. No percurso sempre longo de uma análise, algo do real poderá ter-se deixado contingencialmente escrever. Precisar o laço entre o saber inconsciente e o que cessa de não se escrever não seria, então, “historisterizar-se de si mesmo”?

Talvez possamos aproximar os testemunhos do passe de alguns textos escritos por aqueles que, por motivos os mais diversos, embora não se tenham apresentado ao dispositivo, levaram suas análises suficientemente longe para propiciarem que outros se apresentem e se ofereçam ao passe na Escola. Seriam, nesse caso, o testemunho e a escrita duas formas diferentes de “historisterizar-se de si mesmo”?

Parece-me que ainda se sustenta a ideia de Lacan de que “o sucesso da Escola se medirá pelo lançamento de trabalhos que sejam aceitáveis em seu lugar”,¹⁰⁷ porque são os “pedacinhos

¹⁰⁵ Stéphanie Gilet-Le Bon. “O caso de 9 de outubro” In: *Wunsch* 13, dez. 2012, p. 22.

¹⁰⁶ Colette Soler (2009). *Lacan, l'inconscient réinventé*. Paris: Presses Universitaires de France, 2009, p. 140.

¹⁰⁷ Jacques Lacan (1964). “Ato de fundação” In: *Outros Escritos, op. cit.*, p. 242.

de escrita” – Lacan aprendeu com Joyce – que tocam o real, cujo saber só se sustenta em letras e porque “o escrito [mesmo se não toca o verdadeiro] é o saber suposto sujeito”.¹⁰⁸

Referências Bibliográficas

- Foucault, M. (1969) “O que é um autor?” In: www.unicamp.br/~hans/mh/autor.html. Consulta em 04/07/2014.
- Gilet-Le-Bon, S (2012). “O caso de 9 de outubro” In: *Wunsch* 13, Boletim da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. São Paulo, dezembro de 2012.
- Lacan, J. (1956) “Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956” in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. (1958-1959) *Le Séminaire livre VI: Le désir et son interprétation*. Éditions de La Martinière et Le Champ Freudien, juin 2013.
- _____. (1960) “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” In : *Escritos. Op. cit.*, pp.807-842.
- _____. (1964) “Ato de fundação” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp.235-247.
- _____. (1967) “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” in *Outros escritos, op. cit.*, pp.248-264.
- _____. (1967) “Discurso na Escola Freudiana de Paris” in *Outros escritos. Op. cit.*, pp.265-287.
- _____. (1973) “Sobre la experiencia del passe” in *Ornicar? N.1. El saber del psicoanálisis*. Publicación del Campo Freudiano.
- _____. (1974-75) *Les non-dupes errent*. Lição de 9 de abril de 1974. Seminário inédito.
- _____. (1976) “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” in *Outros escritos. Op. cit.*, pp.567-569.
- Soler, C. *Lacan, l'inconscient réinventé*. 1^{re} édition : 2009, septembre. 3^e tirage : 2010, mars. Presses Universitaires de France, 2009. Paris.
- Van Genneep (1906). *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Jacques ADAM (França)

O não todo do analista

Ao me pedir para intervir nesta jornada internacional da Escola, Sidi Askofaré lembrou-me que era o quinquagésimo aniversário da criação de sua Escola de psicanálise, por Lacan. Essa dimensão histórica me incitou a contribuir, primeiro porque penso que falta informação sobre a história da psicanálise lacaniana na EPFCL, em direção aos mais jovens que chegaram. E de contribuir também com esse título de “Não todo do analista”, saído da *Carta aos italianos*, na qual Lacan, sete anos depois da proposição sobre o passe, propõe também isso, que o recrutamento dos analistas em uma Escola da psicanálise se faça exclusivamente segundo, eu cito: o “princípio do passe”, no nome do que ele chama sua “tese”, que é que “o analista só se autoriza de si mesmo”. É, portanto, a relação dessa fórmula com a questão da formação dos analistas em uma Escola de psicanálise que vou abordar.

Não se trata, ao comentar esse texto, de discutir hoje a ideia de uma Escola de psicanálise exclusivamente fundada sobre o funcionamento do passe, nem a entrada na Escola pelo passe, mas somente de pensar a importância das fórmulas com as quais Lacan insiste com constância para propor isso que chamarei uma identidade do analista conforme ao inconsciente. O importante é, sobretudo, de medir qual é o alcance e o limite dessa tese que o analista só se autoriza de si mesmo, pois precisa-se no mesmo instante que ela “não implica por isso que qualquer um seja analista”. Que é, então, uma Escola de psicanálise que se apoia sobre uma tese tão liberal e ao mesmo tempo querendo praticar uma seleção aparentemente drástica?

É preciso acreditar que Lacan se agarrava a essa tese e ao princípio de seu poder, que é o passe, uma vez que ele retoma a fórmula, ajustando-a, em 74, sob o modo de “autorizar-se de si mesmo... e de alguns outros”, e depois com a expressão “O analista não se hystorisa senão de si mesmo”, no Prefácio à edição inglesa do seminário XI, de 1976.

¹⁰⁸ Jacques Lacan (1974-1975). *Le Séminaire – Livre XXI – Les non-dupes errent*. Inédito (Aula de 09/04/1974).

Imagina-se facilmente quanto essa frase “O analista só se autoriza de si mesmo” pode ser mal interpretada entre impulso ao charlatanismo e obsolescência das escolas de psicanálise nas quais se supunha poder se abster em nome do Um por Um da formação dos analistas. É verdade que os analistas se formam um por um, mas não creio mesmo que as Escolas de psicanálise sejam institutos obsoletos. Pessoalmente, sempre achei essa fórmula muito bela, surpreendente por seu lado ao mesmo tempo Tábua da lei e provocadora, e próxima de outra fórmula assinalando a mesma ética: “O psicanalista não quer acreditar no inconsciente para se recrutar. Aonde iria ele se se apercebesse que ele acredita em se recrutar por fazer de conta¹⁰⁹ de acreditar. O inconsciente, ele, não faz de conta. E o desejo do Outro não é um querer qualquer nota”.

Sim, é isso aí que Lacan clama, em 1970, depois que os analistas o tinham deixado por causa do desacordo sobre o passe. A moral dessa história, que quer que a formação do analista seja compreendida como uma formação do inconsciente, implica, então, que autorizar-se de si mesmo torna impossível poder fazer de conta de ser analista, a despeito do fazer-se de conta de objeto, do que se ocupa o lugar para se fazer o agente de um discurso que, ele, não seria de um fazer de conta. A tese de só se autorizar de si mesmo pode mesmo, então, ser compreendida como a condição da colocação em prática do Discurso analítico.

O Discurso analítico é, para começar, aquele da própria experiência da psicanálise. E autorizar-se de si mesmo poderia querer dizer que basta fazer uma análise e de se autorizar dela para funcionar como analista. São casos que acontecem. Com o inconveniente de ver pessoas quererem aderir a uma Escola antes de tudo pela vantagem de lá encontrar um abrigo e um reconhecimento quase administrativo.

Por sorte, Lacan impediu isso, mas ainda é preciso compreender como. “Não todo ser que fala, diz ele, pode se autorizar a tornar-se um analista”. Eis uma condição exclusiva que poderia fazer pensar em uma forma de segregação, mas da qual Lacan, ele mesmo, deduz explicitamente isso que, se a análise é necessária para fazer um analista, ela não é, por isso, suficiente.

O que outro seria, então, suficiente, poder-se-ia pensar, se não é uma Escola, para garantir a função analítica?

É aí que a fórmula de não se autorizar senão de si mesmo merece uma atenção particular, e relativa ao que se pede que seja uma instituição analítica, para não fazer equivaler à fórmula a uma autoautorização.

Há, para começar, o problema da seleção. É um termo que Lacan não hesita em empregar, desde o começo quando fala do ensino da psicanálise, antes de se interessar pela formação dos analistas e de propor o passe, que é o modo de enquete e o modo de recrutamento dos analistas dos quais a seleção é autenticada por um título, aquele de A.E. Poder-se-ia se surpreender por esses termos de enquete, de recrutamento e de seleção, de bolores militaristas; são, no entanto, bem esses que Lacan sempre emprega para defender ou comentar sua proposição do passe. Assim, ainda em 1973, no Congresso de Montpellier da EFP, ele declara: “Esse modo de enquete que é o passe permite a qualquer um que pense poder ser analista, a qualquer um que se autorize de si mesmo, ou que esteja prestes a fazê-lo, de comunicar isso que o fez se decidir, e se engajar em um discurso do qual certamente não é fácil, parece-me, ser o suporte”. Devo dizer que nunca escutei, nos Cartéis do passe, testemunhos de passadores que tenham recolhido esse tipo de propósito por parte dos passantes, a saber, que eles tenham sido especialmente sensíveis ou atentos ao autorizar-se de si mesmo do passante.

O resultado do passe é, portanto, uma seleção, e a questão da seleção resume-se a essa fórmula da “seleção do corpo dos A.E.”, tal como Lacan dela fala em seu Pronunciamento na Escola, e com a qual não é preciso se ofuscar por seu lado “comunitarismo” ou elitista, pois o título não assinala nenhum desempenho, nem um agregado de pessoas.

¹⁰⁹ (N.T.) Apesar do meio lacaniano normalmente optar pelo galicismo “fazer semblante”, optei por uma tradução mais prosaica.

Trata-se, sabemos, de uma nomeação que longe de ser uma autoneomeação, graças ao dispositivo em chicana do passe, autentica e verifica que uma análise pode introduzir alguém em seu próprio ato. É do desejo do analista que se trata na nomeação, momento falante do passe. E, a respeito, eu não saberia sustentar, como Colette Soler fez em um texto recente, que (eu a cito) “isso que conta no dispositivo do passe são menos as nomeações, sempre aleatórias, do que o trabalho de Escola que o dispositivo produz”. É claro que o dispositivo do passe produz um trabalho de Escola não negligenciável, um verdadeiro trabalho, de todo modo, sob diversos pontos de vista. Mas dizer que as nomeações possam ser aleatórias (sinônimo: ligada ao acaso, arbitrário, venturoso), arrisca fazer subestimar o ato de nomeação ele mesmo, e corre o risco também de “desagalmatizar” o próprio passe na Escola, com o inconveniente de produzir um impulso ao passe bruto, para qualquer um que queira se servir do dispositivo do passe, o que não é raro, para saber se ele realmente terminou sua análise.

Lacan insiste de tal modo sobre esse modo de recrutamento de um analista da Escola (A.E.) pelo passe, que ele o designa mesmo, em 1976, de “colocação à prova da hystorização da análise”, que faz com que “um analista não se hystoriza senão de si mesmo: fato patente. E mesmo se ele se faz confirmar por uma hierarquia”. O jogo de palavras clínico-histórico permite, ao mesmo tempo, que se diga que a nomeação e o título de A.E. têm uma dimensão quase política, na qual ressoa o que Lacan colocava na fachada de sua Escola novamente criada em 1964, a saber, que ela seja, segundo o sentido que ele dá ao conceito de Escola, “uma base de operação já contra isso que podia se chamar mal-estar na civilização”. Não se tratava, é claro, ainda, de A.E., em 1964; era antes da proposição do passe, mas o acento de responsabilidade daquele que se engaja na via psicanalítica é conservado e reforçado doze anos depois com essa expressão de não se hystorizar senão de si mesmo, quer dizer, em suma, de ser, por um título autenticado por uma Escola de psicanálise, responsável, para dizê-lo abreviado, pelo futuro da psicanálise.

Nessa visão, se ainda se refere a essas Escolas da Antiguidade que Lacan invoca quando da criação de sua própria Escola, tal como lembrei, agora há pouco, é preciso se lembrar que essas Escolas, fato de história, foram, literalmente absorvidas, fagocitadas pela ortodoxia religiosa bizantina, com o fechamento da última Escola de Atenas, pelo Imperador Justiniano, em 529 D.C., e desapareceram do campo dos saberes.

É dessa data, 529 d. C. que Alain de Libera começa contar a Idade Média. Que, no século XIII, verá nascer a Sorbonne, a primeira Universidade europeia, dito de outro modo, o Discurso Universitário.

Quando se pensa na antipatia entre os discursos universitário e psicanalítico; quando se sabe da sobrevivência casual da psicanálise em vista do poder do discurso religioso, deve-se, parece-me, absolutamente, para evitar o regresso da psicanálise a uma era medieval, preocupar-se ainda mais com o conceito de Escola, tal como o quis Lacan, e colocar à prova a invenção de saber que testa o próprio funcionamento do passe, para selecionar os analistas. O conceito de Escola seria mesmo um tema a se colocar no programa de próximas Jornadas de estudo.

A seleção de analistas em uma Escola pelo título de A.E. parece, então, implicar uma separação entre aqueles que são analistas e aqueles que não o são. Mas longe de ser uma operação malthusiana ou darwinista, ela designa uma exceção, aquela que diz que (cito novamente a carta aos italianos) “é do não todo que faz notar o analista” e que, então, “só o analista, isto é, não não importa quem,¹¹⁰ só se autoriza de si mesmo”. Quem é esse “não não importa quem”?

Lacan inventou, se se pode dizer, uma categoria da qual também não se fala mais muito atualmente, é aquela do não analista em uma Escola, e que tem, mesmo assim, sua importância. Pois ela não designa aquele que não fez análise, é claro, nem o não praticante, mas, ao contrário, aquele que do ponto de partida de sua análise encontrou a via do ato e da função analíticas.

¹¹⁰ (N.T.) A tradução mais trivial para “*pas n'importe qui*” seria “não qualquer um”, mas creio que nela perde-se a força da negação que aparece em “*n'importe qui*”. Escolhi, então, essa forma em que o não se reitera.

Lacan o chama o “não analista em esperança”, que ele quer mesmo “colocar no controle do ato analítico”, e a quem ele atribui mesmo de ser, nem mais, nem menos, “quem garante a psicanálise”. Não é somente uma tendência “de mais mocidade” do pensamento lacaniano, é mais a colocação à prova do relevo de um espaço no qual se deve poder detectar “onde está o dentro, onde está o fora”, como o personagem da grade do Obelisco, evocado no Discurso à EFP.

Se o passante não fosse senão um analisante, ou um mais ou menos jovem analista que quisesse a autenticação de sua Escola como membro, não haveria, com efeito, a necessidade de acrescentar o que está em jogo no título de A.E. Mas a nomeação é importante, porque o A.E. tem uma função em sua Escola, aquela na qual sendo autorizado de si mesmo, e de alguns outros, ele continua nessa lógica que é aquela que quer que (lembro novamente a Carta aos italianos) “somente o analista, isso é, não não importa quem, só se autoriza de si mesmo”, mas uma lógica na qual é a história da psicanálise que está em jogo, em nome disso que ele não é historicizado senão de si mesmo.

A “seleção de um corpo de A.E.”, de A.E. nomeados, então, não quer dizer um corpo de elites nomeadas para a psicanálise. É a marca de que a partir de uma tomada em consideração do “não se autorizar senão de si mesmo”, temos chances de estar em um discurso que não seja do faz de conta.

Se insisto, é para sublinhar que o passe sem nomeação, como existe ainda, creio, em algumas Escolas, não tem sentido, e que as Comissões ad hoc para a pré-seleção de candidatos ao passe são as mais importantes. Sabe-se, mas onde se discute isso regularmente, colocando em questão essa questão muito explosiva da “seleção”?

O texto da Carta aos Italianos é considerado por nossa Escola como um texto fundador para o funcionamento da EPFCL. Se está implicado claramente nesse texto que NÃO não importa quem possa ser analista, dito de outro modo, que o tornar-se analista não é para todos, a questão se coloca, então, de saber o que é o Para-todos de uma Escola que tem que velar pela transmissão exotérica da psicanálise. Esse termo foi frequentemente utilizado por Colette Soler e por alguns outros, justamente, no nascimento da nova Escola que sucedeu a dissolução da EFP.

Como, com efeito, conciliar que o Não todo mundo possa tornar-se analista com o fato que a psicanálise é para todo o mundo; como manter junto o Não todos analistas, que sua identidade de Não todo obriga, com o Para-todos da análise, pelo que as portas de uma Escola dão o acesso?

Acontece que nós selecionamos os membros de nossa Escola de um modo que não é aquele do passe, mas então com quais critérios? Eles parecem sempre um pouco vagos e empíricos: investimento aparente e participação mais ou menos ativa no trabalho da Escola, etc. Parece-me que aí, ainda, o termo de não analista, referido àquele do título de A.E., guarda todo o seu valor, tanto mais que, com efeito, ele é um analista em esperança, e que está aí o verdadeiro sentido do título de Membro. Mas para isso é preciso imperativamente manter em perspectiva que o passe leva a uma nomeação e a um título. Todos os membros, evidentemente, não se tornarão A.E., mas uma Escola deve favorecer o acesso ao título de Membro a todo aquele que pede, insisto, em função dessa perspectiva do acesso ao título de A.E. Isso recuperará o lustro ao título de Membro, que no momento está mascarado por aquele de AP, analista praticante, que é, é preciso reconhecê-lo, a ocasião do cúmulo da automeleção.

Terminarei com isso que não é uma bravata: o Não todo do analista quer dizer, de fato, que o analista é uma mulher. Porque a mulher é logicamente Não toda, Não toda a se prestar à generalização falocêntrica, e que nessa visão, é um modelo lógico que permite definir também o que é o Membro/não analista de uma Escola, a saber, que Não todo analisante pode se prestar à generalização analítico-centrista. É dizer também que o tornar-se analista é da ordem da feminização, é o que diz o neologismo: não se *hystorisar* (y) senão de si mesmo. “As mulheres analistas são as melhores, disse Lacan, melhores que o homem analista” (Conferência de Genebra, 1975), porque elas inventaram a linguagem e que elas têm intimidade como significante

fálico (a serpente do Gênesis), para tanto mais poder ser uma exceção dele. Sobre isso ainda, transpondo, não é aberrante dizer que o A.E., como título, assinala a exceção. Sim, todos os Membros de uma Escola não serão A.E. Mas é preciso ter em conta que eles possam sê-lo “em esperança”.

O Não todo do analista permita também dizer, e é o que proporei para terminar, que a boa versão de nossa fórmula de partida, que é o tema de reflexão de nossa tarde, deveria ser, de fato, que “o analista só se autoriza dela mesma”!

Tradução de Paulo Rona

Florencia FARIAS (Argentina)

Testemunhos de mulheres no passe

Freud nos sugere que se queremos saber mais a respeito da feminilidade, devemos nos dirigir a nossas próprias experiências de vida, aos poetas ou à ciência. Lacan incita para que sejam as próprias mulheres as devem dar conta da feminilidade. Sendo assim nada melhor que escutar o que dizem os testemunhos das analistas mulheres nomeadas A.E. no dispositivo do passe, e para isso vou me valer de suas palavras tomando fragmentos de seus depoimentos.

Partiremos da seguinte hipótese: se é possível determinar a existência de um fim de análise que seja particular ao campo feminino, e se possível isso imprimiria ao desejo do analista um selo particular.

Lacan sustenta até ao final a diferença das mulheres analistas partindo de que “a existência de uma autorização feminina é tanto mais forte quanto o fato de que a mulher não existe”. As mulheres possuem mais facilidade para arranjar-se com o inconsciente que os homens, mais facilidade em captar o mais além da fantasia.

O fato de que nossa investigação seja sobre os depoimentos de mulheres, merece uma reflexão: nomear-se homem ou mulher são fatos do discurso, quer dizer, são operações simbólicas, que fazem marca ou furo em um corpo que poderá ou não coincidir com o sexo anatômico, que não dependem do sexo biológico, mas sim da lógica distributiva do significante fálico.

Concordamos com Agamben, que o verdadeiro depoimento vale essencialmente por aquilo que falta, pois porta em seu coração um “intestemunhável”. É justamente com o uso dessa ausência que o depoimento de um A.E. comporta um *intestemunhável* que sustenta uma transmissão. Transmissão que nas passantes mulheres está possibilitada por um saber fazer com o *não todo* feminino. Talvez se possa dizer que o A.E. é aquele analisante que quer servir-se do seu próprio caso para passá-lo a outros. Nos depoimentos dos A.E. situa-se um núcleo de verdade particular, possibilitando essa inédita articulação entre o mais singular do sujeito e o generalizável de um saber exposto. Sabendo então que há um impossível de ser transmitido tentaremos fazer uma leitura dos depoimentos investigados.

É necessário destacar que a histeria é uma das formas possíveis da mulher, porém Lacan as distingue categoricamente e em seu seminário livro 18 assinala: “A histérica não é uma mulher. Trata-se de saber se a psicanálise tal como a defino dá acesso a uma mulher”.

Comprovamos nos testemunhos das A.E., como a experiência da análise lhes permitiu aceder a uma posição feminina, fazendo a passagem da solução histérica para a posição da mulher. Lacan ao diferenciar histeria de feminilidade forma a base para descolar da biologia o que constitui a posição do sujeito na sexuação, articulando tanto a feminilidade como a masculinidade com o modo de gozo e assim abre o campo clínico não só ao estudo do feminino enquanto tal, mas também a toda eleição sexuada do ser falante.

O que testemunham as A.E.s acerca do sintoma e das fantasias?

Os testemunhos nos dizem do percurso que vai do corpo da histérica ao corpo feminino. Indicam a presença do sintoma desde o início até ao fim da análise e de um corpo que se transforma com ele.

No início da cura se podem situar na maioria dos depoimentos padecimentos do corpo: sintomas conversivos e sensações sobre tudo de pesar, angústia, abatimento, sensações de perda, desmaios, limitações do movimento, da fala, da visão, inibições. A recusa do corpo, por exemplo na anorexia, permite interrogar o sentimento de ser estrangeira, modo de ausentar-se de si própria da histeria.

O testemunho de Silvia Franco (A.E. 2008-2011) diz: “Na infância, quando o sujeito se confrontava com o furo no Outro, de tanto chorar perdia o sentido e desmaiava... Na idade adulta, o sintoma surge como medo de perder o sentido ao falar. Um corte da sessão destaca o significativo “escolhida” e surge a recordação de seu nascimento, o qual ocorreu entre duas mortes e o desejo da mãe de não ter mais filhos. A partir deste significativo pode ler sua vida: ficar quieta, não falar para não incomodar, a preferida, a escolhida, a morta...”.¹¹¹

Sintomas sustentados por diferentes fantasias: de submetimento, posição de objeto destinado a tapar o furo do Outro deixando o sujeito perdido e agarrado a um gozo mortificante.

As A.E.s também testemunham uma angústia no real, angústia diante da aproximação do gozo sexuado, o sintoma fica associado ao parceiro da fantasia na vida amorosa. Em algumas a resposta foi *actings outs* ou passagens ao ato. Em outras a angústia surge dizente de um gozo sem limites.

Cora Aguerre (A.E. 2009-2011) diz em seu testemunho: “O encontro muito cedo com a morte, a loucura e a sexualidade marcaram em mim um especial interesse por querer saber como se faz com isso. Isso me mantinha em suspenso, sem tomar decisões, tentando solucionar conflitos. Era de algum modo a “confidente”. Minha posição me deixava às expensas do Outro, angustiada e inibida. O que via e escutava me ultrapassava, e me deixava em um gozo mortífero que me asfixiava...O sintoma se manifestava na sensação de estar perdida, de não encontrar meu lugar”.¹¹²

Sobre as identificações

Os testemunhos dão conta do percurso e queda de diferentes identificações alienantes. Constata-se o que Lacan assinala sobre a histeria: o amor ao pai estrutura a histeria, o gozo da mãe a desestrutura. Sustentar o pai como ideal acreditando no pai é uma crença que deverá cair.

O testemunho de Pascale Leray (2008-2011) nos diz: “Estava identificada a minha mãe como uma mulher na dor, que havia sofrido várias perdas de pessoas muito queridas entre as quais estava a perda de meu pai, que morreu enquanto ela me esperava. Havia atribuído a este pai morto, o valor de um parceiro ideal do qual minha mãe havia sido brutalmente privada. Era uma maneira de querer fazer existir, a relação sexual impossível, quer dizer, de não querer saber da castração ligada ao real do sexo e da morte...”.¹¹³

Que dizem do amor e das trocas na relação com o parceiro?

Dizem de um gozo e um circuito pulsional que fixa e determina a repetição que condiciona a forma de relação com o parceiro. Mostram uma estreita relação entre amor-morte e amor-devastação. Um homem pode inscrever-se muito rápido como devastação para uma

¹¹¹ Silvia Franco (2009). “De las consecuencias analíticas del Pase: Lo inesencial del Sujeto Supuesto saber”, presentado en el Foro de San Pablo en septiembre de 2009. Publicado en “*Lo que pasa en el Pase*” N° 2, pp. 209 a 223, Julio 2011. Asociación América Latina Norte, bajo auspicio de la Asociación Foro del Campo Lacaniano, Medellín.

¹¹² Cora Aguerre. “Lo que pasa en el pase” – No. 2, fragmentos del testimonio de Cora Aguerre encontrados en los diferentes trabajos presentados y recopilados en este texto, pp. 233-238.

¹¹³ Pascale Leray (2008). “La experiencia del Pase: De la decisión a las consecuencias”. *Revista L'en-je-lacanien* N° 11, pp. 07-21, Testimonio presentado en el Museo des Abbatoires en Toulouse, junio de 2008.

mulher, pois revela para ela o engano do amor. Devastadas pelo amor, porém com sua outra face demandante ao parceiro. O amor pode tomar assim as formas mais loucas. A persistência da demanda deixa a mulher submetida às exigências sem limites de um outro real, o supereu mostra sua cara de imperativo que ordena ultrapassar todas as barreiras e ir mais além do princípio do prazer, da dor e do pudor, pura pulsão de morte. Na vida amorosa das mulheres se produz uma convergência entre o amor e o desejo no mesmo objeto, para a mulher, é essencial ser amada. Sua demanda comporta um caráter absoluto e potencialmente infinito.

Em algumas, seu ser se sustenta pelo olhar do Outro, acompanhado de ciúmes insensatos. Separar-se do homem é aniquilar-se e pode tomar a forma erotomaniaca, ou estar identificada ao objeto idealizado do perverso. Uma vez que acabou o amor como repetição mortífera, como memória das marcas edípicas, é preciso inventar um novo modo de amor dentro do não todo. O percurso de uma análise permite situar por meio da ordenação simbólica, a exata ordem do desejo e sair da tragédia edípica.

O testemunho de Elizabeth Leturgie (2005-2007)¹¹⁴ diz: “Havia aprendido a ler muito cedo, com as letras de meu sobrenome inscritas na sepultura de meu pai, meu avô paterno e um irmão pequeno. Era a letra H, gravada na pedra, a que tinha a minha preferência. Minhas iniciais são E.H. era assim que eu assinava. Porém o que repetia desde pequena eram as últimas letras do nome do pai: E.L. que se inscreveram em mim como significante de minha feminilidade. Encontrando ainda muito jovem aquele que casando-se comigo me deu umas novas iniciais, E.L. Elizabeth Leturgie, me encontrei assim novamente ligada às letras significantes do Nome do Pai. Será preciso um longo trabalho de análise para situar o gozo amado e detestado, e pelo ciframento da letra, – quer dizer, passar de E.H. a E.L. – conseguir desalojar os vestígios do gozo que se alojavam ali, o que permite a queda do mito familiar transmitido pelo discurso materno que fazia “do amor antes de tudo” velando a não relação sexual.

Como dão conta da passagem do gozo fálico ao gozo feminino?

Podemos dizer com Lacan que o gozo mais além do falo interroga especificamente a posição feminina. O gozo feminino, com seu caráter de infinitude, é por excelência o lugar onde se acede à experiência de que não há Outro do Outro. Mulheres serão aquelas que se relacionam com seus parceiros enquanto falo, porém ao mesmo tempo são não todas e por isso podem ter um gozo Outro diferente, suplementário, adicional e não estar contidas só no gozo fálico.

Os testemunhos falam de um gozo genital vivido como ameaça à integridade do corpo. Aparecendo um gozo a-sexual ou o corpo todo como uma grande zona erógena sem bordas. Na análise foi necessário abandonar a posição de ser o falo para consentir a ser a causa de desejo do homem sem sentir angústia ou culpa. O trabalho de construção e atravessamento da fantasia permite uma nova posição sexuada na qual se pode em lugar de recusar o corpo, entregá-lo. Como disse Trinidad Sanchez-Biezma de Lander: “um passo ao bem dizer que poderia dar conta de um dos possíveis destinos do gozo feminino. De como uma mulher pode habitar o gozo outro que não seja ao modo da ignorância, da angústia inclusive do desconhecimento”.¹¹⁵

Lemos no testemunho de Pascale Leray: “a castração materna fruto de um tormento desde criança deixa de estar recoberta pelo drama ligado ao real da morte e dá acesso ao que foi a grande dificuldade de tornar-se mulher. Um sonho: “a sonhadora se encontrava com uma gata pendurada em seu braço pelas unhas. A sonhadora abre a boca emitindo um grito áspero. Acorda no momento em que está invadida pelo terror de que a gata lhe salte na vista. O equívoco mostra que o que salta à vista é o olhar que vem como objeto no lugar do órgão sexual feminino apresentando-se aqui como uma hiância que ameaça. Segue-se um alívio ligado a esse achado, que o olhar vinha nesse lugar do que é impossível de juntar no nível do sexo e o

¹¹⁴ Elisabeth Leturgie (2011). “Testimonio de mi pase” In: *Lo que pasa en el pase* Nº 2, pp. 101-104, Julio 2011.

¹¹⁵ Trinidad Sanchez de Biedma, “Por una razón”, *Wunsch* 3, *Boletín Internacional de los Foros del Campo Lacaniano*.

mascara. Esse impossível não é nem horroroso nem triste. Pelo contrário, a libera de seu temor: um olhar devorador”.¹¹⁶

Como testemunham a relação com a mãe?

Nos diferentes testemunhos podemos ler importantes observações sobre a relação mãe e filha e a tramitação da feminilidade. Falam de suas mães e de suas marcas de modo que podemos inferir a devastação com distintas conseqüências. Aparecem referências à mãe nos sonhos de final de análise e também no passe. Afirmamos que é necessário ao final realizar o luto da mãe para aceder à posição feminina e acrescento também aceder à posição do analista. Os testemunhos das passantes mulheres permitem o acesso a esse território que está mais além do Pai, mais além do Édipo, com esse resto da ligação-mãe por fora da lei. Insistência nos testemunhos do passe da separação com o Real do corpo da mãe.

Cora Aguerre em seu testemunho afirma: “aparece com claridade a dificuldade do Outro materno para acolhê-la e a analisante durante muito tempo seguirá mantendo a esperança de que isto se poderá modificar; esse era o modo de crença no Outro. Na análise descobre que é um ponto de impossibilidade que sempre esteve ali desde a infância. Depara-se com um impasse, isso não foi e nem será. Cai minha estratégia a respeito desse Outro, quer dizer, oferecer-me e em seguida esquivar-se, e continuar no desencontro. A virada produz a passagem da impotência ao impossível, que permitirá também o possível”.¹¹⁷

Podemos perceber em vários testemunhos a marca que vai do desejo materno ao desejo do analista. Um sujeito advertido de suas marcas imprimirá seu estilo, que lhe permitirá um modo singular de fazer. Talvez, então, a pulsão conheça outro destino onde finalmente esse resto da ligação mãe-filha encontrará uma verdadeira pacificação. Algo ali fará *sinthome*, uma ligação diferente. Esse saber-fazer com essa marca singular de gozo proveniente da ligação mãe-filha, torna-se marca do analista, o que permite fazer algo singular com seu Desejo de Analista: um estilo.

No testemunho de Elisabeth Leturgie lemos: “Para mim, ser psicanalista é procurar fazer com que o vazio da estrutura não seja tamponado. Diria até que é necessário saber de que modo sua própria castração operou para fazer surgir o desejo mesmo do analista. Isso traz para mim a aceção de que a palavra materna sobre o amor não era verdadeira e que pode conter algo de engano”.¹¹⁸

Como testemunham a respeito da passagem de analisante à analista e de seu desejo de analista?

Essa passagem é o desenlace de uma análise levada até ao final. Os testemunhos revelam que o final da análise surpreende. Final que implica uma confrontação com os espelismos da verdade e com o horror de saber. De diversas maneiras, com dificuldade já que se trata de um real em jogo, dão conta de como surgiu o desejo do analista. Em uma das passantes, ao final da análise, verifica-se que o ideal da crença de que havia a possibilidade de bem/dizer tudo sobre o sexual o que a levou a ser psicóloga, tinha como correlata o objetivo de ser compreendida/ouvida. Em outra, o desejo do analista aparece conectado com outro desejo da infância: sua curiosidade insaciável. Não se trata de buscar a verdade como no início, nem de escutar por glotonaria. Trata-se só de escutar desde o furo a partir de ter cernido seu próprio horror de saber.

Patrícia Muñoz em seu testemunho disse: “A estratégia do sujeito frente ao Outro, sustentando a posição fantasmática de passar “desapercebida”, fazer-se de morta que se traduz

¹¹⁶ Pascale Leray (2008). “La experiencia del Pase: De la decisión a las consecuencias”, *op. cit.*

¹¹⁷ Cora Aguerre (2011). “La lógica de la cura y sus anudamientos (22/02/2010)”. Publicado en *Lo que pase en el Pase* Nº2. Editorial. Asociación América Latina Norte, bajo auspicio de la Asociación Foro del Campo Lacaniano, Medellín, julio 2011, p. 240.

¹¹⁸ Elisabeth Leturgie (2011). “Testimonio de mi pase”, *op. cit.*

por não intervir muito, não falar, o incômodo dessa impostura força-lhe para levar a análise até o final. Essa posição é antagônica com o desejo e com o ato... Não podia ocupar o lugar de analista sem que tivesse terminado a análise. Possibilidade de ocupar um lugar é valentia, é enfrentar a ferocidade do Outro e deixar de alimentá-la. Uma vez que atravessa esse limite o sujeito pode enfrentar o Outro e nada acontece. Pagar o preço implica perceber que a vida tem um valor que não se dá ao Outro, tem um valor para o sujeito que já não espera nada do Outro”.¹¹⁹

Escolhi terminar com umas palavras de Trinidad Sanchez-Biezma de Lander: “Atravessar a experiência do passe me permite ver com maior clareza a posição subjetiva, possibilidade que legitima voltar à vida de outra maneira. Saída da posição de um sujeito destituída, porém não desligada, pelo contrário; é mulher limitada, porém decidida. A limitação não é produto da identificação, mas sim do que resulta como resto da operação de separação. Alguém que a cada vez tem que se arranjar com sua causa”.¹²⁰

Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda

Referências Bibliográficas

- Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933), 33ª conferencia. La feminidad”, en *Obras Completas*, Volumen XXII, Amorrortu Editores, Buenos Aires
- Freud, S. “Sobre la sexualidad femenina” (1931), en *Obras Completas*, Volumen XXI, Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1988, Lacan, Jacques: “Ideas directivas para un congreso sobre la sexualidad femenina” (1958), en *Escritos 2*, Siglo Veintiuno Editores, Buenos Aires, 2005.
- Lacan, J. El Seminario, Libro 20, *Aun*, (1972-1973), Editorial Paidós, Buenos Aires, 2007
- Lacan, J. El Seminario, Libro 10, *La Angustia*, (1962- 1963), Editorial Paidós, Buenos Aires, 2006.
- Lacan, J. El Seminario, Libro 18, *De un discurso que no fuera del semblante* (1971-72). Barcelona: Paidós, 2009.
- Soler, C. *Lo que Lacan dijo de las mujeres*, Editorial Paidós, Buenos Aires, 2006.

Colette Soler (França)

Autorizar-se, mas como?

A fórmula “o analista só autoriza de si mesmo” foi lançada por Lacan em 1967 em um contexto polêmico. Esta polêmica tem duas partes, uma bastante conhecida contra a IPA e suas ambições de administrar o direito ao exercício da psicanálise, a segunda, menos explícita, diz respeito a sua Escola, três anos depois de sua fundação.

A expressão pode ser entendida pelo neófito como um grito de arrogância individualista, semelhante a uma daquelas fórmulas, a que a publicidade nos habituou, do tipo “porque eu o decidi”. Desdobrada, ela comporta níveis de grande complexidade, e o resultado é que autorizamos-nos, na maior parte das vezes, no inverso do que ela implica. Por exemplo, para criticar uma suposta lassidão de Lacan, lado IPA, ou então, ao contrário, e atualmente em todos os lugares, autorizamos-nos paradoxalmente para “montar um consultório de analista”¹²¹, como se diz. E ninguém pode fazer nenhuma crítica. Deveria, no entanto, saltar aos olhos que Lacan propõe a fórmula no exato momento em que conclui sua concepção da garantia, acrescentando o dispositivo do passe à supervisão, que é mais antiga e diz respeito à prática. Trata-se, desde então, de conceber o modo como uma Garantia pode não contradizer a fórmula de base.

¹¹⁹ Patricia Muñoz (2010). “Decisiones”, presentado en la Jornada Europea Sobre el pase: *El pase, yo lo pienso pero* (06/10/2009). Publicado en *Lo que pasa en el Pase N° 1*, septiembre 2010, pp. 147-152.

¹²⁰ Trinidad Sanchez-Biezma de Lander (2010). “Lo que queda después de un análisis” In: Espacio Escuela del EPFCL-Madrid, Marzo 2010. Publicado en *Lo que pasa en el Pase N°1*, Septiembre 2010, p. 170. Asociación América Latina Norte, bajo auspicio de la Asociación Foro del Campo Lacaniano, Medellín.

¹²¹ (N.T.) No original: “s’installer comme analyste” cuja tradução literal seria “instalar-se como analista”.

É preciso acrescentar-lhe alguns complementos, sabemos disso. Por ordem de importância crescente: depois de ter dito “de si mesmo”, ele acrescenta “e de alguns outros”, depois ele especifica “apenas” o analista autoriza-se de si mesmo e, por fim, o analista “historisteriza-se”¹²² por si mesmo.

Que ele tenha acrescentado “e de alguns outros” só multiplica o mal-entendido. Acredita-se que, com isso, ele tenha tentado corrigir uma certa imprudência e imagina-se que esses alguns outros são simplesmente o analista, o(s) supervisor(es) e os colegas das comissões que outorgam os títulos. Se fosse assim, seria apenas o retorno à IPA, e menos bem ajustado. Esta alternativa está excluída para Lacan, pois ele mesmo discerniu na “Nota italiana” que “O analista só se autoriza de si mesmo, isso é óbvio.” É óbvio! Dito de outro modo, é um fato, não um preceito, tampouco um princípio de organização da instituição. Ao analista, “pouco lhe importa”, acrescenta Lacan, a garantia que a minha Escola lhe confere como A.M.E., “não é *com isso* que ele opera”.¹²³ Aí não há equívoco, é no ato que ele se autoriza, e não na instalação do consultório. Logo, quem serão esses alguns outros, se não forem os da garantia da prática, quer ela esteja instituída, ou seja a garantia de fato?

Vejo uma resposta única, esses alguns outros estão aí para significar que aquele que se autoriza de si mesmo em seu ato, no entanto, autoriza-se inevitavelmente de alguns outros, caso contrário, ele estaria na impostura do guru. O primeiro na fila desses alguns outros, e do qual todos se autorizam, é Freud, que inventou o dispositivo e cujo nome é pronunciado por todos os analistas. Somam-se a ele alguns pós-freudianos, chegando até Lacan, enfim, todos os que produziram movimentos que terminam em “iano”, como kleiniano, lacaniano, mas todos estes pós-freudianos são apenas passadores que atualizam a invenção freudiana no decorrer do tempo, mesmo quando, depois de fazer o inventário, eles a completam, como é o caso de Lacan.

É uma tese sobre a mola do ato. Ela diz que há um hiato entre o Outro, com maiúscula, e, digamos, o sujeito suposto saber. O analista não se faz a partir do Outro, mas “se faz do objeto *a*”.¹²⁴ Deve-se tomá-lo no duplo sentido: por um lado, é porque o objeto *a* falta ao analisante que ele investe como objeto aquele que se oferece a título de analista, mas, por outro lado, no ato, “o objeto é ativo e o sujeito subvertido.” Ninguém pode dizer “eu ato”¹²⁵, ou estará apenas jactando, verbo que corresponde ao substantivo jactância, sempre pejorativo, como bem se sabe. Este, portanto, não está em seu “eu”.¹²⁶

O analista não todo

A partir daí se pode compreender a segunda fórmula que citei: “só o analista, não qualquer um, autoriza-se apenas de si mesmo”.¹²⁷ Só? Seguramente não sozinho no mundo, pois aqueles que passam ao ato, que produzem obra de arte, e também o homem livre da psicose, todos se autorizam. Não é difícil ‘autorizar-se para’, discerniu Lacan. No entanto, o analista é o único que age assim no campo em que se opera com a fala transferencial, diferente que ele é de todos os trabalhadores da saúde, física ou mental. Ele está só por definição, se ele é analista, pois somente ele sabe, por experiência, que não é mais do que um objeto, *sicut palea*, dizia a “Proposição sobre o psicanalista da Escola”, “ele sabe ser um rebotalho”, diz a “Nota italiana”, ele o sabe no duplo sentido, pois ele o sabe, verbo saber, mas sabe também sê-lo em prática, sabe bancar o objeto.

Mas como distinguir este analista, digamos assim, o analista-analista? Como reconhecê-lo entre todos aqueles que, por se terem analisado, autorizaram-se de alguns outros para montar um

¹²² (N.T.) No original: “*s’hystorise*”, verbo neológico empregado por Lacan no “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*”, condensando os termos “*hystérie*” e “*histoire*”.

¹²³ Jacques Lacan (1974). “Nota italiana” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 311 (Grifo no original).

¹²⁴ Jacques Lacan (1967-1968). “O ato analítico – Resumo do Seminário de 1967-1968” In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 375.

¹²⁵ (N.T.) No original “*j’acte*” que deslizará em “*jacter*” e “*jactance*.”

¹²⁶ (N.T.) No original: je

¹²⁷ Jacques Lacan (1974). “Nota italiana”, *op. cit.*, p. 312.

consultório, quer dizer, funcionar como analista¹²⁸. A partir de 1972, a tese de Lacan é que a análise é necessária, mas não suficiente para fazer o analista que ex-siste, entendamos bem, que ex-siste ao Outro. Há um *gap*¹²⁹ entre o analisado e o analista que ex-siste, pode ter havido análise sem analista. Esta não era a tese da Proposição de 1967, a qual dizia que, levada até seu ponto de finitude, toda análise geraria um analista. Em 1973, Lacan nos lembra o seguinte: “... afirmei, por outro lado, que é do não-todo que depende o analista”.¹³⁰ Trata-se aqui da lógica do não-todo, donde se deduz que não se pode dizer nada que se aplique a todo analista. É por isso que há fórmulas dizendo que é preciso a ex-sistência de (*du*) psicanalista, mas que não se pode dizer “quem é, onde está o analista” e, enfim, impossível nomear alguém analista. Isso esclarece muitas coisas, pois, se o analista tem como condição necessária a ausência da exceção que funda a lógica do todo, não é fácil identificar esse analista, por isso, a competição entre analistas é ainda maior do que entre as mulheres. As consequências são patentes na realidade, particularmente a guerra dos que Lacan chamava “ao menos eu”¹³¹ e também a virulência dos julgamentos para denunciar quem o é e quem não o é.

A distinção de Lacan entre o analista que funciona, até mesmo funcionário, e o analista que ex-siste, pode parecer muito complexa, inclusive sofisticada, distante da prática, como se gosta de falar. Mas, ela está inclusa na Escola de Lacan pelas duas práticas da garantia às quais deve ser confrontada: a prática da supervisão, desde sempre na psicanálise e sempre incentivada, até mesmo onde não é obrigatória, e pelo próprio Lacan a partir do “Ato de fundação”; depois, a prática do passe, com a questão do que se pode avaliar. A questão é: como uma garantia pode advir do discurso analítico?

Uma garantia analítica?

A supervisão é uma prática com modalidades bem diversas, pouco unificadas. É certo que nem sempre se evita a direção, e até mesmo o suporte psicoterapêutico, cujos efeitos de auto/ritualização da prática foram denunciados por Lacan, e não apenas na IPA. No melhor dos casos, a supervisão visa, e também é o que o analista busca geralmente na supervisão, verificar o ato daquele que aí se autoriza. É mesmo preciso verificar, pois o ato não se conjuga na primeira pessoa, já o disse, eu ajo é o contrário de “eu ato”.¹³² Há que se verificar o ato, mas como? Segundo Lacan, o ato se verifica pelo que vem depois, por suas consequências. No caso da supervisão, seria, portanto, pelas consequências para o paciente. Parece simples, mas é preciso que sejam consequências analíticas e não simplesmente uma melhora terapêutica, pois elas podem opor-se uma à outra, conforme Lacan o assinalou.

Quem dirá tratar-se de ato analítico? Um julgamento parece ser convocado no cerne desta prática, cujo maior risco é trazer de volta um Sujeito suposto saber, com maiúscula, como grande Outro do supervisionando. Por isso algumas vezes constatamos que há sujeitos que ficam tão angustiados com a supervisão que não suportam o que funciona para eles, ou seja, justamente a repercussão pós-analítica da sujeição a um sujeito suposto saber. Compreendo, então, porque Lacan não praticava a supervisão de forma diferente da análise, pelo menos na época em que eu a experimentei. Ela não tinha nada a ver com emitir opiniões sobre a famosa construção do caso ou sobre a validade do ato. Aliás, ele próprio disse o seguinte: eu sempre os aprovo, mesmo quando eles fazem sei lá o quê. E aprovar sempre é o mesmo que não aprovar nunca ou suspender todo julgamento de aprovação.

¹²⁸ (N.T.) No original: “*pour s’installer, c’est à dire, pour fonctionner comme analyste*” cuja tradução literal seria: “para instalar-se, quer dizer, funcionar como analista”.

¹²⁹ Em inglês no original.

¹³⁰ Jacques Lacan (1974). “Nota italiana”, *op. cit.*, p.312.

¹³¹ Jacques Lacan (1967). “Discurso na Escola Freudiana de Paris” In: *Outros escritos*, *op. cit.*

¹³² (N.T.) No original: “...*j’acte c’est le contraire de “j’acté”*”.

Então, como verificar o ato sem o julgamento do Outro? Simplesmente pelo “fazer verdadeiro”,¹³³ conforme a expressão de Lacan. “Fazer verdadeiro” na supervisão, como na própria análise, quer dizer, fazer passar à elaboração, à articulação, a estranheza dos efeitos analíticos. Deste modo, o sujeito em supervisão é justamente um supervisionando que, também ele, se coloca no mesmo nível do seu analisando. Digo ‘também ele’ fazendo eco a Lacan dizendo que escrevia para estar no mesmo nível dos seus casos de urgência, para formar um par.¹³⁴ Pode acontecer o mesmo em uma supervisão e, nesse caso, a supervisão já é uma forma do que Lacan propõe no “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, ou seja, uma “historisterização” da análise, aqui, aquela do paciente.

A historisterização analisante

O Prefácio é categórico. Lacan escreve: “(...) o analista só se historisteriza por si mesmo: fato patente (...)”. A reformulação, no intervalo de dez anos, do autorizar-se em historisterizar-se não é uma brincadeira, está fundamentada na ênfase que ele deu, a partir do *Seminário 20*, ao ICSR. Ela significa que, em todos os casos, o autorizar-se supõe o historisterizar-se. É o que eu gostaria de mostrar. A expressão “fato patente” é o contrapeso do “isso é óbvio” da “Nota italiana”.

Analisar-se já é, em si, uma historisterização, o sujeito constrói o que Freud chamava, não por acaso, de “romance do neurótico”, o romance da sua vida no sentido em que a análise é justamente uma busca de verdade. E o que acontece no fim? Ela põe na balança a verdade que mente e o real que emudece (o real do gozo antinômico a toda verossimilhança). Que ela os ponha na balança significa que não se trata de escolher entre elas, que não é um ou outro, mas os dois, que se limitam mutuamente e se esclarecem por contraste. Aquele que, em sua análise, se assegurou do ICSR, por tê-lo experimentado – vocês conhecem a frase, “o que se sabe, consigo”¹³⁵ – apenas ele pode fazer *historisteria*¹³⁶ com ele mesmo, pois o real fora do sentido que não fala, faz falar. Historisterizar-se é fabricar uma narrativa, ainda que sucinta, consiste exatamente em fazer com que se torne verdadeiro, em “fazer verdadeiro” – foi por isso que retomei esta expressão. É justamente aí que podemos dizer que o verdadeiro é sempre novo, pois, que outro poderia historisterizar senão o próprio sujeito analisante, que chegou ao fim do percurso, na *historisteria* que ele conta para si e que lhe sopra que está à altura de ser analista? De fato, nunca se viu um sujeito tomar a iniciativa do ato sem o embrião de uma narrativa fundadora, pois, mesmo quando ele diz que não sabe o que o impulsiona, ele diz ao menos que é impulsionado ou que não poderia agir de outra maneira. Quando, finalmente, esse sujeito se autoriza a historisterizar, por pouco que seja, o passo que deu, ele produz uma *historisteria*, não grandiosa, mas tão única e inédita que não toma nada emprestado de nenhum Outro, mas surge da experiência feita – Lacan fala de autenticidade. Uma historisterização, portanto, que é original, que não é do Outro e que exclui a repetição.

Tendo dado este passo no dispositivo, o sujeito, diz Lacan, submete-se à “prova da historisterização”. Aquele que já historisterizou na análise sua relação com o real poderá ainda submeter este real à sua re-historisterização, ele se encarregará de “fazer verdadeiro” o seu real. Esta prova é sempre apaixonante para quem se submete a ela, mas ela se desdobra, por ter de receber uma resposta, que nem sempre admite, uma resposta dos membros do júri que são apenas simples testemunhas receptoras do tornar verdadeiro de uma relação com o real.

Meu título indagava como se autorizar, a resposta é historisterizando-se, ou melhor, pela historisterização autorizante. Esta se aplica de forma tríplice ao analisante, ao supervisionando e ao passante. Ao analisante, por definição, ao supervisionando e ao passante, como possibilidade. Em todos esses níveis o analista se autoriza, mas pela historisterização de um real – não

133 (N.T.) No original: “*faire vrai*”

134 (N.T.) No original: “*faire la paire*”.

135 (N.T.) No original: “*on le sait soi*”. “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” In: *Outros escritos, op. cit.*, p. 567

136 (N.T.) No original: “*hystoire*”.

simplesmente do real – quer seja o do ICRS ou o real do ato. A Garantia, com seus dois dispositivos maiores, a supervisão e o passe, pode advir do discurso analítico, mas desde que a historização autorizante funcione aí. Pois somente ela pode dar um *stop*¹³⁷ na demanda feita ao Outro, não é impossível, seria até mesmo desejável, mas ela é apenas possível e, na falta dela, essas práticas são capturadas pelo discurso universitário, o qual faz semblante do saber.

Tradução de Vera Pollo

¹³⁷ (N.T.) Em inglês no original.

Trabalhos dos cartéis do passe

CARTEL 1

David BERNARD (França)

RELATOR

Passe e história¹

Nosso cartel do passe, em função há quase dois anos, até agora não procedeu a nenhuma nomeação de A.E. No entanto, através dos testemunhos escutados, uma experiência se constituiu e que gostaríamos de interrogar e começar a elaborar. Sabemos que Lacan convidava o júri do passe para isso, evocando a necessidade de um trabalho de doutrina. Todavia lembramos uma precisão de Lacan: nesse trabalho se trata de encerrar uma experiência. Fórmula que poderia parecer paradoxal sob a pluma daquele que demonstrou suficientemente a incompletude do saber. Mas, justamente, seguindo a lógica do significante, Lacan esperava desse encerramento... efeitos de liberdade: “poder surgir das liberdades do fechamento de uma experiência, é isso que decorre da natureza do *a posteriori* na significância”.²

Então, que liberdades? Pois bem, aquelas do significante quando esse encontra a possibilidade de ser interrogado e lido de outro modo, tanto na experiência analítica como na sua teoria. No que concerne nossa experiência de cartel, pudemos verificar isso nos efeitos de surpresa e questionamentos que os diferentes testemunhos suscitaram durante nossos debates. Isso valeu certamente no *a posteriori* de cada testemunho, mas, igualmente, no *a posteriori* de sua seriação, quando foram também as diferenças ou ressonâncias surgidas entre eles que fizeram ensinamento para nós. Mas foi preciso um tempo, o tempo de uma experiência se assentar, se escrever, para que o cartel tomasse aí uma posição de leitor.

Encerrar uma experiência supõe, portanto, escrevê-la. Lacan insiste que há necessidade de uma escrita a partir daquilo que estrutura a experiência, a fim de proceder, não somente a uma acumulação dessa experiência, mas também a “sua elaboração, uma seriação de sua variedade, e uma notação de seus graus”.³ Condição necessária para que a experiência analítica do passe, passada dessa maneira à categoria de saber textual, possa então ser interrogada e não ser esquecida nas palavras-mestre de um saber estabelecido.

Voltemos então àquilo que, em nossa experiência de cartel do passe, não seria justamente evidente. Entre outros, um ponto reteve nossa atenção e concerne a presença reiterada nesses testemunhos de cenas infantis, em número limitado, onde cada um dos passantes teria decifrado, durante sua análise, a importância decisiva. Certamente existe algo que difere entre as cenas, mas há também aquilo que, para além dessas diferenças, as aproxima, que trataremos de dar conta.

¹ Esse texto é fruto de trocas no contexto de um dos cartéis do passe (2012/2014) composto de : Cora Aguerre, Maria Vitoria Bittencourt, David Bernard, Agnès Metton, Patricia Zaroswky e Claude Léger (Mais-Um). Relator : David Bernard.

² Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 261.

³ *Ibid*, p. 261.

Cenas

Primeiramente assinalamos a temporalidade comum dessas cenas e seu caráter determinante. Muitas vezes trata-se de um instante que teria feito intrusão para o sujeito e que se averiguou ser determinante na sequência de sua história, especialmente de seus sintomas. Por outro lado, o sujeito se encontra aí frequentemente em relação aos outros, principalmente membros de sua família.

Vamos precisar agora o que, em cada caso, presidiu essas cenas. Primeiramente, o que está em jogo é um gozo, um gozo do sujeito ou do encontro de gozo com os parceiros para com ele. Ao qual se acrescenta o que acompanhou, ou mesmo sancionou, esse gozo no registro do significante. Ficamos surpresos de encontrar em cada caso, ligado a esse encontro com o gozo, um veredito significativo como vindo do lugar do Outro para, não somente aí reduzir o sujeito, mas, ainda mais, poderíamos dizer, re-nomeá-lo. Duas formas paradigmáticas desse veredito significativo apareceram assim: “Você é...” , “Você será...” ou, mais frequentemente, um *surnom*⁴ dado ao sujeito. Enfim, os testemunhos colocaram o acento sobre o peso dessas re-nomeações, que, daí em diante, vieram identificar o sujeito a esse traço de gozo na sua relação ao Outro e dividi-lo, assim como os diversos afetos relatados dão um indício: vergonha, angústia, culpa...

Assim, nossa atenção se deteve não somente sobre a frequência dessas cenas infantis, já percebidas por Freud na sua teorização das cenas primitivas, mas também sobre o lugar e a estrutura particulares que ocupam aí as escansões significantes, que nos pareceram menos comentadas. Duas questões orientaram assim nossa reflexão: a primeira sobre esse enodamento entre o evento de gozo encontrado e seu correlato particular no registro do significante; a segunda foi re-interrogar a presença sistemática dessas cenas naquilo que faz uma história. Os testemunhos escutados nos levaram assim a reinterrogar o que Freud chamou de a cena primitiva e as cenas infantis, ditas originais, assim como retomar a questão que Lacan, no seminário sobre o Homem dos Lobos, deduziu desde 1952: “O que é uma história ?”⁵.

Para começar a responder, assinalamos primeiramente em Freud os traços característicos das cenas que chamou de primitivas. Primeiro, seu peso de causalidade: trata-se aqui de “experiências vividas infantis, às quais a libido está fixada e das quais se formam os sintomas”,⁶ mas também sua frequência. No que faz a história dos sujeitos neuróticos, essas cenas “raramente estão ausentes”. Enfim, Freud isola entre elas, três cenas típicas: “a observação do coito dos pais, a sedução por um adulto e a ameaça de ser castrado”.⁷

As cenas primitivas parecem não somente carregar a história de cada sujeito, mas também, para além das contingências individuais, tomar um caráter típico como indica sua presença sistemática e a repetição de seu conteúdo. Que conteúdo? Freud não deixa de reconhecer um ponto comum entre essas três cenas típicas, cada uma colocando em jogo o encontro da criança com um gozo experimentado como proibido. Porém, Freud dá uma precisão: primeiramente, a criança teria encontrado esse gozo de um modo enigmático, antes que este seja interpretado *a posteriori* como proibido. A cena dita primitiva é então o que virá historizar essa experiência enigmática, e primeira, de gozo. No entanto, Freud não negligencia em nada a realidade possível das cenas infantis assim relatadas. Somente, se elas faltassem, o sujeito as inventaria, testemunhando assim de uma outra necessidade. “Tais eventos da infância são, de uma maneira ou de outra, necessariamente exigidos (...), eles pertencem ao estoque imutável da neurose. Se eles estão contidos na realidade, é bom; se a realidade os recusou, eles são fabricados a partir de indícios e completados pela fantasia”. Depois se pergunta: “De onde

⁴ (N.T.) Optamos em manter esse termo em francês – *surnom* – pois sua tradução literal – apelido ou alcunha – retira o substantivo nome, importante para a sequência do texto.

⁵ Jacques Lacan. Seminário sobre *O homem dos lobos*, primeira lição, consultável na internet.

⁶ Sigmund Freud. XXIIIº conferência introdutória à psicanálise, “Os caminhos da formação dos sintomas” In: *Obras completas* V. XVI, Imago, Rio de Janeiro, 1976, op. cit., p.428.

⁷ *Ibid.*, p.430.

procede a necessidade dessas fantasias e o material para elas?”⁸ Em outras palavras, o que funda o sistematismo dessas cenas primitivas, qual sua necessidade?

Os testemunhos do passe nos permitem então retomar essa questão a partir daquilo que deixariam aparecer: não somente a dimensão imaginária dessas cenas, mas seu correlato no registro significante; não somente o instante de ver, mas aquilo que nesse instante teria retornado ao sujeito, do lugar do Outro, como escansão significante. Não podendo nos apoiar diretamente no conteúdo dos testemunhos recolhidos, devido à preocupação com a confidência, vamos nos referir aos casos paradigmáticos de Freud. Pois, se Freud quase não se demora nessa dimensão significante, os casos relatados a colocam em relevo, de maneira bem próxima o que nosso cartel do passe recolheu.

Significantes da cena

Dessa maneira, vemos no caso do Homem dos lobos. Certamente não a cena primitiva mais conhecida, pois foi reconstruída por Freud, mas outras cenas que o Homem dos lobos tinha a lembrança, cuja importância Freud sublinha igualmente na sequência da história e dos sintomas do paciente. Por exemplo, a cena de sedução pela irmã mais velha, ocorrida quando tinha três anos e três meses. Nesse dia, as crianças jogavam no chão, num quarto da casa enquanto a mãe trabalhava no quarto ao lado. A irmã então lhe havia “pegado no pênis e brincava com ele, ao mesmo tempo em que lhe contava histórias incompreensíveis sobre a babá, a guisa de explicação. A babá, dizia ela, costumava fazer o mesmo com toda a espécie de gente – por exemplo, com o jardineiro:ela mantinha-lhe a cabeça em pé e então pegava-lhe nos genitais”⁹. Ao que estava em jogo no gozo, se juntou aqui uma frase, não menos enigmática para a criança do que o evento de gozo ele mesmo. Daí resultou para ele o desejo de repetir essa experiência de gozo, justamente com a babá. “Começou, portanto, relata Freud, a brincar com o pênis na presença da babá (...). A babá desiludiu-o; fez uma cara séria e explicou que aquilo não era bom; as crianças que o faziam, acrescentou, ficavam com uma “ferida no lugar”¹⁰. Eis, portanto, um primeiro exemplo. Cada uma das duas experiências de gozo eram acompanhadas de uma escansão significante, enigmática na primeira cena, julgadora na segunda, fisingando na criança uma ação errada¹¹ em relação ao gozo, tendo como retorno essa ameaça de castração.

Encontramos essas duas dimensões significantes no caso do Homem dos ratos. Primeiro, a lembrança de uma cena que, ainda aí, deixou a criança perplexa, mas também envergonhada, pois excluída de uma possível, embora opaca, satisfação de gozo. A criança tinha sete anos e se encontra ao lado de duas jovens mulheres, da cozinheira e de seu irmão menor. “As jovens estavam conversando e eu, de repente, me tornei cômico do que Fraulein Lina dizia. Poder-se-ia fazê-lo com o pequeno, mas Paul (era eu) é muito desajeitado, seguramente ele iria falhar”. Eu não entendia claramente o que estavam querendo dizer, contudo senti a desconsideração e comecei a chorar”¹².

Aí vem uma outra cena, fisingando de novo uma ação errada em relação ao gozo e, desta vez, será acompanhada de um dizer do Outro do tipo oracular. A criança havia mordido alguém de seu meio familiar. Para puni-lo, o pai começou a bater nele, o que desencadeou a famosa cena de fúria da criança, que insulta esse pai de diversos nomes de objetos. Mas, sublinhemos com Freud, que “o pai, abalado com uma tal explosão de fúria natural, parou de lhe bater e exclamara:

⁸ *Ibid.*, p.433. Cf. também Freud “História de uma neurose infantil” In: *Obras completas*, V. XVII, Imago, Rio de Janeiro, 1979, p. 79: “Os incidentes de observação de relações sexuais entre os pais em idade muito precoce (quer sejam verdadeiras lembranças, ou fantasias) não são, de fato, nenhuma raridade em análises de neuróticos. Possivelmente não são menos frequentes entre aqueles que não são neuróticos. Possivelmente fazem parte do depósito regular - consciente ou inconsciente - de suas lembranças”.

⁹ Sigmund Freud. “História de uma neurose infantil” In: *Obras completas*, V. XVII, Imago, Rio de Janeiro, 1979, p. 34.

¹⁰ *Ibid.*, p.39.

¹¹ (N.T.) No original *faute*, no sentido de erro, falta. Daí a escolha de traduzir por “ação errada” para distinguir de falta.

¹² Sigmund Freud. “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” In: *Obras completas*, V. X, Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 166.

‘O menino ou vai ser um grande homem ou um grande criminoso’”.¹³ Aliás, eis o que poderia ser associado a uma lembrança de Freud ele mesmo: “Certa noite, antes de dormir, desprezei as normas formuladas pela modéstia e obedeci aos apelos da natureza no quarto de dormir dos pais enquanto se achavam presentes. No curso da reprimenda de meu pai, este disse as seguintes palavras: ‘O menino não vai dar para nada’. Isso deve ter sido um golpe terrível para minha ambição, pois referências a essa cena estão constantemente recorrendo em meu sonhos e estão sempre ligadas a uma enumeração de minhas realizações e sucessos, como se eu quisesse dizer: ‘Estão vendo, eu dei para alguma coisa’”.¹⁴

Assim, temos tantas cenas colocando em jogo não somente uma experiência de gozo mas, igualmente, a significação repreensível que toma através do dito do Outro, vindo interpretá-la como ação errada. É preciso sublinhar os efeitos disso. Primeiro, uma destituição humilhante para a criança, como mostram esses exemplos, assim como pudemos escutar em certas cenas relatadas durante os testemunhos de passe. Lacan mencionou esse traço de humilhação em seu comentário do artigo de Freud *Bate-se numa criança*, reconhecendo aí um efeito do significante ele-mesmo. No ato de punição e seu efeito de humilhação para a criança, trata-se de um “ato simbólico” e de “alguma coisa de significante” Lacan precisa, que a precipita de sua “onipotência” e “tende a aboli-lo enquanto sujeito”.¹⁵ Então, temos aqui uma primeira vertente da estrutura significante dessas cenas, enquanto fizeram trauma para a criança: sua destituição humilhante, no sentido de queda súbita de uma identificação ao falo imaginário, com seu efeito de identificação da criança a um nada. Um verdadeiro golpe do significante, por conseguinte, sobre seu corpo. Tal como nos confiou há pouco uma criança: “Recebi da professora um ponto vermelho, Paf!”.

Aliás, Freud não deixou de sublinhar a pregnância dessas cenas de punição nos relatos que seus analisantes lhe faziam de sua história, vindo como de maneira paradigmática apontar uma experiência de gozo: “Em psicanálise deparamos, com frequência, com ocorrências dessa natureza, cujas datas remontam aos mais tenros anos da infância do paciente, em que a atividade sexual infantil parece atingir seu clímax e, muitas vezes, culmina de maneira catastrófica em virtude de algum infortúnio ou punição”.¹⁶ Também sabemos que reconhecerá aí, muito frequentemente, uma atualização da ameaça de castração. Ao juntar essa observação àquela de Lacan, assim como o caráter típico dessas cenas, não poderíamos concluir como um efeito da estrutura? Dito de outra maneira, concluir como um efeito de castração que o significante ele-mesmo impõe sobre o corpo à experiência de gozo? É o efeito “bofetada”,¹⁷ retomando a expressão de Lacan, que o significante pode ter na destituição do sujeito da identificação fálica e na sua identificação a um nada.

Sumom e gozo

A propósito dessas cenas de punição e sua articulação à ameaça de castração, Freud citou a obra¹⁸ do pediatra de Frankfurt H. Hoffman.¹⁹ Tratava-se de um manual de obediência, uma das primeiras histórias em quadrinho alemã, colocando em cena várias histórias de crianças que,

¹³ *Ibid.*, p.207.

¹⁴ Sigmund Freud “A interpretação dos sonhos” In: *Obras completas* V. IV, Imago, Rio de Janeiro, 1972, p. 230.

¹⁵ Jacques Lacan (1956-1957). *Le Séminaire – Livre V – Les formations de l’inconscient*. Paris : Seuil, 1998, p. 238.

¹⁶ Sigmund Freud. “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” In: *Obras completas*, V. X, Imago, Rio de Janeiro, 1976, p. 208.

¹⁷ Jacques Lacan (1956-1957). *Le Séminaire – Livre V – Les formations de l’inconscient*, *op. cit.*, p. 241

¹⁸ Henrich Hoffmann. *Der Strummwelpeter (Pierre l'ébouriffé)*, consultável no internet. Podemos nos referir igualmente ao artigo de Nelly Feuer “Pierre l'ébouriffé: l'énigme d'une figure surréaliste”, também consultável no internet.

¹⁹ Sigmund Freud. “XXIIIª Conferência introdutória à psicanálise”, “Os caminhos da formação dos sintomas” In: *Obras completas*, V. XVI, *op. cit.*, p.431. N.B: Observa-se que Schreber ele-mesmo cita em suas Memórias *Pierre l'ébouriffé*: “J'ai trouvé dans la remémoration des poèmes un heureux stratagème. Ainsi ai-je appris par cœur un grand nombre de poèmes, notamment des ballades de Schiller et de Goethe, mais aussi des airs d'opéra et des poèmes plaisants, entre autre le Max et Moritz, Pierre l'Ebouriffé, et des fables de Speker dont j'égrène le chapelet en silence”. Schreber D.P, *Mémoires d'un névropathe* (1903), Paris: Seuil, 1975, p.185.

por terem desobedecido aos seus pais, iam ter que sofrer punições assustadoras. Freud sublinha a dimensão sempre sexualizada dessas asneiras, assim como a figuração da castração que essas sanções infligidas às crianças são revestidas, como o exemplo do “chupador de dedo” que acaba vendo surgir no seu quarto, como sua mãe tinha ameaçado, o alfaiate pronto a cortá-lo com uma tesoura gigantesca.

Mas, sublinhamos agora que o título da obra *Pierre l'ébouriffé*²⁰ bastaria para indicar. Ou seja, não somente nessas cenas a identificação da criança com um nada no campo do significante, mas também sua identificação no registro do gozo. Aqui o *surnom* vem identificar a criança ao seu hábito desagradável, de nunca se deixar pentear. Eis o que permite, com efeito, de acrescentar ao efeito de marca dessas cenas infantis, não somente o efeito de subtração de um gozo, mas igualmente seu resto.

Dito de outra maneira, não somente a identificação da criança a um nada mas sua identificação a esse resto de gozo pulsional, vindo *sur-nommer*²¹ o sujeito e revelar o que talvez faça o avesso da posição de sem-nome do neurótico. Os testemunhos dos passes teriam assim sublinhado essa segunda dimensão do significante, visando desta vez a identificar o ser de gozo do sujeito. Marc Strauss, num artigo relatando sua experiência num cartel do passe, fez a constatação da frequência desse tipo de cenas: “São elas que permitem identificar o sujeito; poderíamos até dizer de fígá-lo de uma fórmula única e característica”.²²

Para ilustrar, temos um outro caso paradigmático de Freud, Dora. Mais particularmente uma cena, aí também, a partir da qual Freud lhe deu um *surnom*, “a chupadora de dedo” por causa dessa satisfação pulsional que ela mantinha em criança, apesar da interdição paterna e que constituiu a lembrança de uma experiência de gozo da primeira infância. “A própria Dora tinha uma visão clara de uma cena de sua tenra infância em que ela chupava o polegar esquerdo sentado a um canto do assoalho ao mesmo tempo em que puxava com a mão direita o lóbulo da orelha do irmão que estava sentado quieto a seu lado. Temos aqui um caso da forma completa de autogratisação pelo ato de chupar”.²³ Lacan comentará: “Parece que temos aí (nessa imagem), a matriz imaginária em que vieram desaguar todas as situações que Dora desenvolveu em sua vida”.²⁴ Ao seguir essas indicações, essa cena poderia ser dita originária, não somente do fato de ser uma cena infantil, mas também na medida em que o sujeito, em suma, se encontraria aí num registro do gozo. A cena, em si mesma, veio *surnommer* o sujeito via essa fixação de gozo pulsional: Dora-a-chupadora-de-dedo. Da mesma maneira de *Pierre-l'ébouriffé*, isso poderia fazer o título de uma história, “matriz imaginária”, diz Lacan, das situações de uma vida inteira.

Porque não associar a esse ponto um outro título “O pequeno Hans” que foi também um *surnom* dado por Freud a esse “singular menino”,²⁵ esse “moleque engraçado”²⁶ que era o jovem Herbert, tão excitado quanto dividido pela sua bem-nomeada “bobagem”. Assim como Colette Misrahi e Pierre Thèves haviam sublinhado num texto de 1981, Freud forjou esse “nome analítico”²⁷ depois da entrevista que teve com o menino, na qual a “*prise d'humour*”²⁸ justamente

²⁰ (N.T.) *Ébouriffé* pode ser traduzido por eriçado.

²¹ (N.T.) No original, *surnommer*, cuja tradução literal seria apelidar, porém no texto o autor colocou um hífen (*sur-nommer*) para dar ênfase ao ‘nomear sobre’ ou re-nomear.

²² Marc Strauss. “Scènes primitives” In : *Retour à la passe*. Paris: Ed. Forums du champ lacanien, 2000, p. 613.

²³ Sigmund Freud. “Fragmentos da análise de um caso de histeria (Dora)” In: *Obras completas de Sigmund Freud*, volume VII, Imago Editora, 1972, p. 49.

²⁴ Jacques Lacan. “Intervenção sobre a transferência” In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 222.

²⁵ Sigmund Freud. “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” In: *Obras Completas*, V. X, Imago, Rio de Janeiro, *op. cit.*, p.51.

²⁶ (N.T.) No original : *drôle de garnement* cuja tradução literal seria um menino travesso – in Colette Misrahi et Pierre Thèves, “La visite (La phobie : à l'enseigne de l'ironie)”, in *Littoral* nº1, juin 1981, *Blasons de la phobie*, p.12, consultável na internet.

²⁷ *Ibid.*, p.13.

²⁸ *Ibid.*, p.18.

foi tão importante para a continuação do tratamento. “Hans” é um nome que, em alemão, remete àquele “que zomba e brinca de caçar”.²⁹

O que é uma história

Podemos retomar agora a questão colocada por Lacan em seu primeiro seminário: “O que é a história?”. Em apoio à presença e à frequência desse tipo de cena, tanto nos casos de Freud quanto nos testemunhos que ouvimos, poderíamos observar desde já que não há história sem trauma. Por outro lado, destacamos como traços particulares dessas cenas infantis, tais como foram relatadas, uma experiência de gozo assim como seu efeito de nomeação para o sujeito. Acrescentamos: nomeação forçada, tendo como efeito em cada caso, uma divisão do sujeito, tais como testemunharam os afetos de vergonha, de culpa, de humilhação e de angústia. Em outros termos, essas diferentes cenas traumáticas demonstraram também como os sujeitos se encontraram aí... divididos. Aliás, a dimensão repreensível do gozo foi muitas vezes evocada pelos passantes, à semelhança de Freud que insistiu muito sobre a importância, e mesmo o paradigma das cenas de punição e outras “desconsiderações”. E, como não reconhecer aí um paradigma que, atrás da tela da lembrança, opera também, além das contingências históricas, um efeito de estrutura: o encontro do gozo repreensível. Aqui se trata desse gozo, como Lacan demonstrou, que não convém nunca, por causa daquilo que o limita, a castração, mas também daquilo que a castração deixará como resto, o gozo pulsional. Daí o título muito justo desse manual de obediência, *Pierre-l'Ébouriffé*, vindo assinar a marca de gozo do ser falante.

Os testemunhos acrescentaram ainda uma outra dimensão. Muitos colocaram em destaque que o gozo encontrado, que produziu o trauma, foi não somente o gozo do sujeito, mas igualmente, e às vezes mesmo primeiramente, o gozo de um Outro. Insistimos: não somente o encontro do desejo do Outro, mas aquele de seu gozo. E por exemplo, não *Por que ele disse isso?*, mas *Por que ele fez isso?* No instante da cena traumática, o sujeito se apresenta muitas vezes como subjugado a esse gozo, reduzido a uma posição de objeto e perplexo em relação a ele. Talvez foi isso que Freud entreviu ao fazer da cena de sedução um dos três grandes tipos de cena primitiva, segundo o modelo da irmã mais velha do homem dos lobos, lhe pegando o membro e jogando com ele, ao mesmo tempo em que falava das satisfações obscuras da babá.

Poderíamos valorizar diferenças entre esses tipos de cenas, assim como suas consequências subjetivas. Sublinharemos antes um ponto em comum. Que o sujeito seja pego diante do fato de “seu” gozo ou que faça a experiência de um gozo no Outro, em cada caso vai retornar à criança, do lugar do Outro, uma interpretação desse gozo; tendo como efeitos possíveis dessa interpretação, entre aqueles que destacamos: um gozo experimentado de maneira enigmática, mas também repreensível, ao qual o sujeito poderá se encontrar identificado. Foi o que Hans testemunhou no diálogo com sua mãe que precedeu seu primeiro sonho de censura. À satisfação que demandava espontaneamente no momento de seu banho, ela lhe repreendeu: “Não, seria uma porcaria”.³⁰ Aqui é uma outra forma de veredito significante, prelúdio ao recalque desse desejo, e depois seu retorno no primeiro sonho. Dali em diante, a criança sabia que poderia ser um porco. Porém, em que isso teria feito *toda uma história* se, justamente, o significante não tivesse vindo semear a desordem? E porque não dar a essa história o nome de neurose infantil?

Enfim, não poderíamos deduzir dessas cenas infantis, compostas do encontro de um gozo estrangeiro com seu efeito de identificação, como sendo também o indício da natureza sempre “hetero”³¹ do gozo primitivamente encontrado? É aqui que a estrutura unária desses significantes do gozo, que sejam oráculo, *surnom*, apelido, mesmo insulto, poderiam ser verificados. Tanto *schlagues* significantes, poderíamos dizer, vindos de uma palavra *surnommer*, ou,

²⁹ *Ibid.*

³⁰ Sigmund Freud. “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” In: *Obras Completas*, V. X, Imago, Rio de Janeiro, op. cit., p.29.

³¹ Jacques Lacan. Conférence à Genève sur le symptôme, parue dans *Le Bloc-notes de la psychanalyse*, 1985, nº5

mesmo insultar a criança no instante mesmo de seu nascimento ao desejo, assim como ao gozo. Haveria então uma articulação entre eles – a obscenidade do significante em si mesmo e suas repercussões no gozo do sujeito, com o encontro do gozo segundo as circunstâncias das contingências de uma história.

Mas, é preciso considerar também a parte do sujeito, ele mesmo, nesse processo de *sur-nomination*. Primeiramente, Lacan deu um indício ao sublinhar a angústia do ser falante de desaparecer inteiramente como objeto, sem nome, numa experiência de gozo. Foi isso que chamou de “o horror do anonimato”³² e, justamente contra o qual, acrescentou, o sujeito poderá tentar se salvar fazendo apelo a um Outro transcendente que possa re-nomeá-lo, ele ou seu parceiro. Daí o comentário de Lacan que os *surnoms* e apelidos são também a “língua estúpida do amor”.³³ Poderia ser que o sujeito, de um lado, faça apelo a essa identificação simbólica, contra o risco de um desaparecimento do nome na experiência de gozo. Levando em conta a parte que o sujeito toma naquilo que preside à sua *sur-nomination*, pode levantar uma questão suplementar: poderíamos estabelecer uma relação, ou mesmo uma articulação, entre essa *sur-nomination*, que muitas vezes o meio familiar apreende o sujeito, entrando no seu processo de historicização, e o eventual nome de sintoma do sujeito, que igualmente amarra uma relação a seu gozo e que lhe é conferido por seu dizer e seus ditos, eventualmente pelo analista?

Por outro lado, se Freud observou que, de certo modo, essa experiência era sempre fantasiada, não seria também esse “abuso”³⁴ do significante que justamente devia ser historicizado? Um modo talvez de cifrar o gozo assim encontrado, via o cortejo dos significantes, tanto quanto um modo de responder aí como desejante. Os testemunhos nos ensinaram que, a partir dessas cenas originárias, o sujeito se *teria feito*, para não somente aí ficar alienado, mas se separar para aí apoiar de uma fantasia, suporte de um desejo. Freud poderia ter também percebido, ao sublinhar a passividade primeira do sujeito na cena de sedução, para, em seguida, opor aí o caráter “ativo” com o qual o sujeito advirá na repetição de um desejo e de um gozo que farão sua história.

Para além da lembrança da marca de uma ou outra cena que terá contado, a experiência analítica terá permitido ao sujeito de cernir a maneira pela qual respondeu inconscientemente, o “se fazer” pulsional, que em parte terá condicionado seu tipo de relação ao Outro. Portanto, a cena originária não é o todo do sujeito, não lhe dá a chave, deixando sempre aberta a questão de saber como o sujeito, nesse ponto, teria surgido como resposta. Daí talvez essa observação de Lacan, segundo a qual, “um falasse se encontra excluído de sua própria origem”,³⁵ o inconsciente guardando a marca dessa exclusão. Para aquilo que faz uma história, haveria, portanto, não somente a alienação do sujeito ao Outro, mas sua separação do Outro. Em suma, a história seria sempre a história da separação do sujeito com sua origem? Haveria então história sem essa separação que faz o trauma e a marca de exílio que disso resulta para o sujeito?

Alguns passantes terão podido então indicar como sua análise lhes terá permitido, não somente decifrar essa marca de gozo, mas também compor de outra maneira com ela em sua vida cotidiana e sua prática de analista. A questão da articulação entre esse traço de gozo e o desejo do analista, incluindo aí o estilo em sua prática, foi colocada desta maneira por vários passantes. Todavia, a passagem de um ao outro, não nos apareceu muito claramente para que pudéssemos concluir a uma nomeação. No entanto, esperamos ter mostrado aqui como, para além da questão da nomeação, os testemunhos de passe nos levarão a reinterrogar o que faz a experiência analítica.

Tradução de Maria Vitoria Bittencourt

³² Jacques Lacan. *Des Noms-du-père*, Paris : Seuil, 2005, p. 29 e 39

³³ *Ibid.*, p.28.

³⁴ Jacques Lacan. “Excursus”, Intervention dans une réunion organisée par la *Scuola Freudiana*, à Milan, le 4 Février 1973. Paru dans “Lacan in Italia”, La Salamandra, 1978. Consultável na internet.

³⁵ Jacques Lacan. “Réponse à Marcel Ritter” In : *Lettres de l’Ecole freudienne* nº18, inédit, p. 8

Cora AGUERRE (Espanha)

POR QUE O PASSE?

Texto escrito em ressonância com o texto “Passe e história”

Jacques Lacan designa o passe no “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*”, como “a colocação em prova da historização da análise”, passe que não é para todos, porque nem todos precisam chegar a esse ponto, mas “esparços disparatados.” O passe é na verdade um dispositivo no âmago da escola, que dispõe para “aqueles que desejam ter dar testemunho da verdade mentirosa”, Lacan se deteve de impô-lo.

Os passantes testemunham de sua entrada na análise, sobre o que os levou a iniciar um tratamento, a transferência em causa e à metamorfose que a análise permitiu.

Passantes testemunham sobre a sua entrada na análise, sobre o que os levou a iniciar um tratamento, sobre a transferência em jogo e da metamorfose que a análise permitiu.

Em todos os passes ouvidos pelo cartel, pudemos verificar a seriedade do trabalho de análise dos passantes. Isto chega ao cartel pelo testemunho que os passadores transmitem.

Em nosso trabalho de cartel fomos capazes de identificar, a partir dos testemunhos, os pontos de virada no tratamento e de separação do Outro. Além disso, verificamos os efeitos da análise, através do que os passadores nos transmitiram sobre as mudanças no estilo de vida e na prática analítica do passante.

Os sujeitos no passe falam de seu percurso, de mudanças operadas, daquilo que é novo para eles e lhes permite viver de uma outra maneira com menos sofrimento também.

O encontro, o laço com a psicanálise e o desejo do analista formam pontos essenciais para circunscrever na transmissão do testemunho, pontos que nem sempre se atinge.

O trabalho de análise tem efeitos: quanto a isso não há dúvida, mas o passe traz algo de novo. O percurso se faz de maneira gradual e no passe se trata da historização, dos desdobramentos do processo. Isso implica, para o sujeito que se apresenta ao passe, um trabalho que lhe permite delimitar sua singularidade, que só pode ser abordada a partir da exigência pulsional.

Cada sujeito em seu testemunho dá conta da “historização” de como o significante fez trilha e da maneira como a língua deixou a sua marca. Essas marcas são fixadas a partir de uma cena traumática, onde ao “ouvido” se acrescenta o olhar e encontro com um gozo enigmático. Freud observou em sua clínica o que se mantém fixado para um sujeito a partir do “visto” e “ouvido”. Cenas que funcionam como matriz e produzem repetição e constituem a fantasia.

A repetição nos leva aos sulcos, às erosões, ao que retorna ao mesmo lugar, por imersão de língua que faz corpo. A questão da causalidade é a maneira pela qual língua e o significante tomaram forma no corpo do sujeito e determinaram seu gozo. A análise permite tornar preciso qual foi a experiência de gozo, o ponto de fixação da pulsão como inscrição de uma satisfação no nível do corpo vinculada à demanda e ao dizer do Outro. Fala e gozo se enodam em ditas cenas narradas e assumem um valor singular para o sujeito.

Este vestígio escrito produz repetição, marca, então há Um, mas o dois não advém, senão pelo rastro que define um furo. O sujeito se fixará a um modo pulsional que constitui o núcleo de seu gozo.

O umbigo do sintoma, a matéria inicial com a qual se alimenta o sintoma é o que Freud nomeia “o sexual como traumático” e que é ao que Lacan se refere quando diz que a relação sexual não existe. O sintoma é a resposta, o que vem como suplência para esta ausência.

A repetição é da ordem da necessidade e não cessa de se escrever, mas a partir de uma análise podem aparecer novas ressonâncias que produzem escrita. A experiência da análise não é apenas uma experiência de leitura, mas também uma experiência de escrita.

Quando, deste ser ligado ao Outro, a demanda do Outro, o sujeito pode se separar, abre-se para ele uma nova vereda que lhe permite se guiar por si mesmo, pelo singular. Os passantes testemunham do valor que foi para eles a experiência da análise e como ela lhes permitiu dar uma outra orientação para suas vidas. A dimensão de passe da alienação à separação está presente.

Entre o desejo e o gozo se produz um novo enlace, que tem efeitos na vida de alguns passantes. Este é um efeito do trabalho analítico que ressoa nos testemunhos.

Surge então a questão: como a partir deste significante que vem do Outro e que o sujeito se tomou como sendo seu, a análise pode fazer com ele? Como este traço, esta marca, este rastro, que ressoa, pode se ouvir e se escrever com novas ressonâncias?

A dimensão da fala e da linguagem na experiência analítica é vinculada a escrita. O inconsciente se lê; e se a psicanálise tem efeitos sobre o real, é porque se trata de uma experiência que toca a escrita e deixa vestígios, produz a escrita. Fala e escrita estão vinculados.

Se, a partir de uma análise, verificamos que há uma mudança na satisfação pulsional, é porque a palavra atingiu o âmago do gozo do sujeito. No trajeto se produzem novos enlaces que permitem novos enlaces. A estrutura nunca é completamente fixada e é por isso que a análise tem efeitos na vida dos sujeitos, efeitos que não são evanescentes.

Lacan explorou em seu ensino a questão da causalidade do sujeito e a possibilidade de resolução que poderia permitir uma análise. Os testemunhos dos passantes nos trouxeram precisões clínicas importantes que permitem situar o que do Outro toca sob a barra do significante e se constitui como veredito, insulto, apelido, que identifica o sujeito e produz vergonha, culpa, angústia.

Estas cenas infantis, originárias, se repetem nos testemunhos que ouvimos, como nos casos expostos por Freud. A repetição dessas cenas na clínica, cenas traumáticas que permanecem fixadas, através dos efeitos no corpo, e que em um mesmo subtraem e produzem gozo, impregnam a vida do sujeito.

Mesmo que a fantasia constitui uma resposta do sujeito, ela o deixa em uma posição de alienação ao Outro.

Freud, em sua palestra sobre “a formação do sintoma” refere-se às cenas infantis onde a libido se encontra fixadas e a partir das quais se formam os sintomas.

Na origem, há o que não convém, o que obstrui o caminho, o sintoma como sofrimento; ora, a análise permite a travessia da fantasia, a queda do Outro e a confrontação com o furo. A fantasia funciona como rolha e quando é atravessada, o sujeito se depara com o que não vem do Outro, isto é, consigo mesmo, aquilo que o constituiu e ao qual se encontra, ao mesmo tempo, fixado. Quando o sujeito pode se tornar o portador e se reconhecer aí, novas possibilidades se abrem, surgem liberdades a partir da conclusão do tratamento.

O acento final, no último ensino de Lacan, é situado sobre a passagem do sintoma ao *sinthoma*, de poder fazer aí com o sintoma, manejá-lo e se virar na vida.

No “Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*” Lacan escreve: “A questão incide sobre o que pode levar alguém, especialmente depois de uma análise, a se historisterizar por si mesmo”.

A experiência do passe na escola produz laço. O íntimo, o singular do passante, se vincula, se transmite, a partir do encontro com os passadores, e o que eles transmitem para os membros do cartel. Os passadores são a correia de transmissão; nesse sentido, eles são o passe, e este passe forma nó entre o singular e o coletivo da comunidade da Escola, haja ou não nomeação.

Por estrutura, o dispositivo permite uma inscrição da experiência singular da análise. O real em jogo nesta experiência, a partir daquilo que se transmite no dispositivo pela *correia* se vincula através da fala mentirosa à Escola.

A historisterização do passante permite o laço que produz corte, perda, queda, de modo que o mais íntimo, perde sua importância e pode assim circular.

O passante traz sua pequena pedra, colocando os passadores e os membros do cartel para trabalhar, para que possa extrair um ensinamento do que foi transmitido através do trabalho de elaboração do cartel.

Assim, a passagem pela experiência do passe traz para aqueles que desejam testemunhar e àqueles que se historisterizam, uma inscrição de sua experiência que faz nó.

Tradução de Ricardo Cabral

CARTEL 2

Lydie GRANDET (França)

Que passadores para qual(s) passe(s)? Rumo à qual Escola?

Desta primeira experiência como membro do CIG e de um cartel do passe, em meio a inúmeras questões que surgiram para mim, minha atenção se reteve na diversidade dos passadores que encontramos. Nada que surpreenda a princípio, considerando que o passador é designado em um momento de sua cura propício a que se descubra/revele sua singularidade.

No entanto, tendo em mente a observação de Lacan, “o passador é o passe” noto que, a cada vez que o evoca, Lacan fala do passe no singular: então, entendo aí o passe específico da experiência analítica, que faz a passagem de analisante a analista, que enoda verdade e saber ao não todo do real; há o saber no real, sem que nenhum sujeito o saiba. Sem dúvida, é possível notar outras variações de passes em outros campos, que aconteça no campo literário, artístico, ou, mais modestamente, momentos de passe e seus efeitos, que impõe o real do ser vivo no cotidiano de cada um. No entanto, esses passes não abrem a passagem ao analista, ao surgimento de um desejo inédito que faz com que se ofereça a ocupar a posição de semblante de objeto para um outro, para que aí se extraia um saber... A designação do passador é, então, essencial quanto à posição desse passador em relação à Escola.

No cartel de que participei, escutamos neste período 12 passadores. De modo geral, cada um demonstrou atenção, autenticidade e delicadeza. Alguns mais reservados hesitavam em transmitir suas percepções e o cartel teve de convidá-los ali com mais ou menos intensidade. Havia como uma reserva, uma discrição que às vezes surpreendia. Outros, ao contrário, com muita fineza testemunharam o mais próximo do que tinham ouvido, fazendo parte de seu assombro e de seu não saber, deixando ao cartel o trabalho de elaboração e de decisão.

Estávamos fixados em considerar rigorosamente “o entre-dois” testemunhos e chegamos a escutar de novo um passador para interrogar e sustentar nossa convicção. Às vezes, mesmo que muito diferente em seus estilos e apresentações, os dois testemunhos se mostravam assombrosamente concordantes e faziam a unanimidade do cartel!

No passe que resultou numa nomeação, fomos tomados pelo impacto do encontro desse passante com cada um dos passadores; se um deixou passar o entusiasmo que este encontro tinha suscitado, o outro, sem dúvida mais discreto, disse, no entanto, quanto este encontro o relançou do lugar em que estava para a psicanálise: com os dois, com estilos muito diferentes, escutou-se quanto de historicização desse passe os havia revirado e posto em relevo os pontos-chave que haviam introduzido mudanças notáveis para o analisante, seguidas de ato na sua cura e laço à causa analítica, até a assumir o risco de dever renunciar ao procedimento do passe, refutando as condições de entrevistas que não estavam nos conformes!

O que dizer do passador que, apresentando o seu trabalho como uma construção de caso clínico, entrega-nos os “significantes primordiais” extraídos com seus cuidados, providos de suas

próprias interpretações, deixando de mencionar o trabalho dos sonhos e suas incidências em relação ao corpo nas escolhas de vida do sujeito? Por sorte, foi graças ao frescor do testemunho do segundo passador, menos “funcionário” – quero dizer menos “embebido” de teoria analítico-universitária –, que o cartel pode extrair os pontos que permitiram que se pronunciasse.

O testemunho frente ao cartel do passe não é sem efeito sobre o passador: Assim, esse passador que tinha apresentado um trabalho contido, especialmente da impressão que os encontros com o passante lhe haviam deixado, e que, sacudido por um sonho na noite posterior ao testemunho, “organizou-se” para falar a certos membros do cartel...

Lacan insistiu muito sobre “a grande responsabilidade de indicar o nome de qualquer um como passador”.³⁶ Podemos interrogar o efeito de inibição dessa insistência junto aos A.M.E.s, uma vez que se deve constatar o baixo número de designações em relação ao número de A.M.E.s em nossa Escola, ponto que tem sua incidência sobre o número de demandas de passe. Por várias vezes, Lacan deu ênfase sobre a necessidade de não informar o passador (da designação); é um ponto que me parece fundamental de lembrar no momento onde se propaga a ideia de que, às vezes, seria sensato prevenir o analisante: pudemos mensurar quanto o testemunho dos passadores “não informados” acentuavam o efeito de surpresa, de frescor e de atenção sustentada pelos passadores. Sem dúvida, também, segue-se um efeito no prosseguimento de sua cura e, especialmente, na transferência. É uma pena que os A.M.E.s permaneçam tão silenciosos sobre essas questões... A experiência de ter designado passador, enodando de outro modo a cura, o analista e a escola, abre uma via/voz que convida a se arriscar no procedimento do passe sem apostar no resultado, mas antes para dar uma chance “a uma precipitação de um monte coisas que estavam lá ainda em suspensão em (sua) análise...”³⁷

Os A.M.E.s têm um papel fundamental no procedimento do passe. Não somente porque eles designam os passadores, mas também por eles constituírem a grande maioria dos membros do CIG; do fato dos resultados das eleições, conferidos pela sua notoriedade, são levados a ocupar, entre outras, as funções de secretariado... São eles que dão uma direção ao trabalho do CIG, que organizam o estabelecimento das comissões (CAOE e Comissão internacional de aprovação dos A.M.E.s), que planejam as reuniões de trabalho do CIG e a publicação de *Wunsch*, o boletim internacional da EPFCL. Todos aqueles para os quais a participação no CIG é uma primeira experiência, particularmente os A.E.s que se arriscam “*chirement*”³⁸ ao passe, apostam na confiança que fazem neles de velar pela preservação da Escola pelo passe, a fim de que se possa crescer e aprimorar “a passagem ao ato” do psicanalista.

No CIG atualmente em função, noto o pequeno número de pessoas entre nós que viveram a experiência de passador: haveria menos risco para o procedimento – e então para a Escola – em propor alguém como A.M.E. que designá-lo como passador? Por quê? Se consideramos o impacto dos A.M.E.s na orientação da Escola e do passe, a nomeação de um AME é uma aposta de Escola e para “a Escola à prova do passe” tanto quanto, ou mesmo mais, que a nomeação de um A.E...

Enfim, como ler o fato de que há duas retomadas, um AE em fim de mandato não foi proposto como AME pela comissão *ad hoc*?

É da responsabilidade de cada um na Escola preservar esse “oco” que dá a oportunidade ao “puro desejo de transmitir”, ao invés de favorecer os espaços onde se mostra/aparece a mestria da transmissão.

Em nosso cartel, o passe que recebeu a nomeação suscitou, para a maior parte dos membros do cartel, um efeito – *effect?* – efeito imediato desde o fim do testemunho do primeiro passador, que se traduziu por um sorriso e um silêncio. Alguma coisa havia “tomado” cada um entre nós, havia “atravessado”, que a escuta do segundo passador confirmou. Em seguida,

³⁶ Jacques Lacan (1973). “Congresso da Escola Freudiana de Paris La Grande Motte”. In: *Thesaurus sobre o passador*, *Wunsch 11*, EPFCL-Brasil.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ (N.T.) Trata-se de um jogo de palavras entre *chaire* (em português, “carne”) e *clair* (em português, “claro”).

nossas trocas e nossas elaborações no trabalho do cartel nos permitiu localizar que esse “arrebatamento” fazia ressonância com um ponto singular próprio a cada um, distinto para cada um. Daí o interesse do cartel, e não de um júri. Essa experiência me levou a sublinhar a dimensão do ato que a nomeação convoca. O ato se verificando em suas consequências, o testemunho/bastão³⁹ volta agora do lado do A.E.: apostamos que as consequências da nomeação o verificarão e que a Escola saberá recolher os efeitos...

Tradução de Gláucia Nagem

Bernard NOMINÉ (França)

Reflexões depois de uma nomeação

O cartel do passe encerra seu trabalho depois de escutar os passes e ter estudado o material disposto no testemunho, decidindo ou não sobre uma nomeação. Nas experiências que vivi até o momento, o cartel para de funcionar após ter concluído que dali não poderia surgir uma nomeação. Desta vez, ao contrário, o nosso cartel se reuniu duas vezes depois de optar pela nomeação de um passante do qual nós havíamos escutado o testemunho. Em comum acordo, os membros do cartel desejaram refletir sobre isso que os haviam conduzido a se pronunciar por uma nomeação.

Testemunhar sobre esse ponto parece-me importante, porque logo que o cartel pode concluir sobre uma nomeação, ele se faz passador do testemunho diante da Escola. Nomear, quer dizer: alguma coisa passou, os passadores foram sensíveis a isto e souberam transmitir sem fazer obstáculo ao pedaço de real do qual nós pudemos deduzir no *a posteriori* a eficácia lógica no percurso de vida e na análise do passante.

O que podemos transmitir desse real? Nada, ou praticamente nada! De início, porque isso que apreendemos não é necessariamente transmissível, a menos que passássemos à comunidade dados íntimos que nos foram confiados, o que não seria o caso. Contudo, temos o dever de testemunhar sobre nossa experiência de cartel que teve a chance de fazer seu trabalho de nomeação.

Se repenso sobre aquilo que reteve minha atenção no testemunho, num primeiro tempo, foi sua simplicidade, sua humildade mesma. Trata-se de um testemunho de um percurso de vida um pouco complicado mas relatado sem *pathos*, até mesmo com um ponto de humor, indicando a distancia tomada em relação à história. As escansões rigorosas permitiam avaliar o impacto que a psicanálise exerceu sobre as modificações dos modos de gozo. Formulações originais e convincentes nos indicavam precisamente como o sujeito soube sair de certos impasses.

Esse testemunho não pretendia nos convencer que o passante tinha chegado ao fim do percurso, satisfazendo os critérios epistêmicos que circulam na Escola. Foi por isto que só *a posteriori* pude formular que a humildade do testemunho me havia tocado. Um ponto teve prioridade sobre minha convicção quando aprendemos que, no final de um longo percurso de análise, o passante chegou à idade de sua aposentadoria de uma profissão que não tinha nada a ver com a psicanálise, decidindo-se a se instalar como psicanalista.

O que esperar a mais para nos convencer? Isto é suficiente. A tonalidade do testemunho que havia impressionado os passadores dava certa ideia do que possa ser a famosa satisfação do fim de análise, sobre a qual nossa comunidade se interrogou.

³⁹ A palavra utilizada pela autora é *témoïn* que, em francês, tem dois sentidos: pessoa que testemunha na justiça e bastão que se passa pelos corredores na corrida de revezamento. A nota de rodapé do texto original indica que a autora se utilizou dessa homofonia. Assim, o trecho deve ser lido tendo isso em consideração, apesar de não termos em português como traduzir mantendo a mesma sonoridade.

Então eu me disse: por que não? Certamente, nesse momento cada membro se engaja no sim ou no não. Evidentemente, o sim engaja muito mais. Nesse momento, cada um se engaja avaliando a posição dos outros quatro. Há um cálculo coletivo cujo movimento, apenas *a posteriori*, é possível localizar.

Nesse momento, estamos sós, necessariamente a sombra de um Outro deve ser apagada que poderia objetar a nossa decisão, da mesma forma que se apaga esse Outro no fim do tratamento para aquele que se oferece a essa experiência e que se apresenta no procedimento. Se ele o faz na esperança de um reconhecimento do Outro, os dados estão viciados. Quanto aos passadores, se eles foram designados por seus analistas, é porque eles se encontram no ponto de desconstrução do Outro.

Experiência pouco comum desse pequeno grupo efêmero, constituído de algumas pessoas num tempo de suspensão em relação à sua alienação ao Outro, e unicamente interessados a tentar localizar um pedaço de real. A experiência desse pequeno grupo é a experiência da Escola, eu a desejo a todos aqueles que querem viver a Escola.

Tradução de Angela Mucida

Beatriz ZULUAGA (Colômbia)

O que a-texto de uma experiência

“A verdade não serve para nada, senão para criar esse lugar onde se denuncia esse saber... Naturalmente esse saber não é todo pronto, pois é preciso inventá-lo”.

Jacques Lacan (1974). “Nota italiana”

A passagem pelo Cartel do Passe decanta para mim, uma experiência que, mais do que deixar pontos de certeza, deixou-me vários deles par reflexão. Toda estrutura do dispositivo do passe é um invento extraordinário de Lacan que não deixa de surpreender-nos. E, justamente aqui, situa-se o ponto “vivo” do dispositivo, pois a dimensão da *surpresa* é o fio que atravessa toda a experiência, desde a chamada telefônica, que recebe quem não sabe que seu nome havia sido designado para levar um testemunho, até a escuta do Cartel diante de cada um dos passadores. É surpreendente a particularidade, o um a um dos efeitos que tal tarefa provoca nos passadores: alguns deles se ocupam em passar o testemunho com delicadeza e cuidado, outros, sem frescor algum, cumprem uma função, outros indicam ao Cartel o impulso que sua designação gerou em suas análises. Surpreende, então, o que implica esta aposta de Lacan e que se põe em jogo ainda mais quando se assiste ao efeito, ao momento íntimo, de consenso implícito e inclusive surpreendente que “captura” o Cartel para pronunciar-se finalmente sobre uma nomeação. Algo se passa ali, que surpreende justamente porque emerge como algo fora do próprio relato, como ponto *éxtimo* à entrega que faz o passador, fora de uma série, na medida em que não vem com a valiosa *entrega*, senão que é mais, se assim se pode dizer, efeito, resto dela, não pronunciada inclusive pelo passante, tampouco pelo passador, mas, no entanto, passa, *atravessa* e captura o Cartel.

É nessa medida que o dispositivo do Passe segue sendo uma grande fonte de ensinamento, pois se por um lado é uma invenção de Lacan estruturada sempre do mesmo modo, como um tripode – passante, passador, Cartel – é, por outro lado, uma experiência *em curso*, à qual nos corresponde, como Escola, seguir pensando, acolhendo dela seus novos ensinamentos, seus efeitos de surpresa. Efeitos que

podem ser recolhidos, enodados pelo trípole – passante, passador e Cartel –, mas que, para além das contingências venturosas ou, ao contrário, que possam impedir a “passagem do nodular” do testemunho, corresponde à Escola como *quarto nó*, a responsabilidade de articular, amarrar os ensinamentos dali extraídos para combater a “*amnésia do ato*”, combater o esquecimento do fundamental da experiência.

Por isso, desde minha passagem pelo GIG e, sobretudo, no trabalho no interior do Cartel, sempre me acompanhou uma pergunta: qual é o desejo que sustenta um Cartel do Passe? Ou ainda: que desejo se põe a operar nesse pequeno coletivo para se dispor a escutar aquele que, como testemunha, tem o trabalho de fazer “*passar*” o decantado de uma experiência de análise? Lacan na “Nota Italiana” deixou uma pergunta que nós deveríamos colocar dia após dia: como pode ocorrer para alguém que terminou uma análise, tomar para si essa função? Pois bem, é a pergunta que palpita no interior do Cartel e por isso a evoco, para todo aquele que se apresenta para fazer parte do CIG, o que o impulsiona a assumir a tarefa, a fazer parte de um Cartel do Passe? Cada um terá que responder por aquilo que lhe cabe quando se candidata ao CIG e se dispõe a exercer um trabalho que a Escola lhe confiou. É uma grande responsabilidade, captar, deixar *passar* e então tentar formalizar um ensinamento sobre o “inarticulável”, da miragem da verdade, aí onde as palavras faltam e que faz que tal verdade seja, como nos diz Lacan em *Televisão*, solidária do real. Podemos responder fazendo discursos de confiança em relação ao dispositivo, é verdade, claro, “temos que confiar” por isso a aposta no passe e a convicção diante da lógica que o sustenta. Mas a responsabilidade do Cartel do Passe nos implica para além da confiança no dispositivo, pois é ao Cartel que corresponde finalmente ser o “passador” de um real que enodou uma pequena verdade particular a uma reflexão sustentada por toda uma Comunidade de Escola.

No Cartel número 2, ao qual coube a alegre contingência de escutar um passe que desemboca em nomeação, nos acompanhou sempre uma pergunta: como se produz uma nomeação de A.E.? Tento colocá-lo deste modo porque há um fato claro: ali não se trata de uma decisão calculada, pensada e ainda menos, voluntária. Não há ali um ato de vontade, trata-se mais de uma certeza que toma o Cartel em um momento em que há a convicção unânime de que algo realmente *passou*, *atracessou* e produziu em cada um e no corpo do Cartel, o efeito de surpresa, pois algo captura o cartel, sem que necessariamente venha na *entrega* do testemunho, às vezes nem sequer nos significantes que designam o passante, nem tampouco nos ditos do passador, nem nas notas que preparou, mas que surpreende o Cartel como escritura única, singular, como o “texto” efeito do que não pode ser inscrito nas palavras. Cabe ao Cartel, então, tomar este texto e fazer dele um ensinamento a ser conhecido e trabalhado no interior da Escola. Nomear um A.E. É, portanto, um ato do Cartel do Passe e, como todo ato, implicará em riscos, consequências, para o sujeito e para a Escola que haverá de nutrir sua reflexão com esse pequeno, porém precioso ensinamento que se pode extrair daí. Espera-se do Cartel que receba e considere o que nele foi depositado, a tarefa encomendada aos passadores quando ambos, ou ao menos um deles *não deixou a coisa incerta*. Passante, passador e Cartel, todos *passadores* de um dispositivo, amarras de um trípole que tenta fazer passar, transformar do real em um ensinamento que tenha como destino toda a Comunidade analítica.

Para terminar posso dizer que a experiência da passagem pelo dispositivo nos Cartéis do Passe me colocou frente a frente com o coração da sobrevivência de uma Escola que se chame lacaniana. Por isso, todos, cada um dos que fomos ou seremos parte da Comissão Internacional da Garantia, devemos estar advertidos que a Garantia não está “garantida”, que se coloca em jogo cada vez que nos dispomos a

receber os testemunhos e que só depende do “um a um” opor-se à função de jurado, para privilegiar a *função de Cartel*, ou seja, a de ser, antes de tudo, *Passadores da experiência*. Dispor-se, deixar-se tomar e surpreender pelo texto – se existir um, é claro – que sobra como resto de uma análise, para enodá-lo à Escola, é talvez o **único desejo** que deve habitar um Cartel do Passe, o de ser, reitero, o Passador de uma experiência e assim possa não incluir necessariamente o ato de pronunciar-se com uma nomeação. Ainda que não seja esse o resultado, há na escuta dos passadores, nas diferentes contingências que ocorrem com eles, na concepção mesma de um final de análise, nas reviravoltas de uma travessia analítica etc., uma grande diversidade de pontos cruciais que merecem ser considerados nos Cartéis para serem a-portados à Escola. Creio que escutar passes sem consequências não seja o papel do Cartel, a escuta deve vir acompanhada de uma tentativa de formalização, de reflexão ainda que isto não seja necessariamente materializado em uma publicação, por exemplo. Se isto ocorrer, melhor. Se este for o resultado, a grande beneficiária será a Comunidade analítica, mas se isto não ocorrer, ao menos se espera um trabalho de elaboração, de perguntas que provoquem, que questionem, que animem a Escola. Talvez apenas uma pergunta que fique como *saldo*, pode ser o verdadeiro *texto* da experiência, o verdadeiro *texto* da Passagem pelo Cartel do Passe, o *Mais, ainda* do dispositivo, o *Mais, ainda* de uma experiência sempre em curso.

Tradução de Luís Guilherme Coelho

CARTEL 3

Silvia MIGDALEK (Argentina)

A experiência do passe na Escola e suas contingências

A Escola de psicanálise como uma forma de agrupamento de analistas, foi pensada por Lacan em um momento preciso do seu ensino. Sua apresentação a toda a comunidade, como ele mesmo afirma, foi uma decisão tomada sob o signo da prudência. Não poderia ser de outra forma, uma vez que a sua proposição aos analistas estava destinada a transformar inteiramente, não só certas estruturas fundamentais do funcionamento das sociedades psicanalíticas, mas a própria natureza do discurso analítico. A Escola implicou a colocação sob a forma de uma oferta inédita de “recrutamento” de analistas, o que não é senão, para aqueles que o desejam: a experiência do passe é um verdadeiro recrutamento que estabelece uma forma de testemunhar “que permite que alguém que pensa que pode ser analista, a alguém que se autoriza a isso, ou está prestes a fazê-lo, divulgar aquilo que o havia feito decidir-se, e introduzir-se em um discurso, do qual eu acho que não é certamente fácil ser suporte”.⁴⁰ Nos relevos mais originais de possíveis contingências desta experiência e da sua posterior transmissão à comunidade, avaliamos as consequências da nossa oferta e da demanda que geramos com ela. Tentaremos passar algumas de suas arestas mais prementes.

Relatos da experiência

Minha experiência no dispositivo do passe foi como Mais Um de um dos cartéis do passe da nossa Escola, um cartel então plurilinguístico, com passadores e passantes de línguas

⁴⁰ Jacques Lacan (1973). “Sobre la experiencia del pase” In: *Ornicar*. Barcelona: Petrzal, 1981.

diferentes. Esse caráter plurilinguístico constitui um encontro e um desafio em si mesmo. Tem-se que estar muito atento, muito alerta, muito aberto a que algo do fora de sentido tenha lugar ali, e que “isso passe”, como ressonância de um real em jogo mais além da transferência. É dizer de um significante, como se diz em francês “*dehors du transfert*”, não sem sentido, mas fora de sentido.

De três passes escutados de uma primeira série, o nosso cartel produziu duas nomeações. Devo dizer que, nesse encontro de trabalho do CIG e de seus carteis resultaram serem as únicas duas nomeações de A.E. Eu creio que isso de uma maneira ou de outra foi percebido como uma marca desse encontro.

Depois disso então, pode-se dizer, que em nosso cartel prevaleceu certo “espírito” de nomeação, que inclusive foi comemorado por todos os colegas do CIG, coisa que não deixou de chamar a minha atenção.

Eu acho que o trabalho de elaboração do cartel do passe é uma parte fundamental do dispositivo, já que através de sua transmissão é possível instruir-se e construir uma clínica dos finais de análise eficazes. Colette Soler diz algo muito interessante a esse respeito: “O dispositivo do passe tem uma função analítica para além dos sujeitos implicados nele, dá um peso específico para a questão de o que você pode dizer de sua análise, que incide sobre a direção das análises mesmas, o cartel é um empuxo à elaboração” (Conferência inédita).

Poder-se-ia afirmar que o passe é para a Escola, como o desejo do analista é para uma cura.

Em nossa experiência, nós nos deparamos com várias formas de articulações e diferenças nas posições dos dois passadores de um mesmo passante.

Numa das passagens foi o efeito de uma surpresa, pelo contraste, na transmissão de cada um dos passadores, com duas posições de enunciação bastante diferentes, mas, no entanto, o mesmo contraste foi algo que operou de tal maneira que permitiu decidir inequivocamente por uma nomeação.

Desta situação se pode extrair uma leitura do que aconteceu no sentido de especificar o que se pode esperar dos passadores. O que se pode elaborar não foi sem o testemunho da segunda passadora, e retroativamente concluir, que o obstáculo era uma maneira específica de apresentar o testemunho do primeiro passador, que consistiu em dizer de entrada qual era seu “diagnóstico” do caso e isso foi o que atravessou todo o seu testemunho. Eu acho que pode ser pensado como uma contingência do encontro entre um passante e um passador. O segundo passador deu testemunho de um afeto muito diferente, transmitiu outra lógica que iluminava o testemunho, esclarecendo as partes obscuras, algumas articulações e dados da história, que haviam sido omitidas do testemunho do outro passador.

No segundo passe, uma relação de complementaridade entre os dois testemunhos dos passadores se apresentou. Algumas coisas se esclarecem como efeito de cada um dos testemunhos e consegue-se discernir a lógica de diferentes momentos de localização e queda de algumas identificações, cristalizadas em torno de alguns significantes da repetição, e também quanto ao curso da análise, se produz uma mudança na posição do gozo feminino verificável em seus encontros com alguns homens postos em série pelo trabalho analisante. Finalmente uma mudança de posição subjetiva claramente articulada a um momento de queda da transferência. Pode-se verificar que um lapso conclusivo viria indicar uma produção significativa fora da transferência.

Um terceiro passe escutado foi um passe que permitiu ratificar o desejo de entrada para a Escola como um lugar de inclusão e acolhimento em uma comunidade para o passante. Não houve nomeação, mas a própria entrada na Escola.

Eu acho que é possível diferenciar o momento em que o cartel deve concluir com algum juízo de nomeação ou não, particularidade única do cartel do passe, deve combinar o performativo: há passe, há nomeação, deve expedir-se então nesse ato, que é a responsabilidade da sua tarefa. Também outro momento distinto que é o trabalho de elaboração posterior ao de

sua reunião como um cartel do passe, nesse momento tão particular, que é o da escuta do testemunho dos passadores.

Então é possível discutir os impasses que se colocaram à prova para cada um de modo singular, novas questões que poderiam se abrir, como resultado desse trabalho compartilhado.

Na segunda série de reuniões do CIG e de trabalho dos cartéis do passe, recentemente produzidas por ocasião de um encontro internacional da IF e EPFCL, o nosso cartel teve a oportunidade de trabalhar em um quarto passe em que não houve nomeação e que teve a particularidade de pertencer a um passante que tinha servido como passador em um dos passes escutados em nossa primeira série de três. Questionamos essa particularidade, ou seja, alguém que tinha trabalhado como um passador e, em seguida, começa a ouvir os ecos de seu testemunho, mas neste caso, como passante.

Também tive a oportunidade de ouvir os testemunhos dos nomeados e A.E., por ocasião do último Encontro Internacional de Escola e os membros do cartel experimentamos uma nova satisfação de ver, agora com toda a comunidade de Escola que efetivamente o nosso trabalho como um cartel estava certo em seu julgamento.

Pessoalmente, o trabalho e posterior debate sobre o nosso cartel feito por Skype foi o mais frutífero. Constatei que a discussão levou-me a repensar algumas coisas que acreditava muito claras para mim e foram questionadas por nossos debates. São as relações e diferenças entre o final de análise e o passe.

Para mim, até agora, a afirmação de que, certamente, pode haver final de análise sem passe, tornou-se menos inequívoca. Nos testemunhos de passe é possível registrar testemunhos que respondem por um momento de conclusão da análise, mas cujo circuito efetivamente constitui algo que só é possível pelo momento do passe e que se demarca no tempo do encontro com os passadores, e não antes. Na verdade, em alguns passantes há produção de sonhos ou lapsos que são próprios desse momento de experiência do passe e, portanto, para além da transferência.

A experiência do nosso cartel ainda não está concluída, esperamos um último encontro de passe e, em seguida, a dissolução para passar o bastão para novos colegas que continuarão a sua tarefa de contribuir para que o desejo do analista se verifique em uma cura como tendo sido o operador da passagem de analisante a analista, no que disto possa ser captado pela experiência do passe.

Tradução de Gracia Azevedo

Ramón MIRALPEIX (Espanha)

O passe, um fracasso exitoso

Esse trabalho põe sobre o papel algumas de minhas reflexões em torno dos passes escutados enquanto membro do Cartel 3, no período de 2012-2014.⁴¹

Não há dúvidas da centralidade do passe para nossa Escola. No entanto, o reconhecimento de seu lugar fundamental não impede que se perceba as dificuldades em sua “realização”. Dificuldades que tiveram também sua constância na história da psicanálise lacaniana, sabemos bem, até o extremo de fazer Lacan dizer: “Bem entendido é um completo fracasso, esse passe”.⁴²

Creio que todas essas dificuldades do dispositivo, do instrumento, são estruturais, constituintes e inclusive necessárias – no sentido de que não cessam de se inscrever – em um duplo sentido. Em primeiro lugar na superfície, pelo fato de que ao inscrever-se sobre o passe o

⁴¹ O Cartel era constituído por Silvia Migdalek (Mais-um), Françoise Josselin, Patrícia Zarowsky, Sidi Askofaré, Michel Bousseyroux e Ramon Miralpeix.

⁴² Intervenção Conclusiva aos assisses da EFP à Deauville (08/01/1978).

mentem vivo, colocam o foco de atenção sobre ele gerando um “‘mal-estar’ que altera a acomodação no já sabido ou no que já funciona; em segundo lugar, pelo objeto mesmo do passe: dar conta de algo que não se pode dizer ou só se pode meio-dizer”. Assim entendo que Lacan, apesar de tudo, não deixara de lado, não rechaçara uma ferramenta fracassada, para o objeto para o qual foi criada, e não é que Lacan fosse especialmente “conservador” com respeito ao que não anda.⁴³ Acredito que podemos formulá-lo de outra forma: Não há passe senão não todo. Quem sabe poderíamos situar isto em positivo e pensar que um passe verdadeiramente fracassado seria o que não fracassara; e ao contrário, é enquanto fracassa que ele é exitoso, pois sua função é a de ser causa.⁴⁴

Algumas dessas dificuldades têm sido formuladas ultimamente em forma de perguntas sobre, por exemplo, as poucas demandas para fazer o passe, ou sobre as poucas designações de passadores, ou as poucas nomeações de A.E. em relação ao número de passes escutados. A estas se acrescentam outras perguntas que tocam o corpo teórico do procedimento: por exemplo, a questão sobre o atravessamento da fina linha que separa o passador de ser passante, e, quando para esse passador – que em sua função permitiu que algo passasse através dele para que um passante fosse nomeado AE. – em sua posição posterior de passante, o cartel não consegue avaliar seu passe e, portanto, decidir sobre sua nomeação. Lembremos que “o passador é o passe”.⁴⁵

Outra dificuldade é a calibragem do real quando se expõe no seio do cartel em sua função de escutar os passadores: por exemplo, às vezes não é fácil diferenciar entre os encontros com o real que se produzem na psicose – ou na neurose – fora do dispositivo analítico e os que se produzem em análise como seu efeito: a emergência do real não é equivalente para o sujeito em um caso ou em outro. Aqui me refiro, claro está, ao transmitido e escutado no passe. Essa dificuldade pode afetar a transmissão de um passador quando emite um juízo, e, naturalmente, o cartel deve estar atento para que o que “passe” seja outra coisa que o juízo. Outra coisa diferente são os efeitos de real que podem ser produzidos durante o depoimento de um passador e que afetam aos membros do cartel – efeito compartilhado, ainda que não necessariamente a modalidade de afeto para cada um: às vezes, o silêncio que se produz depois de escutar um passe se justifica pelo encontro com o “não há palavras”.⁴⁶

Depois o dar conta disso parece que vela parte da experiência, ainda que se tente mostrar as marcas desse real: o tempo aqui joga um papel importante, pois seu passar tende a apagar esta marca. Por isso ocorre frequentemente que quando alguém tenta expor as razões de uma nomeação, aparece o sentimento de parcialidade no que se conta do experimentado – talvez se trate de uma impossibilidade: de novo nos encontramos com o não todo, não todo o experimentado pode ser subsumido pela língua.

Tentarei, agora, apesar do dito, escrever algumas coisas sobre os passes que culminaram com a nomeação de AE. Foram dois.

Em primeiro lugar, devo dizer que minha posição ao escutar os passadores foi – creio que igual aos colegas de cartel – não sei se de ingenuidade, em todo caso de uma expectativa muito aberta, sem estar à espera de encontrar precisamente esse ou o outro. Em todos os casos, o número de dois passadores foi fundamental para poder decidir. Em ambos os casos os passadores desenvolveram bem a histericização analisante que gira ao redor de significantes primordiais que vão aparecendo ao longo da análise e especialmente dos sonhos que permitem aos sujeitos situar sua fantasia e resituar-se com respeito a ela, porém também marcando o

⁴³ Recordemos, por exemplo, como cortou com a IPA e mais tarde com sua própria Escola, a EFP.

⁴⁴ Podemos situar o dito em relação à Terceira: “Se a psicanálise tem êxito, se extinguirá até não ser mais que um sintoma esquecido...) a verdade se esquece. Logo, tudo depende de que o real insista. Para isso, a psicanálise tem que fracassar”. Em *Intervenciones y textos 2*, Manantial, p. 85.

⁴⁵ Este debate foi introduzido por Michel Bousseyroux em nosso cartel. Por outra parte, dispomos de um bom número de artigos referidos ao passador, alguns deles publicados em *Wunsch*.

⁴⁶ Silêncio expressado com atordoamento, ou dilacerado com as risadas (Sol Aparicio, 2007, “De seu próprio crescimento”, *Wunsch*, nº7, p.20)

tempo do passe, entre sua demanda de iniciar o procedimento e o depoimento aos passadores. Paralelamente, estes significantes afetam o corpo – conexão com a linguagem – abrindo as vias da angústia e do objeto como causa, corpo que se presta como placa sensível à expressão sintomática do trabalho de articulação do real com aqueles significantes, porém também o gozo pode metabolizar-se de maneira que pode condescender ao amor pelo desejo. Finalmente, em um caso um *lapsus* – “*lesp d’un laps*” – faz a função de limite, de um “até aqui”: é especialmente claro como esse *lapsus* coagula na liberação da posição do sujeito em respeito a “seu” mundo, por ter tocado no ato que lhe segue – um olhar detrás – o núcleo de seu gozo no sintoma, e o desejo – que não é o desejo daquele sujeito, mas o desejo de psicanalista. Coagulação, pois do momento em que o núcleo de gozo é tocado e dá abertura ao desejo de analista, que virá a confirmar-se, como em uma segunda vez, em outro *lapsus* escrito surgido já no tempo de seu depoimento.

No outro caso, o momento do passe se mostra em uma série de sonhos cujo argumento é sempre o mesmo, porém neles um giro vem a dar a resolução, como um ir preparando a resposta: não há Outro, seja a bruxa ou a analista. O encontro com esta resposta possibilita um salto... não é simplesmente uma troca de ponto de vista, trata-se de um salto que vai possibilitar um ato que não é nem a passagem ao ato nem um *acting*. No entanto em seu percurso, a conjunção entre uma “*tyché*” e seu mundo subjetivo, e mais tarde seu próprio *lapsus*, tocou a brecha do sexo.

Quanto aos afetos transmitidos pelos passantes por meio dos passadores, foi captado sincronicamente – não como pensamento – no momento do passe “*nachträglich*”, algo de uma verdade verdadeira que afetaria sua posição como analista pela possibilidade do ato, em ambos se expressa inicialmente com o sentimento de liberação, como o cessar de um peso, ligeireza. Em segundo lugar, foi captada a satisfação extraída deste passo particular para cada um: em um caso, uma satisfação “acalmada”, e em outro uma satisfação mais exultante, entusiasmo transbordante.

Finalmente a responsabilidade para com a Escola em dois tempos, um querer dar conta de seu passo, de sua posição de analisante para a posição de psicanalista como efeito de seu desejo, e um estar disposto a remoinhar com seu trabalho entre outros acerca dos pontos cruciais da psicanálise e da Escola.

Tradução de Elisabeth da Rocha Miranda

Michel BOUSSEYROUX (França)

O passe pelo borromeano

O que é reconhecer um nó?

Obtém-se *fisicamente* um nó amarrando-se um pedaço de barbante e reunindo-se suas duas extremidades para formar um laço. *Matematicamente*, ele é uma curva fechada sem ponto de intersecção, que está mergulhada no espaço ordinário (de três dimensões). Uma formiga imaginária que se desloca ao longo do nó não perceberia que seu espaço unidimensional está enodado. Ela acreditaria estar avançando em um círculo. É por isso que, para reconhecer um nó, é preciso prestar atenção ao espaço que o cerca. O espaço vazio que circunda a curva permite descrever a topologia do nó por diferentes caminhos, diferentes maneiras de se deslocar nesse espaço, de passar, sem encontrar, deparar com essa curva, por esse ou aquele furo que ela cria. A topologia de um nó é, portanto, definida pelos percursos dos diferentes furos que sua curva ou suas curvas delimitam. A topologia de um nó é a exploração desses percursos de furos e das diferentes classes homotópicas de seus caminhos.

A partir daí, pode-se construir a estrutura algébrica (chamada grupo) de um nó. Quando ele comporta várias curvas fechadas, como é o caso do nó borromeano (que Lacan vai preferir

chamar de *cadeia-nó* [*chaîneau*],^(NT1) fala-se de nó *encaixado*. Como há muitas maneiras de realizar ou desenhá-lo, assim como há apresentações muito diferentes de um mesmo nó, convém determinar quais são os nós estritamente idênticos, isto é, que têm o mesmo invariante. Uma primeira forma de classificá-los é procurar seu número mínimo de cruzamentos. Foi preciso esperar até 1989-1993 para que fossem inventados pelo matemático moscovita Victor Vassiliev – que recorreu à teoria das catástrofes (ou, antes, à teoria das singularidades) e às sequências espectrais – invariantes dos quais é possível conjecturar, sem ainda poder demonstrá-los nem refutá-los dando contraexemplos, que eles são *completos*, isto é, que suas fórmulas algébricas são suficientemente potentes para distinguir qualquer nó de conjunto de todos os nós como equivalente (isotópico) ou não a um outro.⁴⁷

Assim, saber se um nó é equivalente a um outro e saber se um nó é enodado ou desnodado são duas questões fundamentais às quais a teoria matemática dos nós procura responder.

Os invariantes borromeanos de Lacan

Lacan – que havia tomado conhecimento da teoria do grupo fundamental do nó iniciada por Max Dehn em 1910 e demonstrada em 1957 por C. D. Papakyriakopoulos – também procurou responder a ela por meio de “seu” nó borromeano. Ele encontrou o invariante psicanalítico do nó borromeano: o *sinthoma*. O invariante da propriedade borromeana (o que *distingue* a borromeidade do falasser) é a quarta rodela do *sinthoma*: é pelo fato de as três de R.S.I. não estarem amarradas entre si que elas se amarram a uma quarta: é assim que Lacan caracteriza a singularidade do nó borromeano em 13 de maio de 1975. Neste dia, Lacan, por essas quatro não estarem amarradas, considera também um enodamento possível na quinta, da angústia, que falta demonstrar, e, pelas cinco não estarem amarradas, um enodamento possível na sexta, da fantasia.

Assim, 4, 5, 6 são invariantes do borromeano que asseguram a singularidade borromeana do enodamento R.S.I. contra sua sempre possível regressão ao Um paranoizante do nó de trevo. Assim como o ego é o invariante que assegura a arte borromeana de Joyce, a despeito do lapso do nó R.S.I., como o chama Lacan, ou de seu “*flip*”, como o matemático inglês John Conway^(NT2) chama, em 1973, a operação cirúrgica (que é realizada cortando-se o pedaço de barbante superior do cruzamento, em seguida recolando-o depois de tê-lo feito passar por baixo do pedaço inferior) pela qual um dos dois cruzamentos “pontes” do real por cima do simbólico se transforma em cruzamento “túnel” por baixo do simbólico – *flip* que, sem a ajuda do ego, teria provocado um despencar catastrófico do corpo, o nó reduzindo-se a um enlaçamento do simbólico e do real em que Lacan reconhece aquilo que é o próprio das epifanias. Da mesma forma, o enodamento borromeano do *sinthoma* pressupõe dois *flips* do simbólico com relação ao imaginário para que os três de R.S.I. sejam desnodados (ou seja: formem um nó trivial) e, por isso mesmo, possam ser amarrados pela quarta rodela do *sinthoma*. Eis, portanto, aquilo que está em questão com o nó borromeano: é pelo fato de que os dois primeiros *flips* fazem com que não se amarrem a três que eles se amarram a quatro, e até mesmo a cinco ou seis.

Reconhecer que um nó é borromeano é, portanto, *reconhecer os lapsos, os flips que estão em sua origem*. Reconhecer o real *sinthomático* é reconhecer, para falar a linguagem dos nós de Vassiliev, o *flip* da catástrofe primária a partir da qual esse real se escreve.

^(NT1) Jogo de palavras que aglutina os sentidos das palavras *chaîne* (cadeia, corrente) e *naud* (nó) em francês.

⁴⁷Alexei Sossinsky (1999). *Nœuds – Genèse d’une théorie mathématique*. Paris: Seuil, 1999.

^(NT2) “Quando os cientistas começaram a acreditar que os nós não passam de ciência básica, sem aplicação prática, algumas pesquisas começaram a mudar essa maré. Em 1973, um matemático inglês ocupado em descrever o comportamento dos nós propôs um experimento imaginário que envolvia a prosaica dupla tesoura-e-cola. John Conway resolveu alterar a orientação dos cruzamentos de um nó cortando e colando os fios que o compõem” (Cf. matéria “O nó da matemática” In: *Revista Superinteressante*. São Paulo: Abril, 2004).

Para reconhecer que um nó é borromeano é preciso inicialmente escrevê-lo em uma folha de papel, aplainado com, para o nó R.S.I., seu número mínimo de cruzamentos, ou seja, seis passagens por cima e por baixo alternadas: a rodela azul R passa duas vezes sobre a rodela vermelha S, que passa duas vezes sobre a rodela verde I, que passa duas vezes sobre a rodela azul R. É por poder ler esses cruzamentos do nó aplainado, suas rodelas sobrepondo-se, que se pode dizer se isso é ou não uma cadeia-nó borromeana.

Lacan falou do passe como reconhecimento do enodamento borromeano, mas com uma baita restrição: no escuro. Topamos com o real do nó borromeano no passe, mas no escuro. É no seminário *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*,^(NT3) em 17 de fevereiro de 1977, em resposta a uma apresentação de Alain Didier-Weil sobre o passe como trajeto de “A carta roubada” no grafo do desejo, com a ideia de que um escrito poderia fazer função de passador diante do júri do passe. A resposta de Lacan é que se houver escrito seria escrito do nó, mas que no passe ele é *pas-à-lire* (*não é para ser lido*), pela razão de que estamos aí no escuro! É do júri do passe, do qual ele faz parte, de que fala aqui Lacan, menos de um ano antes de dizer no Congresso de Deauville que o passe é um fracasso completo. No que tange àquilo que se escreve do nó, que faz o dizer do passante, era para o júri de sua Escola uma noite sem *clair de l'une-bévue* [*o luar do lapso*].^(NT4)

Caravagesca do passe: o *éclair obscur* [claro-escuro/raio obscuro]

Lacan diz que “o Real de que se trata é o nó inteiro’, que há, para esse nó, *corde* [corda], que a corda é também o *corps-de* [corpo-da], e que é preciso pensar nisso, que esse corpo-da, só poderíamos nos haver com ele no escuro. Como, no escuro, reconheceríamos que isso é um nó borromeano? É isso que está em questão no passe. (...) O passe de que se trata, só o considerarei de forma tateante, como algo que não quer dizer nada a não ser ‘*se reconnaître entre soi*’ [reconhecer-se entre si], se assim posso dizer, com a condição de que inserimos aí um a-v depois da primeira letra, ‘*reconnaître entre s(av)oir*’ [reconhecer-se entre si/saber]”.

Como reconhecer que um nó é borromeano quando se está no escuro, onde todas as rodelas são cinza e não se vê nada para ler seu aplainamento ali? Cortando-o, simplesmente, cortando uma de suas rodelas, pouco importa qual, às cegas. Podemos, então, reconhecer ao tocar, tateando, se as outras rodelas estão livres, independentes uma da outra, que ele era, então, borromeano! Reconhecemos isso mesmo sem ter que tocar suas cordas para nos assegurarmos de que elas não estão mais ligadas: nós reconhecemos isso *por seus efeitos* (que são triplos: efeito de sentido, efeito de gozo e efeito de não relação sexual), efeitos que, no espaço do *laps* de seu desnodamento, desvanecem, desaparecem. É o corte, e não a leitura, que prova o borromeano. Reconhece-se o nó borromeano no *éclair obscur* [claro-escuro/raio obscuro] de seu corte. O passe, então, é o corte do real borromeano inteiro que, por um instante, o *esp* de um *laps*, se desfaz (mas que o dizer da interpretação sutura, rejunta). Caravagesca do passe pelo borromeano que, tal como o beijo da noite de Celan, imprime a queima do sentido em uma língua.

Tal é o passe pelo real das “noites inominadas”, para me expressar como Mallarmé. Uma vez soprada a vela do sentido por qualquer golpe de vento do real, como fica restrita a ação de quem está, então, mergulhado no escuro! O passe, tal como Lacan o caracteriza em 1977, não é, portanto, o lugar onde se decifra, onde se lê o enodamento do inconsciente borromeano pelo sintoma. Ele é o lugar onde seu real só se atesta disso pelo corte. Por atestá-lo, o cartel do passe só dispõe da tesourada de uma nomeação. Mas se o passe é justamente topas com isso, com o corte da corda (que é também *corpo-da*) como único meio de verificar, no escuro, o nó borromeano – o que, aliás, reduz o reconhecimento do inconsciente a um “se reconhecer entre

(NT3) Por se tratar de um jogo de palavras e expressões, há diversas possibilidades de tradução possíveis para o título do seminário XXIV. Uma delas ao pé da letra, poderia ser “O insabido que sabe de um lapso dá asas à morra”.

(NT4) Homofonia entre a expressão francesa *clair de lune* (luz do luar) e um dos termos que compõem o título do Seminário XXIV, *l'une-bévue* (um lapso, um equívoco, um fora, uma gafe, uma mancada).

s(av)oir [si/saber]” que rebate o debate das luzes –, é preciso ainda que no entardecer da análise saibamos, *à luz do dia*, escrever esse nó – e, portanto, refazê-lo.

Prescindir do corte: reconhecer o efeito do *flip*

Uma questão permanece, todavia: o borromeano do real humano, o do LOM, pode ser reconhecido no escuro sem ter que nele fazer esse corte probatório? Sim, se levarmos em conta o seguinte: que é este lapso, o “*flip* primeiro” do nó (e, portanto, o corte primário-recolagem sobre o simbólico no R.S.I. que necessita, seguindo Vassiliev, de sua operação cirúrgica topológica) que está em sua origem, e que faz prova da operação bem-sucedida do enodamento borromeano. A questão seria, então: como reconhecer no escuro o lapso, o *flip* que é a *causa do real* própria ao *sinthoma*?

O passe, então, seria reconhecer o que, do nó borromeano que o dizer da análise fez, no escuro *se ouve* de seu lapso, de seu *flip* primeiro. Pois se, na noite borromeana do real, o *lapsus calami*^(NT5) do nó não pode ser lido, é seu efeito em que consiste o *sinthoma* que pode ser ouvido.

Tradução de Dominique Fingermann e Cícero Oliveira

^(NT5) *Lapsus calami* é uma locução latina que indica um lapso que ocorre no momento em que se escreve, um erro que escapa de quem escreve, por inadvertência.

Contribuição do A.E.

Pedro Pablo ARÉVALO (Venezuela)

Passa e recorda¹

Conclusão do passe e início da transmissão

*Despacito y buena letra
que hacer las cosas bien
importa más que el hacerlas*
Antonio Machado, *Proverbios y Cantares* (1924).

Há algumas semanas atrás recebi a notícia de minha nomeação como Analista da Escola. Deveria surpreender-me, mas não foi assim. Poderia ter-me surpreendido do contrário.² Em vez disso, me surpreendeu a alegria que acompanhou a mensagem. A boa nova misturou-se com recordações distantes de minha juventude, e ainda mais além. Se juntaram então a notícia e aquela alegria com as recordações, e senti emoções opostas, indefinidas. Algo inefável: um real dentro de mim. Buscando colocar em palavras um pouco daquilo, escrevi estes versos:

¡Ha llegado el caduceo!

*Allende griegos océanos
en fresca noche de verano
llega a mí el caduceo*

*Su portadora
femenina Hermes
exultante de alegría*

*¿Cuál magia será mayor
aquella del caduceo
o ésta de su emoción?*

*Toca mis manos
se agolpan las palabras
estallan los reales*

*Se me impuso el silencio
y éste se me hizo*

¹ Uma primeira versão desse texto foi publicada em *La Azotea*, Revista do Fórum do Campo Lacaniano da Venezuela, no. 11, de 2014. Este artigo se beneficiou de um intenso intercâmbio com os colegas, especialmente, Vicky Estévez, Margarita Mesa e Alejandra Noguera.

² Não surpresa que, penso, remete aos dois traços isolados por Lacan em 1967: “posição depressiva e segurança de um sujeito que terminou com a dubitação, a pergunta e a espera correlativa” (Soler, 2010, p. 23).

enorme dentro de mí

*¿Nos tocará la alegría
sin seguro del por qué
tan sólo por el que sí?*

Nos dias seguintes várias outras pessoas, incluindo algumas que não conhecia, expressaram seu grande contentamento com a notícia boa, não somente para o sujeito, mas também para o Fórum, para a Escola e para o Campo. Chamou minha atenção não sentir algo similar, senão mais uma espécie de achatamento, algo como um desassossego, e a insistência desse afeto me deu o que pensar. Recordei que, quando criança, sempre temia não alcançar nada, mas, entre a perseverança e o temor do fracasso, as coisas sempre aconteciam. Mas nunca acompanhadas de uma genuína alegria. As “realizações” foram então se acumulando, mas sem um reconhecimento íntimo. Dei-me conta que a fantasia, minha velha fantasia, ainda atrevia a dizer-me que isso era proibido. Nesse instante, cruzei mais uma vez meu próprio Escila e Caribdis, o que eu mesmo construí, e do outro lado estava a alegria, como água de chuva no inóspito deserto. E não havia como voltar atrás: isto veio para ficar.

A fantasia, embora débil, ainda segue operando, mas o *analizado* tem como manejá-la. Fantasia, velha amiga, agora só me faz sorrir. Lembrei-me de algumas palavras recebidas no final de minha análise: *Você apostou na vida!*...

E, como disse Vicky Estévez, faça “o que se faça, diga o que se diga, se respira melhor”.³

Tendo concluído o passe, cabe perguntar-se sobre a lógica de tê-lo demandado. A este respeito cito Margarita Mesa: “O analista se vê empurrado a por em prova esse saber adquirido em sua própria análise (...) o que implica conceber o testemunho do passe não como um fato de prestígio, mas como uma contribuição para o saber, onde o que interessa é, de um lado, verificar a forma como o sujeito inscreveu a castração nele e, de outro lado, como o que está em jogo não diz respeito aos semblantes, mas a um ato de consentimento. Este é um ato no qual não se buscam insígnias, nem reconhecimentos, pois trata-se de um ato íntimo no qual o sujeito pode dar conta de sua análise diante de outros, a fim de tentar, pelo menos, ser mais consequente com a sua escolha pelo trabalho analítico e com a responsabilidade ética que é inerente a este lugar”.⁴

Poucos dias depois chega até mim um belo poema do grande Rubén Darío, que pareceu escrito para a ocasião:

Pasa y olvida

*Peregrino que vas buscando en vano
un camino mejor que tu camino,
¿cómo quieres que yo te dé la mano,
si mi signo es tu signo, Peregrino?*

*No llegarás jamás a tu destino;
llevas la muerte en ti como el gusano
que te roe lo que tienes de humano...
¡lo que tienes de humano y de divino!*

Sigue tranquilamente, ¡oh, caminante!

³ Vicky Estévez (2014). “Goce, satisfacción, satisfacción del fin” In: *La Azotea 11*, revista del Foro del Campo Lacaniano de Venezuela. Caracas, última linha do artigo.

⁴ Margarita Mesa (2014). “El pase, ¿una consecuencia ética?” In: *La Azotea 11*, revista del Foro del Campo Lacaniano de Venezuela, Caracas, 2014, quarta página do artigo.

*Todavía te queda muy distante
ese país incógnito que sueñas...*

*...Y soñar es un mal. Pasa y olvida,
pues si te empeñas en soñar, te empeñas
en aventar la llama de tu vida.*⁵

Uma análise levada até o fim reescreve a história pessoal, produz voltas no passado, presente e futuro, de tal maneira e medida que tudo muda, e não há como voltar atrás. Tampouco ficam a nostalgia, nem o temor do gozo mais pavoroso. Assim, **se passa, mas não se esquece**. Tudo se recorda, mas é **uma recordação-outra**. É uma via estreita a da Psicanálise, mas o que se extrai dela será sempre mais vital do que a errância neurótica.⁶ Sim, mais, muito mais.

Alguém... me disse: *Fiquei pensando no apropriado do poema. Como deu com ele? Quem sabe é um exemplo mais de sincronização... Vê-se que “algo” está te trabalhando*. Mais do que dar com o poema, o poema deu comigo.... Acaso que se insere no inconsciente decifrado. Sim, isso está me trabalhando. Chegou o caduceu, e não encontro maior honra para ele que seguir os passos do desejo inextinguível e sem represa, armado de um logos (λόγος) que deixou entrever sua rachadura, por onde se cola o poder do real, de mãos dadas com a claudicante linguagem, que outrora pensava onipotente.

Vem para complementar as palavras de Bioy Casares (1940): “Eu não espero nada. Isso não é horrível. Depois de resolver isso, ganhei tranquilidade. Mas essa mulher me deu esperança. Devo temer as esperanças. Talvez toda essa higiene de não esperar seja um pouco ridícula. Não esperar da vida, para não arriscá-la; fazer-se de morto, para não morrer. Eu não estou morto: estou apaixonado”.⁷

Em seguida a uma travessia maior que a volta de Ulisses a Ítaca, depois de uma íntima Odisseia, cansado de *lotófagos*, Cíclopes, do devorar de Polifemo, da fúria de Eolo, *lestrigones*, Circe, Telêmaco e Penélope, recebo a boa nova de que o dispositivo do passe cerniu um testemunho, e que passaram elementos para concluir que havia um Analista da Escola, que adveio um analista como resto da análise.

Enquanto “isso” me trabalha, começa meu compromisso de extrair da experiência do passe e do fim de análise o ensino para o nosso campo, submetê-lo à nossa “comunidade de experiência” (Izaguirre, 2014), a pequena e a ampliada, e de ajudar a impulsionar o desejo de Escola: “Não pode ser outra a voz da Escola; não pode ser outra do que velar para a extração de um ensino sobre essa experiência única que pode ser para um sujeito, o encontro com a Psicanálise. Encontro que através do dispositivo do passe se permite formalizar isso que se transformou, **isso que mudou nesse sujeito que um dia se comprometeu na conquista de seu desejo** [grifo nosso]”.⁸

O trabalho por vir estará assinalado por ele como... “o sujeito fez o luto do objeto a, e (...), se assegurou de saber sobre os impossíveis que a linguagem impõe ao nível do sexo, do sentido e da significação, e da posição depressiva do luto (...) [condições que resumem] a posição de Lacan até 1967 na Proposição e o Aturdido,⁹ [e por] a noção do real a partir Seminário 20 (...) real que inscreveu no nó borromeu um real completamente fora do simbólico, que implica um fora do sentido radical, e que Lacan por vezes identificou inclusive com o campo da vida, do gozo do corpo vivente a tal ponto que este não é sem língua: trata-se do gozo do corpo vivente

⁵ Rubén Darío (1915). “Pasa y olvida” En: *Rubén Darío: Poesía*. Fundación Biblioteca Ayacucho, Caracas, MPP para la Cultura, s/f, p. 484.

⁶ Beatriz Zuluaga (2014). *La Escuela. Aún*. Ponencia presentada en el IVº Encuentro Internacional de la Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano, Paris, p. 1.

⁷ Adolfo Bioy Casares (1940). *La invención de Morel*. Buenos Aires, Colihue, 2008, p. 54.

⁸ Beatriz Zuluaga (2014). *La Escuela. Aún*, op. cit., pp. 1-2.

⁹ Colette Soler (2013). *El fin y las finalidades del análisis*. Buenos Aires, Letra Viva, p. 15.

do falante (p. 16). [Então] assunção da castração, destituição subjetiva, o surgimento de um inédito desejo de saber, identificação com o sintoma (p. 66) [e entrada para] a raça paradoxal dos diferentes” (p. 85).

Disse Leonora Santamaría,¹⁰ parafraseando a Octavio Paz:¹¹ *Ser excluído (...) é ser diferente*. Frase certa, para a qual faço uma leitura inversa: Atrevemo-nos a ser diferentes, mesmo sob o risco de sermos excluídos: diferentes naquilo que somos únicos, aquilo que, em uma análise levada até o fim, termina por crivar.

O que me levou e me empurrou a perseverar até o fim da análise? Existirão momentos de estender-me sobre isso. Para essa ocasião, basta recordar aquele *apostar na vida*, que implicava um não ceder à frustração, não se conformar com “Eu sei que isso não acabou”, [mas me detenho aqui] (...) **A detenção não conclusiva é um efeito da frustração** [grifo nosso].¹²

Para concluir este primeiro passo de transmissão, deixo aqui uma oferenda aos meus deuses caídos, uma fantasia diurna ao final da análise, inserida na minha recordação da interpretação de *Las Meninas* de Velázquez (1656), por Foucault: “Chego para uma sessão de análise. Ao passar, se entreabre uma porta no fundo, e ali está um analisante... Vejo-me como em um sonho: Sou eu esse que está ali... Mas o que faço ali? Entretanto calculo os passos... a esperar em um entre-quarto, à direita da entrada. Minutos depois passa ao fundo ao sair a pessoa que estava lá. E para finalizar a sessão alguém chega (Eu vejo sua sombra debaixo da porta), a analista sai e fecha a porta da sala onde estou. No momento em que abre a porta da entrada, se entreabre novamente a porta de trás, onde estou. E ali estou eu, olhando-me na porta. Mas eu também estou na sala, olhando-me na porta. Fecho a sala, mas a fantasia está completa e o inconsciente trabalhando...”.

Las Meninas de dentro (*fora*) e de fora (dentro). Que melhor encenação de destituição subjetiva? O espectador se olha no espelho do fundo, e o espelho de fundo sou eu, que igualmente me olha... “Talvez haja, nesse quadro (...) uma representação da representação (...). Mas ali, nesta dispersão que recolhe e desdobra no conjunto, se assinala imperiosamente um vazio essencial aponta imperiosamente, em todos os lugares: o desaparecimento necessário do que o fundamenta – daquele a quem se assemelha e daquele cujos olhos só é semelhança. **Esse sujeito** – que é o mesmo – **foi suprimido** [grifo nosso]”.¹³

Uma interpretação... interessante. Mas o fim da análise, na fantasia relatada, disse outras coisas, disse mais. O olhar, objeto pulsional por excelência, ao perder o poder de sua brasa e de seu vazio, permanece colocando na singular trança significativa, presa no olhar da infante Margarita, precioso brinquedo dos Habsburgo. Olhar esse que já não diz mais nada, mas que é um nada que nos oferece o inestimável sem sentido de estar ao fundo ou na entrada.

Tradução de Rosane Melo

¹⁰ Leonora Santamaría (2014). “¿Qué lee el psicoanalista?” Octavio Paz: *Claridad errante*. En *La Azotea 11*, revista del Foro del Campo Lacaniano de Venezuela, Caracas, últ. línea del art.

¹¹ Octavio Paz (1950). “El pachuco y otros extremos” En: *El laberinto de la soledad*. México, Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 9.

¹² Colette Soler (2013). *El fin y las finalidades del análisis*, op. cit., p. 14.

¹³ Michel Foucault (1966). *Las palabras y las cosas*. México, Siglo veintiuno editores, 1974, p. 25.



Referencias bibliográficas

- Bioy Casares, Adolfo (1940/2008). *La invención de Morel*. Buenos Aires, Colihue.
- Estévez, Vicky (2014). Goce, satisfacción, satisfacción del fin. En *La Azotea 11*, revista del Foro del Campo Lacaniano de Venezuela. Caracas.
- Foucault, Michel (1966/1974). *Las palabras y las cosas*. México, Siglo veintiuno editores.
- Lacan, Jacques (1967/s.f.). *Proposición de 1967*. Disponible en http://wapol.org/es/las_escuelas/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intEdicion=4&intIdiomaPublicacion=1&intArticulo=183&intIdiomaArticulo=1&intPublicacion=10
- Lacan, Jacques (1972/1984). El atolondradicho. En *Revista Escansión N° 1*. Buenos Aires, Paidós.
- Lacan, Jacques (1972-73/1989). *Seminario 20 (Aún)*. Buenos Aires, Paidós.
- Machado, Antonio (1924/s.f.). *Proverbios y cantares. Nuevas Canciones (1ª Parte)*. Disponible en <http://www.poetasandaluces.com/poema.asp?idPoema=226>
- Mesa, Margarita (2014). El pase, ¿una consecuencia ética? En *La Azotea 11*, revista del Foro del Campo Lacaniano de Venezuela. Caracas.
- Paz, Octavio (1950/1992). El pachuco y otros extremos. En *El laberinto de la soledad*. México, Fondo de Cultura Económica. Disponible en <http://www.hacer.org/pdf/Paz00.pdf>
- Rubén Darío (1915/s.f.). Pasa y olvida. En *Rubén Darío: Poesía*. Fundación Biblioteca Ayacucho. Caracas, MPP para la Cultura. Disponible en: http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&backPID=87&begin_at=8&tt_products=9
- Santamaría, Leonora (2014). ¿Qué lee el psicoanalista? Octavio Paz: *Claridad errante*. En *La Azotea 11*, revista del Foro del Campo Lacaniano de Venezuela. Caracas.
- Soler, Colette (2010). Las condiciones del acto, ¿cómo reconocerlas? En *Wunsch 8* (dedicado al Primer Encuentro Internacional de Escuela). Boletín Internacional de Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano.
- Soler, Colette (2013). *El fin y las finalidades del análisis*. Buenos Aires, Letra Viva.
- Velázquez, Diego (1656). *Las Meninas o La familia de Felipe IV*. Óleo sobre lienzo (3,18 m × 2,76 m). Madrid, Museo del Prado.
- Zuluaga, Beatriz (2014). *La Escuela. Aún*. Ponencia presentada en el IV° Encuentro Internacional de la Escuela de Psicoanálisis de los Foros del Campo Lacaniano. Paris.

Contribuição dos passadores

Monica PALACIO (Colômbia)

A função do passador, mais além do testemunho

Sem dúvida, ser passador é uma grande responsabilidade. É uma função na qual alguém que instituiu em sua própria análise, insistiu quase até o final, vê-se precipitado, quase forçado, sem haver previsto. Sua tarefa de recepção e transmissão do testemunho do passante, funções completamente inéditas, instaura, pelo menos em minha experiência, uma nova relação com a Escola e tem um efeito particular na análise pessoal.

Gostaria de assinalar alguns aspectos da função do passador, mais além do testemunho. Numa primeira tentativa para formalizar essa experiência, procurei situar em três momentos o estabelecimento da função do passador.

1. Primeiro momento, a notificação-surpresa. Momento em que se tem conhecimento de haver sido selecionado para cumprir como passador. Em meu caso, essa notificação a realiza o passante, e dela se desprendem os primeiros efeitos com relação à surpresa, ao afeto; é um momento íntimo, mais relacionado com o próprio sujeito que é passador, um momento de surpresa porque a notificação não está antecedida, se seguimos algumas das indicações de Lacan, por um anúncio da parte do seu analista, que, entretanto, como AME propôs seu nome para a lista de possíveis passadores.

A propósito disso, há uma nota de Lacan no Congresso da Escola Freudiana de Paris, realizado em La Grande Motte (1973), na qual diz: o analista... “o designa como passador e esse alguém não tem que ser informado disso, isso é uma regra que acredito haver indicado suficientemente para que se possa dizer que nos casos em que as coisas ocorreram de outra maneira, isto é, onde o analista pediu de alguma maneira sua aceitação ao analisante, para designá-lo como passador, existe um erro, pelo menos com respeito à compreensão do que eu mesmo propus. O analista designa alguém como passador¹ e não lhe pergunta a sua opinião. Eis aí exatamente, acredito eu, como as coisas devem ser compreendidas...”²

O efeito de surpresa inicial é importante nessa função. De outra maneira, o que faria aquele enunciado por seu analista se não pudesse cumprir com a função? Porque é claro que não necessariamente todos os nomes propostos serão escolhidos. Eu, por enquanto, acho que a lógica da função do passador só é possível em caso de poder levar a cabo a tarefa de recepção e transmissão do testemunho, dois encontros completamente inéditos no que é a relação com a Escola e com a psicanálise para quem cumpre essa função.

2. Segundo momento, o encontro com o passante, e a recepção do testemunho. Momento em que, por sua vez, contém outro que é o de carregar, e inclusive suportar, durante um tempo, o peso de tal testemunho. Esse momento, pelo menos em minha experiência, e sei que não é igual para todos os passadores, é um tempo de compreender o que implica o percurso de uma análise, seus efeitos terapêuticos, mas igualmente do que se trata a produção de um

¹ (N.T.) Evidenciado pela própria autora.

² Wunsch nº 11. Thesaurus sobre o passador. Preparado por Ricardo Rojas e Dominique Fingermann.

analista e o final de uma análise. Esse momento implica escutar alguém que, em sua tarefa analisante tirou algumas conclusões que, longe de estar vinculadas ao saber, estão vinculadas a uma nova maneira, a uma nova posição frente ao sintoma, à história subjetiva, à clínica e umas conclusões que de forma fantástica se manifestam pela via das formações do inconsciente – sonhos – que conduzem um trabalho do fim.

3. Terceiro momento, o encontro com o cartel do passe. Momento em que se exerce a função de transmissão, função que, entretanto, se põe em movimento desde o momento 1. O encontro com o cartel é decisivo, porque precipita, sob a logística da pressa, os efeitos que estes três momentos ligados contiveram. Pareceria que esta é, como tal, função do passador, pois é aí onde consegue passar o que, por sua vez, o passante passou. Mais além da função de transmissão do testemunho, o passador passa por esses momentos de maneira particular, no horizonte está sempre a transmissão e o encontro com o cartel do passe, mas o passador sabe, pelo menos discerne, a partir do testemunho escutado, que é alguma coisa a mais o que está posto em jogo.

Em meu caso, uma seleção de alguns sonhos, de algumas interpretações decisivas de alguns dados da biografia do passante, já me permitem, no momento do encontro com o cartel, apresentar o testemunho. A pressa tanto para o passante como para o passador tem uma função importante; é necessário descarregar a carga que ele levou, mas a descarregamento não é de qualquer maneira, creio que a própria ordem em que se apresenta o testemunho, vem sujeito ao que se pôde selecionar. De que outra forma, a não ser selecionar os sonhos e elementos que se apresentam? Mas insisto, o passador “é tomado” pelo próprio testemunho, em meu caso não pude ordenar, e nem selecionar o que apresentei de maneira antecipada, o testemunho esteve escrito tal como o passante relatou durante muito tempo, mas o modo de fazer o discernimento sobre o que ia apresentar só ocorreu no próprio momento do encontro com o cartel.

Um não saber como apresentá-lo fez parte da angústia vivida previamente ao encontro com o cartel, mas no próprio momento de me sentar e dizer em voz alta “vejamos, por onde começo?” deu lugar a isso, o testemunho, e posso apresentá-lo sem recorrer ao pensamento, ou a minhas notas, pois é algo que se organiza na medida que se apresenta, chegam a memória alguns itens do testemunho que só surgem para explicar, para aprofundar, para dar uma ênfase e me dou conta na medida que falo que isso é ser passador, deixar emergir o que foi “depositado” em mim, o que por um tempo aguentei no lugar do passante e que era importante não só para ele, mas também para a Escola.

A este respeito, enquanto escrevo, recordo que o passante, em um de nossos encontros, me disse que dar o testemunho retornou para ele uma premência, era como tivesse que libertar-se disso, contá-lo de forma urgente como se tivesse que libertar-se disso, contar de forma urgente. Nesse sentido, o passador receptáculo, contentor disso que já não pertence ao sujeito, senão pela transferência a Escola, que se quer fazer público. O problema, porque para mim foi um problema, é que antes de ser público, correspondeu-me carregá-lo sete meses ao todo, nove se conto os dois meses que anteciparam a recepção do testemunho. O libertar-se não é retórica, é uma necessidade, deixar de carregar um saber sobre o que se produz no final da análise, urge e incentiva a ser dito.

Por isso, meu título, ainda que não me apegue muito a ele, tem a intenção de insistir em que a função do passador vai mais além da transmissão do testemunho. A ideia de um nó me vem em mente para exemplificar o que quero dizer. Eu me atrevi a dizer que o que produz o andamento entre o passante e o passador, é o real que está posto em jogo no testemunho e que tem consequências para o passador; mas este nó, que se amarra a partir dos encontros com o passador, só se desata com a apresentação ante o cartel do passe como momento final, entretanto, teve de construir-se desde antes como nó transferencial á Escola. Acredito que aceitar ser passador tem que ver também com o que chamo de uma nova posição frente á Escola. Se a transferência de trabalho á Escola está instaurada, como em meu caso, como dizer não a solicitação, quase ao chamado de ser passador? O nó transferencial é colocado em andamento, é necessária uma nova amarração, o do encontro com o passante, e tomar o traço de

seu testemunho para que algo de outra ordem se instale no passador e possa ser desatado, após apresentar o testemunho à Escola, o destinatário final. Entre os efeitos da notificação-surpresa (designação) e receber o testemunho do passante houve uma série de fenômenos inéditos para mim: primeiro, uma série de sonhos que pude trabalhar na análise e que mostravam alguns com respeito ao meu próprio passe, são sonhos sobre o passe, sobre o ato de passar, passar uma ponte, ou buscar uma saída que se mostre de diferentes maneiras. Eu proponho como sonhos índices³ no sentido que assinalam algo, apontam algo, apontam, visam algo, e creio que tem a ver com o meu próprio momento do passe.

Outro efeito importante é a precipitação de um afeto de angústia do que não pude desfazer-me até a entrega do testemunho; angústia e divisão subjetiva pelas várias perguntas acerca de minha própria idoneidade para desempenhar a função, perguntas sob a forma como se realizava a função, pois não há um saber ser-passador, não há nada que o nomeie ou que lhe indique a maneira de cumprir tal função, angústia que não só me impedia respirar, mas que esteve acompanhada de uma atroz insônia vários meses; ambos fenômenos alheios a minha apresentação sintomática, fenômenos que não pertenciam até este momento à minha subjetividade, mas que tomaram até à noite que chego à cidade onde apresentaria o testemunho.

É comum ler no que escrevem os passadores situações desse tipo, efeitos da ordem da experiência próximos aos fenômenos sintomáticos e, é claro, manifestações do inconsciente; creio que isto tem a ver com o que para o passador, cito Colette Soler: “se trata de uma turbulência...inerente ao discurso analítico, produzida por ele, efeito da lógica do seu processo. Turbulência é o termo que eu escolho para dizer esse tempo na qual se desenvolvem os afetos da conclusão pendente, isto é, o tormento, o luto, ou o gozo inquieto da fase final ainda não terminada. Amarre seu cinto, é o que seria preciso dizer ao passador porque é ele sacudido nessa zona, ‘esteja ou não em dificuldade’ e o mais frequente é que esteja em dificuldade. Ele está atento, preparado para que num tempo de suspensão? Para o que vai ser a solução para um dado analisante”.⁴

Pergunto-me se parte dos afetos pelos quais atravessa o passador, durante o tempo da espera do encontro com o cartel do passe, tem a ver com essa zona de turbulência, precipitada, como diz Colette Soler, pelo discurso analítico e se a dita turbulência está relacionada com “o real como impossibilidade de suportar”, com o que a travessia de uma análise implica e que define assim a sua clínica. “O real como impossível de suportar” me produz ressonâncias a respeito ao que estou tratando de articular, evoca para mim a dimensão da carga, do peso, inclusive, o porquê não, do sofrimento. Não sei se vale a pena dizer, mas creio que o passador toma nota do que o passante encontrou como solução para o real, e certamente isto é o que o cartel também percebe, uma solução inédita para o sintoma, para o impossível de suportar que agora é transmitido à Escola por meio do testemunho do passe e que não mais embarça o sujeito, pelo contrário, o relança ao trabalho epistêmico do que é uma cura, do que é o desejo do analista e algo que era íntimo e subjetivo passa a ser da ordem do público, via o testemunho, e graças à transferência à Escola, transferência em que supera muito a pequena comunidade de trabalho em que se desenvolve o passante, pois concerne ao conjunto da Escola.

Coloquei todo esse raciocínio porque me pergunto se parte dos afetos pelos quais atravessa o passador, durante o tempo da espera do encontro com o cartel do passe, tem a ver com o real como impossível de suportar. Ainda não posso “dizer” e muito menos compreender a angústia que vivi durante o tempo de espera, tempo em que levo o testemunho do passante. Creio que os afetos que se se apresentaram em mim não me pertenciam, eram ao contrário como afetos de uma ordem distinta aos vividos por mim em minha subjetividade. É uma pergunta que me fazem no foro de Medellín que me faz pensar nisso e apresentar assim, sem uma sustentação teórica da qual agarrar-me: perguntam-me pela dimensão dos afetos que suscita o encontro com

³ Depois do encontro que o Marcelo Mazzuca falou dos sonhos índices, não sei se este é um termo que pertence a mais alguém, mas nomeá-los assim é algo que faço em análise, no trabalho dos sonhos.

⁴ Colette Soler (2012). “O passador” In: *Wunsch nº 12*.

o cartel, que em meu relato, sem dúvida, são afetos da ordem da alegria, da euforia, como uma descarga; em minha resposta, disse que, no encontro com o cartel, meus afetos como sujeito não estiveram presentes, pois são afetos meus que mais interferem no vínculo com o outro, interferem inclusive na palavra, mas meus afetos subjetivos nesse momento desaparecem e assume lugar esse outro afeto, que não me esperava e que, portanto, também esteve presente nos encontros com o passante, o da alegria. Pergunto-me então, se os demais afetos que experimentei durante este período de turbulência, de levar o testemunho também correspondiam a esse tipo de afetos que não são próprios do sujeito passador, mas, que talvez correspondam ao passante, e por que não à experiência como tal, pois são afetos e efeitos desprendidos, precipitados pela própria experiência da função.

Para mim, essas perguntas insistem porque os ditos efeitos – afetos são, ao que parece, a marca de haver passado pela experiência, e é possível que seja a marca de algo que portava e não sabia, a marca do real que passa no testemunho, que não se pode dizer, e que só se pode experimentar, como um efeito íntimo do que para o passante que escutei foi a emergência de um desejo novo.

Se a angústia é o afeto que não engana e é signo do desejo do Outro, o que o Outro quer de mim? Para mim, ainda, é um signo e enigma. Sem dúvida, a pergunta pela qual deseja o Outro está presente e atravessa a experiência: o único anseio de apresentar bem o testemunho, de poder responder ante a confiança do passante que não muda meu nome quando poderia fazer pela proximidade geográfica e de trabalho, que para outros poderia ser um impedimento, e inclusive, a aparição de um mal estar com o meu analista, o AME que colocou meu nome na lista de passadores, enfim, essas coisas dão conta ainda da consistência do Outro, mas, ao mesmo tempo, acredito que a angústia deve apontar algo mais; segundo Lacan, a angústia é o sinal da presença do objeto, o sintagma é conhecido “a angústia não é sem objeto”, se trata da iminência do objeto, do real, do que emerge desse oco que foi rodeado pelo simbólico. Então, insisto nesta pergunta: o testemunho, e o que nele se transmite, pode vincular o passador com o real posto em jogo na análise do passante? Seria por isso, inclusive, que pode transmitir algo do que é único ao passante, por essa ressonância que se produz e que se manifesta em certos fenômenos relativos ao único afeto que não engana e, portanto, ser depositado como uma carga do passante, ao passador e daí ao cartel para depois saber-fazer com este resto de transmissão na Escola?

Quero já retomar para terminar um último ponto sobre o significante testemunho. Segundo a Real Academia Espanhola a palavra testemunho significa: “1.m. Atestado ou afirmação de algo./2.m. Instrumento... em que se dá fé de um fato./3.m Prova, justificação e comprovação da certeza ou da verdade de algo”.

Creio, então, que utilizar a modalidade de testemunho no dispositivo do passe, e não outro tipo de transmissão como uma sustentação ou uma exposição, lhe dá um caráter particular ao assunto da transferência de trabalho que move e sustenta a Escola. Parece-me evidente que Lacan escolhe, cria um dispositivo no que o real se discerne, se mostra, mais por sua ressonância, por seus efeitos, que pelo saber, posto que este, o saber, ou o teórico amarrado a essa experiência aparece mais, num momento posterior ao do testemunho e o que chega ao encontro com o cartel do passe via passador, o que emerge e surge aí tem um efeito de ensinamento que não se transmite pelas vias clássicas, mas pela via da comprovação da certeza ou da verdade vivida na experiência. Por isso, ser passador, por mais que se tente formalizar, é acima de tudo uma experiência íntima, e este aspecto constituiu para mim uma das dificuldades para poder falar em termos diferentes ao que se experimentou e aos efeitos que isso provocou.

No final da experiência, pude compreender a confiança do passante na Escola e no dispositivo; o ânimo de alguns membros do cartel ao me pedir para aprofundar, o afeto alegre e quase eufórico para o final da entrevista, as diferentes expressões, as gargalhadas de alguns, as expressões de elogio, me faziam sentir, pensar, crer que a função de fazer passar algo de um desejo inédito no passante se havia cumprido. Não me interrogaram mais além do caso do passante, por seus analistas, por sua transferência; interrogaram-me sobre o que eu conhecia de

seu trabalho na Escola por viver no mesmo país, pelo que ele havia dito sobre sua clínica, por sua neurose infantil, etc., mas jamais por sua procedência analítica ou pela minha.

“Participar no dispositivo do passe como experiência mais além da nomeação, tem para mim um efeito similar: de confiança, algo assim como, ‘isto se existir’”, pois “algo acontece ali que ocorre nesse momento e lugar”, no encontro com o passante e no encontro com o cartel do passe. Neste caso, o passante me chama alguns dias depois de haver cumprido com a minha função e me notifica que foi nomeado A.E. de nossa Escola. Essa notícia me faz muito feliz, parece que o que devia acontecer deu um bom resultado, mas lhe digo, mais além da nomeação a aposta estava feita, e é o caminho, o fabuloso do dispositivo proposto por Lacan, o que faz que esta experiência seja a única e, sem dúvida, não se repete. A nomeação, quem o diria, é secundário ao que aí se vive. Entretanto, a nomeação como tal é tão importante porque permite evidenciar o efeito de formação que a Escola dispensa. E, nesse caso, a nomeação é ainda mais importante porque se dá conta da presença da Escola em nosso meio (ALN).

Creio que a cura de uma análise se pode comparar com o que diz Rosa Monteiro em **“La ridícula idea de no volver a verte”**,⁵ “...a literatura, ou a arte em geral, não pode alcançar essa zona interior. A literatura se dedica a dar voltas em torno do buraco; com sorte e com talento, talvez consiga lançar uma olhada rápida para o seu interior. Esse raio ilumina as trevas, mas de forma tão breve que só há uma intuição e não uma visão. E, além disso, quanto mais te aproxima para o essencial, menos podes nomeá-lo”.⁶ Então me digo, que a diferentemente da literatura e da arte em geral, uma análise levada até a suas últimas consequências permite, sobre isso, inominável, levemente rodeado e meio iluminado como por um relâmpago, apresentar um testemunho e fazer a prova de um de um desejo, o do analista produto do dito rodeamento.

Tradução de Tereza Oliveira

Alejandra NOGUERA (Argentina)

Passador... ser atravessado pela Escola!

“É com eles que um psicanalisante, para se fazer autorizar como analista da Escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher pelo vívido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe.”⁷

No caminho para minha análise, recebo uma chamada em meu celular, o sujeito, que falava espanhol com sotaque caribenho, se apresenta e diz que havia pedido o passe e que eu tinha sido sorteada como sua passadora... a ligação cai várias vezes, mas não sem antes confirmar que aceitava, que o receberia em meu consultório em setembro quando ele viajasse para Buenos Aires e que no comunicariamos por e-mail. Nesse momento me encontrava dentro do consultório... e com uma expressão entre divertida e surpreendida, pergunto ao meu analista o que ele tem a ver com isso: como sai sorteada em uma lista?

Nesse mesmo dia, comecei a ler tudo o que pude encontrar sobre a função de passador. Sabia que havia algo sobre o tema nas *Wunsch* 10, 11 e 12 e as tinha tão perto, no meu criado-mudo! Eu as havia comprado há pelo menos um ano e ali estavam esperando serem lidas. Para mim, até esse momento o passe era algo muito distante, para outros...

Alguns dias depois já tendo lido “O passador e o passe” e vários textos de Lacan sobre o passe... Sonho: “Vejo um caractere chinês e outro pela metade” (um está aparentemente inteiro e o outro está cortado no meio) estes dois ideogramas são negros sobre um fundo amarelo. A

⁵ (N.T.) Evidenciado pela própria autora.

⁶ Rosa Montero (2013). *La ridícula idea de no volver a verte*. Seix Barral, 2013.

⁷ Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 261.

primeira coisa que pensei: um real não simbolizável, ilegível... e o outro: castrado. Em um segundo momento, ainda que o caractere chinês me parecia absolutamente enigmático, impossível de decifrar...localizei algo...a única coisa conhecida ou familiar: um “t” que estava abaixo, formando parte do signo...ou seja, era um pedaço dele, interpreto que esse “t” é de *tempo* e digo: “pensava que estivesse a anos-luz do Passe...”.

“Não há verdade que, ao passar pela atenção não minta. O que não impede que se corra atrás dela”.⁸

Pensando no que disse, procuro no Google *anos-luz* e não me lembrava que ano-luz não é uma medida de tempo e sim de distância, acreditava que se referia ao tempo em que a luz percorria grandes distâncias no universo. Um detalhe me surpreendeu: a luz demora 8 minutos para chegar do sol até a terra, o que me pareceu muito rápido e bastante paradoxal! A ligação do passante havia demorado mais ou menos isso. Tempo e distância confluíam na mesma ideia. O passe não era algo pensado, me parecia tão alheio como um caractere chinês, supunha aí um saber teórico ao que não chegaria, ou era algo acessível, possível de desejar para os que animam, empurram, sustentam a Escola e eu não era sequer membro desta.

“Este pode ser o caso de alguém que ocupe qualquer posição na Escola ou de alguém que não pertença à Escola, e que por este fato aceda a ela.” *Um procedimento para o passe (1967)*.

A tarefa se transformou em um entusiasmo vital! Que maneira de causar!

No tempo que transcorreu entre a ligação e o encontro, uns quatro meses, comuniquei-me por e-mail com o passante e eu lhe pedi que me trouxesse dois livros que aqui não se conseguiam: “O que passa no Passe”, que me haviam emprestado. Ele me agradeceu porque isto lhe permitiu ler aí alguns testemunhos e preparar o seu. Também me foi útil uma apresentação de Cora Aguerre no Fórum e uma página na web, dos Fóruns da Espanha, que ela recomendou para ler testemunhos. Havia lido também testemunhos de A.E. de outra Escola.

O encontro com o passante

O passante viajou para Buenos Aires e nos encontramos em meu consultório. Tenho ali além do divã, uma poltrona cujo design é de Le Corbusier (muito cômoda, é a que eu utilizo) e outra que é mais rígida e cujo design é de Mies van der Rohe. O passante me perguntou qual era a minha, a que eu utilizava como analista, para que pudesse sentar-se na outra. Disse-lhe: “não estou agora como analista, mas como passadora”, e o convidei a sentar-se na primeira poltrona. Perguntou-me se eu tinha experiência no que ia fazer, éramos dois novatos na tarefa... “Por onde começo?”, perguntou. Respondi: “Por seu percurso analítico”.

A escuta atenta daquele testemunho me pareceu algo como “um tesouro”, ser testemunha da historização de uma vida, do *pathos* que a acompanhou... foi uma honra que me capturou. “Isso” que se escuta, o *Che Vuoi?* O objeto que havia sido para o Outro... um lapso ou equívoco que des-articula o gozo condensado na fantasia e deixa o sujeito surpreendido...sonhos, restos de objeto *a*, significantes que representam o sujeito para outros significantes, “pontos vivos”, articulações inéditas... “preciosas” que precipitam algo desse real, tão difícil de capturar na teoria. Uma experiência analítica que alcançou seu fim, permite ter outra dimensão do percurso e do devir analista como produto de uma análise, até aí era algo que eu não entendia como se produzia... menos ainda como se transmitia...mas, já me arranjará com isso.

Houve um problema com o outro passador que também era de Buenos Aires. O passante me informou, antes de partir – disse que houvera algo como pouca disposição de tempo para levar a cabo as entrevistas... só tivera uma entrevista e não quis voltar. Havia vindo por uma semana e partia sem haver passado seu testemunho ao segundo passador. Solicitou à comissão do CIG que lhe designassem outro passador, mas não houve tempo de fazê-lo aqui, assim teria que fazê-lo na Venezuela. Isto dificultou a tarefa e também, suponho, correu o risco

⁸ Jacques Lacan (1976). “Prefácio à edição inglesa do *Seminário 11*” In: *Outros Escritos*, *op. cit.*, p. 567.

de que não se concretizasse esse pedido. Meses depois o passante me avisou que já havia feito as entrevistas com o outro passador.

Encontro com o material recolhido

Passados sete meses voltei a sentar-me frente ao material que possuía, aproximava-se o Encontro Internacional no qual eu supunha que o cartel do passe se reuniria. Da coragem inicial que me havia causado ler e ler... agora me encontrava perguntando: que faço com isso?

A metáfora da placa sensível nos artigos de passadores que li, ao princípio, me transmitiu algo do deixar-se impressionar, impregnar, ser atravessada pelo discurso do passante e creio que assim foi... mas depois do momento de elaboração do testemunho a ser apresentado diante do cartel, a metáfora me pareceu passiva...me sentia mais afim da ideia de fotografar, que significa escrever-gravar com luz, já que as notas que havia tomado nas quatro entrevistas teriam que ser reduzidas, teria que recortar as cenas, os significantes, os sonhos, o atravessamento da fantasia e os modos de gozo, armar um relato, emprestando-lhe voz durante uma hora. Surgiram-me algumas dúvidas e então conversei com o passante pelo Skype o que não constituiu nenhum problema. Não conhecia ninguém que tivesse sido passador... pensei em procurar meu supervisor, mas parecia que meu lugar era outro, não se tratava de uma direção do tratamento...perguntei ao meu analista que me disse “não”; que eu racionalizaria, que a ideia não era teorizar, e, dessa forma, escrevi de várias maneiras até que construí um fio condutor.

O encontro com o Cartel

Viajei a Paris com o caderno do testemunho na bagagem de mão, tinha medo que minha mala extraviasse... ali eu levava o agalma. No que concernia a minha função de passadora não havia um saber apreensível por mais textos de *Wunsch* que houvesse lido sobre o passe, saber sempre furado... mas tinha toda confiança posta no dispositivo inventado por Lacan.

Fui dois dias à sede na rua d'Assas, separados pelo dia que assisti ao IV Encontro Internacional, dia dedicado aos temas do passe, por ser este o coração da Escola e que me permitiu participar daquilo que ali se tratava...

Nos dois encontros com o cartel tive afetos diferentes, no primeiro me impressionou o trabalho que iam fazendo os membros do cartel *in situ*, com os significantes que ressoavam no testemunho. O fato de que falassem diferentes idiomas fez que a transmissão-tradução fosse lenta, os ditos do passante “se iam dizendo”, recostados nas diferentes línguas. Foi justamente aí que entendi algo... do dispositivo, algo da letra, algo do real que ex-sistia aos ditos...algo que me era impossível de dizer...Há algo do relato que se encarna na voz do passador...ou melhor, o passador é **a-traves-sado** pelos ditos do passante... fui sur-preendida.⁹

O segundo encontro pareceu-me uma oportunidade para agregar algumas coisas recortadas que, após o dia da Escola, pareciam ter toda uma importância! Entretanto alguma coisa aconteceu ali que eu não pude entender... algumas perguntas me des-orientaram... Fiquei um pouco dividida, todo o entusiasmo que senti quando saí do primeiro encontro... repentinamente me reencontrei com o afeto contrário. Pensei que algo do outro passador havia feito mudar as coisas, que algo havia acontecido... e imediatamente a falha caiu sobre mim...teria esquecido algo quando me pediram que dissesse o que eu lembrava, havia me confundido com algo, não havia explicado algo bem...etc. O não-todo de Lacan tomou corpo...

Poucos dias após a divulgação da nomeação de A.E. do testemunho passado, sonho: “Estou no ato de carregar um rolo de filme em uma máquina de fotos analógica (as antigas, não digitais) e me dou conta que não está escuro e o estou...velando! Mas...logo vejo no negativo que existem várias fotos tiradas, a luz se gravou apesar de tudo...e não se velaram”.

Há um rolo que é passado entre as rodinhas da engrenagem e há no dispositivo do passe algo que permanece velado, oculto, obscuro ao passador.

⁹ Vicky Estevez, *Wunsch 13*, “La no respuesta”.

Encontro esta frase em minhas anotações sobre fotografia: “A fotografia é um fragmento de espaço, mas também a expressão de um momento de tempo que como tal não se repetirá jamais” (Roland Barthes)

O singular de um testemunho que passa, o inédito, a invenção do sujeito que se comprometeu com seu desejo...

O tempo que transcorreu entre a ligação do passante e a transmissão no cartel foi de um ano, tempo ou luz? Percurso... experiência que me ultra-passou (*sobre-pasô*)¹⁰ e que continua tendo efeitos... Na posição subjetiva, nos tratamentos em que ousou ocupar o lugar de analista, nos grupos de trabalho, mas, mais que nada, na conceitualização da psicanálise e na minha relação com a escola...

“Há a psicanálise e há a Escola”.¹¹

Tradução de Luis Guilherme Coelho

Natacha VELLUT (França)

Paradoxos do desejo, paradoxos do passador

Desejei responder à chamada de intervenções de nosso Encontro Internacional que aconteceu, este ano, sob o título de “Paradoxos do desejo”, porque constatei que a experiência de ser passador não implica imediatamente, ao menos no que me concerne, um desejo de passe. Esta constatação me interroga, de fato, me surpreende. Imaginava, depois de ter sido passadora de três passes – já se vão dois anos – decidir rapidamente pelo meu próprio passe. Por enquanto, tal não se deu. Por quê? Além de minha experiência pessoal, necessariamente subjetiva, creio que uma lógica opera, lógica que tento elaborar e propor a vocês hoje.

O passador “é” o passe¹². Esta forte fórmula de Lacan entra em paradoxo com a definição do passe como “momento de saber se, na destituição do sujeito [=separação do Outro do saber, donde a necessidade de se remeter aos congêneres], advém o desejo que permite ocupar o lugar do des-ser [= consentimento a ser como des-ser]”.¹³ O passante, ainda que ele também seja o passe, é convocado como sujeito destituído, podendo ocupar o lugar do des-ser. O passador é convocado a ser, ser o passe. Mesmo dizendo que são “congêneres”, eles não tem a mesma função no dispositivo.

Parece-me que o funcionamento do passe pode ser tomado pelo seu ternário, passante – passador – cartel do passe, como denodando e re-enodando o nó RSI, o que tem consequências sobre o desejo, desejo de um analisante tornando-se desejo de analista, desejo de um passador tornando-se desejo de passante.

Uma leitura do passe como nó

O passe é como um nó, um nó que se denoda e se re-enoda nesse espaço-tempo específico, nesse espaço-tempo inédito que põe em cena um dizer outro, um dizer diferente. O dispositivo do passe faz aparecer a própria função de enodamento e os diferentes registros, real,

¹⁰ Lydie Grandet, *Wunsch 9*, “Uma experiência que sobre-pasa”.

¹¹ Jacques Lacan, “Exhorto a la Escuela” In: *Otros Escritos*. Buenos Aires, Paidós 2012, p. 313.

¹² A fórmula exata de Lacan: “donde se poderia esperar, portanto, um testemunho correto sobre aquele que transpõe esse passe, senão de um outro que, como ele, o é ainda, esse passe.” In: Lacan, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Otros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 260.

¹³ Jacques Lacan. *Otros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 581.

simbólico e imaginário, que constituem esse enodamento. O passante colocaria em causa o registro imaginário, o passador, o registro real, o cartel do passe, o registro simbólico. Isso não quer dizer, absolutamente, que o passante é unicamente do registro imaginário, o passador, do registro real, o cartel do passe, do registro simbólico. Cada um tem relação com esses três registros, cada indivíduo se desdobra nesses três registros, mas no dispositivo do passe, cada um faz consistir, ouvir ou mesmo ressoar um registro em particular. O artifício do dispositivo do passe permite uma espécie de construção¹⁴ que cinge o vazio do nó, vazio opaco dessa passagem que vai do desejo de um analisante ao desejo do analista, a respeito do que Lacan sublinhava a “sombra espessa que encobre a junção [...] aquela em que o psicanalista passa a psicanalista”.¹⁵ Pensei, então, que cada ator desse dispositivo do passe clareia, como um técnico encarregado da luz numa encenação, um desses registros em particular.

O passante coloca em questão o registro imaginário. O passante desdobra sua história, sua historieta como sujeito, a história de sua análise. Ele transmite a anedota de seu caso para melhor reduzi-la, desvalorizá-la. Ele se desembaraça de todas as identificações que lhe colavam à pele, ao menos é o que se espera dele. Ele desconstrói a ideia de um “eu” como seu lugar de sujeito, destituído, no des-ser. Nesse mesmo despojamento, revela, ao contrário, a importância das imagens, das identificações. Nessa formidável redução lógica, essa “extraordinária redução”¹⁶ efetuada na cura e dita no passe, aparece, como em negativo, em retirada, em subtração, a massa imaginária que o passante deixa cair. Essa extraordinária redução é a redução significativa que, a partir de um longo percurso analítico, extraiu os significantes-chave, recolheu um ou dois enunciados que fizeram destino, cingiu um ponto de verdade e fixou um gozo fora do sentido numa fixação (com um x) real. O passante, convocado a dizer-se sem seu “eu”, a aparecer sem sua unidade imaginária, despojado de suas diferentes identificações como uma cebola descascada até o osso (se posso permitir-me a imagem de uma cebola provida de um osso), é levado mesmo a se desembaraçar de seu corpo no passe, já que seus ditos apresentam-se sem seu corpo em face do cartel do passe. Essa ausência faz ressoar a dimensão imaginária como supérflua, mentirosa, enganosa. O passante, separado do Outro do saber como dos outros, seus semelhantes, faz ouvir a dimensão estruturante da imagem que ele não é somente. O mesmo se deu em minha experiência de passadora: no fim de cada testemunho de cada passante, vinha essa impressão bastante forte, quase indizível, de que uma vida é tão pouco, um destino é uma palavra. Uma cura analítica, depois de longos anos, resume-se a uma escassa, mas decisiva articulação significativa, e a um resto: um fonema, uma letra, que não tem mais sentido. Isso me dava vertigens – literalmente – e depreciava muito todo o blabláblá – evidentemente – mas também numerosas conversações, romances, filmes, por demais inflados imaginariamente. Um quase nada, um indivíduo reduzido a seu esqueleto, encontrado no passe, traz à luz, paradoxalmente, o banho imaginário no qual nos debatemos e, às vezes, nos afundamos, sem verdade nem desejo.

Quanto ao cartel do passe, ele ocupa, sobretudo o lugar do sujeito no dispositivo. Ele é sujeito de um ato: a nomeação (ou a não nomeação) de um analista da Escola, sujeito de um dizer que nomeia. O cartel do passe escreve o passe do passante a partir dos dizeres dos passadores oriundos dos ditos do passante. Ele lê essa escrita do dizer ouvido nos ditos. Do dizer dos passadores oriundo dos ditos do passante, o cartel do passe extrai um texto, texto que já está nos ditos do passante e que comanda o dispositivo do passe. Cabe ao cartel escrever ou autenticar a escrita da lógica da cura do passante¹⁷. O cartel do passe, tomando o que construiu o sujeito-passante, situa-se no registro simbólico. Esse cartel “não pode [aliás], abster-se de um trabalho de doutrina”, disse Lacan em 1967.

¹⁴ (N.T.) No original *échafaudage*, que significa uma edificação em progresso, um andaime.

¹⁵ Jacques Lacan (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 258.

¹⁶ A expressão é de Albert N^o Guyên em Boas surpresas, in: *Wunsch*, n. 12, junho de 2012, p.76.

¹⁷ Mesmo se o passador é passador dessa lógica escrita nos ditos.

Quanto ao passador, é o real de seu corpo afetado que me parece estar no primeiro plano no dispositivo do passe. Seu corpo é o único presente nos dois momentos do testemunho: testemunho do passante ao passador, testemunho do passador ao cartel do passe. O passador é o indivíduo na sua acepção real: aquele que tem um corpo; evidentemente um corpo- imagem, mas não é isso que conta no passe, é seu corpo substância gozante que está implicado, seu corpo afetado, seu corpo eco do texto do passante. Falo do indivíduo, autorizando-me a partir de Lacan que retornou a ele no final de seu ensino, para destacar a singularidade, a existência pura, a presença pura. Lacan pôde dizer “existem indivíduos, é tudo”.¹⁸ O indivíduo é. O passador é o passe. O passador faz vislumbrar o indivíduo na sua versão real. Ele não diz quem ele é, quem ele acredita ser. Ele poderia não ser ninguém. O passador faz ressoar o impessoal de todo indivíduo em sua dimensão de presença. Desta forma, se mostra inconsistente. Ele está numa posição estrutural de enunciação que não é mais uma posição subjetiva. O indivíduo, que ele põe em função no passe, é um indivíduo único, uma diferença radical, como todo indivíduo, mas que não é nem reconhecido, nem identificado no passe, já que não é desse indivíduo que se trata. Assim, ele ressalta o indivíduo particular que é o passante emprestando-lhe a voz, corpo e afetos. O passador empresta seu ser de gozo ao passante, empresta seu corpo à inscrição de uma outra marca significativa que não a sua. Assim, quando, por ocasião de seu testemunho, um passante teve a ideia – que achei completamente bizarra – de se dirigir a mim como “eu” ou como “sujeito”, tão somente para colocar-me uma questão banal sobre o que eu compreendia de seus ditos, eu fiquei sem voz: minha voz já não era a minha. Na tarde que antecede a transmissão de um passe diante de um cartel, sinto angústia. Terei guardado minhas anotações? Não as terei perdido? Procuo-as e as (re)encontro. Chegada a noite, sonho que tenho os olhos fechados, colados, eu não posso, então, nem ver, nem ler. Pela manhã, acordo com este enunciado simples e claro: “não sei nada”. Ouvei um eco desse sonho na entrevista de Denis Podalydès para Cathy Barnier e Marc Strauss em nossas jornadas. Denis Podalydès testemunhava que, em cena, ele podia “às vezes se esforçar muito para estar no limite do buraco de memória”, para dar “a ilusão do presente”, quer dizer, do ser. Se sonhei (sonho, realização de desejo) em não ver, não ler, não saber, foi para compartilhar esse mesmo desejo de Denis Podalydès: a presença, e não o semblante, ser, mais do que repetir, ser, mais do que interpretar. Como passadora, eu sou o operador, no passe, disso que operou no passante (como o desejo do analista é operador da cura analítica). “O real não é feito para ser sabido”¹⁹ e eu não sei nada. Os ditos do passante serão o dizer da minha voz. Eu sou, como passador, o real do passe.

O passe permite denodar os registros: os ditos do passante são sem corpo diante do cartel do passe, o corpo do passador é sem ditos diante do passante e, enunciando um outro dizer que não o seu diante do cartel do passe. O passe faz enodamento inédito passante-passador-cartel do passe, para cingir esse vazio do nó onde pode se alojar o desejo do analista²⁰.

O passador como real do passe: quais consequências para o desejo?

O passe não é comandado pelo desejo do passador, ele é decidido pelo desejo de um passante e vetorizado pelo desejo do analista. Como o desejo do passador poderia aí se achar sem paradoxos já que aí se acumulam seus paradoxos próprios, os paradoxos do desejo de um passante e aqueles do desejo do analista?

A experiência do real em jogo no passe transtorna o desejo do passador. Lacan apontara que “essa experiência do passe era para todos [...] uma coisa que consome absolutamente, que

¹⁸ Entrevista publicada no *Magazine littéraire*, fevereiro de 2004.

¹⁹ Colette Soler (2011). *Les affects lacaniens*. Paris, PUF, 2011, p.138.

²⁰ O passe paradoxo (paradoxo: do grego *para* e *doxos*: além do crível, além da opinião comum) em ato: denodando RSI que enoda a verdade da existência de cada um, re-enodando RSI diferentemente ao despersonalizar o desejo do analista.

queima, que transtorna absolutamente [não é?] e se mostra nos efeitos que eram absolutamente consideráveis.”²¹

Quando definimos o desejo com o objeto, com a pulsão, nós o vislumbramos como uma busca, um movimento. O desejo do sujeito-passador só pode ser transtornado, desorientado pela experiência do passe. O desejo como bússola, que vetoriza os investimentos e interesses de todo sujeito, que dá uma direção à sua vida, é desregrado, desviado, pela experiência do passe que separa real e simbólico, que opera um corte entre o corpo – substância gozante – e os significantes do passador. O passador é separado do que ele é como sujeito, ele é, por um tempo, disjunto de seu desejo.

No passe, o corpo do passador é encoberto por grãos de areia de alíngua de um outro. É afetado pelo inconsciente, os afetos, a verdade de um outro. A palavra agita o corpo do passador, como a palavra agita o corpo da criança, perfurando-o como uma peneira, por onde escorre a água da linguagem, retendo, na passagem,²² alguns detritos com os quais será preciso se virar.²³ Um certo tempo, um tempo suspenso, é necessário para que, desses detritos do fundo de sua peneira, o passador faça seu trabalho ou lhe aceite os efeitos. Nossa Escola é essencial para viver esse tempo de suspensão que, como no tempo lógico de asserção antecipada que Lacan tira de sua análise do sofisma dos três prisioneiros, é um momento des-subjetivado, um momento de dúvida, de hesitação. Esse tempo suspenso deve ser logicamente vivido várias vezes para passar ao tempo de compreender ou ao momento de concluir. “Uma emoção, um traumatismo pode deixar para o sujeito algo em suspenso, e isso enquanto um acordo não for encontrado”²⁴ formulava Lacan no seminário *A ética da psicanálise*.

Depois de meu último testemunho diante do cartel do passe, sonho com um olho de Buda e com o texto de Lacan a esse respeito. Lacan, quando de sua primeira viagem ao Japão, encontra uma estátua budista.²⁵ Trata-se da estátua de uma Bodhisattva, uma divindade budista chamada Guanyin, em chinês, Kuan-non ou Kannon, em japonês, que ele cruza num templo e da qual fala longamente no Seminário 10 sobre a angústia. Essa divindade é sempre celebrada como deusa da compaixão porque ela escuta os lamentos e os gemidos, como o analista escuta as queixas para extrair a verdade do sujeito.²⁶ Ela renunciou ao estado de Buda que lhe teria permitido alcançar o Nirvana, estado de pura contemplação, mas ao preço de separá-la do mundo dos humanos, de privá-la de suas vozes. Dessa figura, Lacan faz a ilustração de “uma certa relação do sujeito humano com o desejo.”²⁷ Meu sonho assinalaria o desejo de me desangustiar depois dessa prova do passe? A figura budista, apaziguada, assexuada, os olhos semicerrados, pode representar uma travessia da angústia, essa angústia que nasce da distorção entre desejo e gozo. Essa serenidade exibida pela estátua, assim como por aquele que a contempla, sugere a Lacan que “essa figura toma totalmente a seu encargo o ponto de angústia e suspende, anula, aparentemente, o mistério da castração”.²⁸ Meu sonho pode também revelar um desejo de me reencontrar com um certo gozo, de recuperar o mais-de-gozar, ainda mais por ter ficado com os olhos fechados num sonho ocorrido antes do testemunho. Graças ao sonho, posso assim retomar contato com o objeto a, perdido de vista na experiência do passe, assim

²¹ Jacques Lacan na Escola Belga de Psicanálise (1972) In: *Wunsch*, n. 11, p. 76.

²² (N.T.) Nesta frase, a autora joga poeticamente com a aliteração de *passneur* [passador], *perçant* [perfurando], *passoire* [peneira], *par où ruisselle* [por onde escorre], *passage* [passagem].

²³ Jacques Lacan (1975). “Conferência em Genebra sobre o Sintoma”, inédito.

²⁴ Jacques Lacan (1959-1960). *O Seminário – Livro 7 – A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991 (Cf. aula de 25 de maio de 1960).

²⁵ No seminário 10 sobre a angústia, Lacan evoca longamente, em seguida à sua primeira viagem ao Japão, uma experiência que teve num templo budista em Kamakura. Trata-se de seu encontro com uma obra de arte: a estátua da divindade budista chamada Guanyin em chinês, Kuan-non e depois Kannon em japonês.

²⁶ “Para coletá-lo de um outro, é preciso outra diz-mensão: aquela que comporta de saber que a análise, da queixa, só utiliza a verdade.” In: Nota que Jacques Lacan encaminhou pessoalmente àqueles que eram susceptíveis de designar os passadores (1974).

²⁷ Jacques Lacan (1962-1963). *O Seminário – Livro 10 – A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 245.

²⁸ Jacques Lacan (1962-1963). *Seminário – Livro 10 – A angústia, op. cit.*, p. 265.

como “o nível do desejo escópico, aquele em que a estrutura do desejo está plenamente desenvolvida em sua alienação fundamental, [esse desejo escópico] é também, paradoxalmente, o nível em que o objeto a é mais mascarado e no qual, em vista disso, o sujeito está mais garantido quanto à angústia”.²⁹ Eu daria, assim, dois golpes com uma única cajadada: retomar contato com o objeto *a*, mas mascarando-o suficientemente para que não provocasse angústia demais!

No entanto, não me contento em sonhar com essa figura budista, com esse olhar em forma de fenda, sonho com os ditos lacanianos que acompanham essa representação. Em meu sonho, esses ditos aparecem sob a forma de texto, texto que não poderia ler com os olhos colados. O texto laciano é sem ilusão sobre a travessia da angústia: não existe desejo acabado, alcançado, existe sempre um resto, alguma coisa de real que não é assimilável pelo significante e que perturba toda ilusão de serenidade, todo sentimento de quietude. O texto laciano revela também a irreduzível causa do desejo: “se essa causa se revela tão irreduzível, é na medida em que superpõe, em que é idêntica em sua função ao que lhes venho ensinando a delimitar e a manejar, este ano, como a parte de nós mesmos, a parte de nossa carne que permanece necessariamente aprisionada na máquina formal, sem o que o formalismo lógico, para nós, não seria absolutamente nada.”³⁰ Essa carne do passador alimenta o formalismo do dispositivo do passe. Se essa parte de carne, essa libra de carne dada – ou, antes, emprestada – ao passe tem efeitos sobre o desejo do passador, transtornando-o, atrapalhando-o, fazendo-o perder sua bússola, ela revela o irreduzível do desejo.

Tradução de Conrado Ramos

Cibele BARBARÁ (Brasil)

Testemunho a partir da experiência como passadora

Gostaria de testemunhar a partir da experiência como passadora de que tive a honra de participar duas vezes. Assim como testemunharam outros passadores, a indicação supressiva foi uma intervenção e tanto: apontou para a escola e despertou questões que, até então, não apareciam no espectro. Por exemplo, sobre a formação do psicanalista, sobre o funcionamento do dispositivo do passe - sua importância epistêmica, sua relação com os outros discursos e, principalmente, sua relação direta com a efetividade da experiência clínica. Foi marcante a gratidão que senti ao perceber a aposta, empenho e generosidade dos membros da escola em fazer o dispositivo acontecer. Desde sua organização prática até a seriedade com que escutam e consideram o dispositivo e o tema.

Escutar os testemunhos foi uma experiência engrandecedora e ao mesmo tempo de muita estranheza e solidão. Durante o período dos encontros e de preparação do material, experimentei uma espécie de estado de suspensão. Literalmente, um “estar entre” aliado à sensação de que a transmissão está além da ordem da consciência, da verdade, da técnica. A “**estranheza da novidade**” em relação à posição de escuta do passador foi grande, já que é um lugar que evidencia o que não deve ser: que não é isso, não é isso e também não é isso. Digo, com muito cuidado que, com o tempo, esta função se tornou um pouco mais clara para mim e, hoje, acho até engraçada a aflição que senti, especialmente, quando lembro Sandra Berta dizer “(...) Afinal, não somos todos passadores?”.

²⁹ Jacques Lacan (1962-1963). *Seminário – Livro 10 – A angústia, op. cit.*, p. 353.

³⁰ Seminário 10, *op. cit.*, p.237.

Em especial da segunda vez, sentia como se carregasse em meu corpo uma série de afetos, de letras, de tons e sons que me impressionaram durante os encontros. Já não era algo da ordem da identificação e sim daquele lugar de leitor que algumas vezes experimentamos ao nos depararmos com um poema ou com uma música que nos toca profundamente. Talvez daí a sagacidade de Lacan em indicar como passadores os analisantes no final de análise, pois, em geral, é o momento que recém descobriram a dimensão da experiência, do impossível de tudo dizer, a dimensão artificial da linguagem, e em que se questionam avidamente o que fazer com isso! Famoso comentário que se ouve na comunidade, muito difícil de digerir: “E agora, como viver a pulsão?”. Por isso, penso que a indicação do passador pelo A.M.E. é de extrema importância, talvez, uma de suas principais funções. Uma questão que ficou a este respeito é se não haveria no período do final de análise um momento específico dentro de suas operações lógico-clínicas para fazer a indicação. Penso que poderíamos ter mais comentários na comunidade a respeito desta indicação do A.M.E. e até os efeitos recolhidos por estes no andamento das análises.

Após a experiência com os cartéis do passe, outras questões se fizeram e, sobre elas, gostaria de me demorar um pouco mais. Sempre se têm algumas expectativas antes de vivenciar algo e recordo-me que, após o encontro com o cartel do passe, ficou a evidência - ainda bem - do quanto o dispositivo é furado. O que torna o passe ainda mais instigante e arriscado. Através dele, deste furo, pude começar a pensar mais nas questões da psicanálise em extensão. O lugar da psicanálise e sua expressividade no mundo, suas relações políticas, seus efeitos, os contrapontos necessários com outros discursos, sua transmissão e sua relação direta com a efetividade da clínica. Foi como se outro buraco tivesse sido aberto, revelando as impossibilidades deste discurso. Por isso, entendo que manter este dispositivo furado é trabalho duro, contínuo e necessário. O desafio de manter o paradoxo, muitas vezes, pronunciado por Lacan de que: “não há universal que não deva ser contido por uma existência que o negue” (1973, p. 450).

Pensando nisso, outro ponto que ficou a posteriori de ambas as experiências foi em relação às questões do idioma/língua e, especialmente, em relação às questões do contexto cultural. Será que isso influencia realmente a transmissão? Não falo nenhum outro idioma, não a ponto de fazer uma transmissão deste tipo. Portanto, em ambos os cartéis minha fala foi simultaneamente traduzida por um dos membros. Em um deles não havia nenhum brasileiro e no segundo havia um, que, não por acaso, foi incumbido de fazer a árdua tradução no momento. Digo árdua porque havia ali significantes e metáforas difíceis de serem traduzidos. Significantes de peso, brasileiríssimos, representantes em parte da singularidade do passante, claro, mas atravessados pelo peso da nossa cultura. Mesmo sabendo que não há traduções sem perdas ou, em outras palavras, que não há tradução *stricto sensu*, naquele instante, algumas passagens foram realmente bastante difíceis de serem transmitidas. Vi ali o esforço do membro do cartel de nacionalidade brasileira em encontrar atalhos, desvios, para conseguir explicar em francês o que estava sendo dito. É como se ele, naquele momento, também fosse outro passador formando mais um elo entre uma margem e outra. Será este um impasse? Além disso, será que ele pôde, além da sua função extra de passador-tradutor, escutar o poema do passe? Justamente ele, único brasileiro do cartel que acabara “exausto” (*sic*). Como será que isso funciona? Com tantas explicações, será que o poema chega? Neste ponto, lembrei-me de Freud que dizia que um chiste perde seu efeito se requerer um trabalho intelectual conexo. Além disso, o chiste funciona trazendo à tona aquilo que é estranho, porém, precisa do familiar para fazer passar. E é por isso que muitos chistes só funcionam em guetos, grupos culturais e subgrupos específicos. Se aproximarmos o que estamos chamando de familiar do contexto cultural, se pode pensar que este também pode influenciar o passe? Fizem-me pensar nisso algumas perguntas dos integrantes do cartel do passe ao final do encontro e após minha fala. Eles demonstraram certo estranhamento diante de alguns eventos do relato: “Sim ele conseguiu sair da casa da mãe, assumir um trabalho muito desejado em outra cidade... se ausentar por um tempo, mas e daí?”. Pergunta que ao meu ver ilustraria a dimensão das relações afetivas, por meio das quais nós,

latino-americanos, comumente tratamos os pais e as crianças. Como são relações excessivamente valoradas, em geral, o trabalho de separação em uma análise costuma ser hercúleo e isso talvez não fique claro para aqueles que vivem em outro país, com cultura muito diferente. Nesta mesma linha, é possível refletir sobre o peso, a influência que aquele que vem de fora, de outro país, “o estrangeiro”, e também refletir no que se refere ao peso que outro idioma, “outra língua”, tem em nossa cultura e em nossas fantasias. Não será preciso levar em conta todo o histórico de país escravocrata e colonizado, que caracteriza nosso contexto cultural? Sem esquecer a grande diversidade e a grande extensão geográfica que transforma a possibilidade de contraponto: as fronteiras em geral são distantes. Aprender outro idioma, visitar outro país, viajar, conhecer outras partes do mundo, atravessar fronteiras é ainda um desafio e uma novidade para grande parte dos brasileiros. Estas não serão especificidades que desafiam o modelo universalista³¹ do passe? Não são impeditivas, de maneira alguma, mas podem dificultar sua transmissão?

Análises em outros idiomas são possíveis e cotidianamente testemunhamos isso. Mas não será o tempo de análise diferente do passe, que pressupõe certa brevidade? E falando em brevidade, outra questão: fala-se que um testemunho não deve demorar e, entendo hoje, que o testemunho do passador está mais para um conto do que para um romance, então, como fica o tempo dispendido com a tradução?

Terminada minha tarefa, após algumas perguntas e alguma discussão saí do cartel do passe numa tremenda solidão, daquelas que escancaram nossa condição de exílio, que escancaram o vazio, a lacuna da transmissão da experiência. Penso que este importante efeito, pode ser extraído da experiência como passador. Um instante de insurgência a partir de certa perspectiva. Um rápido sobrevoo de onde se avista o litoral.

Referências bibliográficas

Lacan, Jacques (1973). “O Aturdido” In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

³¹ Sobre o dispositivo do passe como modelo universalista de transmissão da psicanálise remeto ao texto de Christian Ingo Lenz Dunker publicado em português DUNKER, I. L. C. Psicanalista Global? Formação do psicanalista e transmissão da Psicanálise entre norma e contingência. In: Duvidovich, E. (Org.). Diálogos sobre Formação e Transmissão em psicanálise. São Paulo: Zagodoni, 2013. pp. 17-31. Para esclarecimento cito o seguinte trecho do texto: “Considero que o passe é um experimento ao qual Lacan é levado em decorrência de sua particular posição geopolítica e institucional. Ele pensa a transmissão da psicanálise segundo o modelo da *universalidade*, que se opõe ao modelo baseado na *totalidade*, como propostas normativas que exploram a instrumentalização dos meios de “produção de analistas” e o modelo baseado na *globalidade*, que inspira o furor regulatório de Estados.”.

Próximos eventos

IX ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL
“Enlaces e desenlaces segundo a clínica psicanalítica”
Medelín (Colômbia), de 14 a 17 de julho de 2016
www.epfcl-medellin2016.net

V ENCONTRO DA ESCOLA
14 de julho de 2016.

Sumário

Editorial

por Sidi Askofaré 02

Nossa experiência de Escola

Abertura, por Sidi Askofaré (França) 04

PRIMEIRA SEQUÊNCIA: O que aprendemos de nossa experiência de Escola?

Sandra Berta (Brasil), *Efeito de Escola: assumir o risco pelo ato analítico* 06

Ana Martínez (Espanha), *Desta vez o problema não é o passe...* 09

Beatriz Zuluaga (Colômbia), *A Escola, ainda* 14

Sol Aparicio (França), *O passe contra o esquecimento* 16

SEGUNDA SEQUÊNCIA: Nossa experiência do passe: testemunhos, ensinamentos...

Anatasia Tzavidopoulou (França), *O tempo de uma história* 20

Andrea Dell'Uomo (Itália), *A experiência do insabido que sabe* 23

Jorge Ivan Escobar (Colômbia), *O passe: pass-a-porte ao real* 26

Nadine Cordova-Naitali (França), *Nada o obriga?* 29

TERCEIRA SEQUÊNCIA: O analista só se autoriza por si mesmo

Vera Pollo (Brasil), *Autorizar-se sem ritualizar-se* 33

Jacques Adam (França), *O não todo do analista* 37

Florencia Farias (Argentina), *Testemunhos de mulheres no passe* 41

Colette Soler (França), *Autorizar-se, mas como?* 45

Trabalhos dos cartéis do passe

CARTEL 1

David Bernard (França), *Passe e história* 50

Cora Aguerre (Espanha), *Por que o passe?* 57

CARTEL 2

Lydie Grandet (França), *Que passadores para qual(is) passe(s)? Rumo à qual Escola?* 59

Bernard Nominé (França), *Reflexões depois de uma nomeação* 61

Beatriz Zuluaga (Colômbia), *O que a-texto de uma experiência* 62

CARTEL 3

Silvia Migdalek (Argentina), *A experiência do passe na Escola e suas contingências* 64

Ramón Miralpeix (Espanha), *O passe, um fracasso exitoso* 66

Michel Bousseyroux (França), *O passe pelo borromeano* 68

Contribuição do A.E.

Pedro Pablo Arévalo (Venezuela), *Passa e recorda – Conclusão do passe e início da transmissão* 72

Contribuição dos passadores

Monica Palacio (Colômbia), *A função do passador, mais além do testemunho* 77

Alejandra Noguera (Argentina), *Passador... ser atravessado pela Escola!* 81

Natacha Vellut (França), *Paradoxos do desejo, paradoxos do passador* 84

Cibele Barbará (Brasil), *Testemunho a partir da experiência como passadora* 88

Próximos eventos

IX ENCONTRO INTERNACIONAL DA IF-EPFCL 91

V ENCONTRO DA ESCOLA

Wunsch 14 foi editado pelo CAOE 2012-2014

composto por:

Cora AGUERRE

Sidi ASKOFARÉ

Maria Vitoria BITTENCOURT

Beatriz ZULUAGA

Diagramação

Cícero OLIVEIRA

Agradecemos especialmente aos tradutores que tornaram possível a publicação deste boletim nas línguas de nossa comunidade (ainda não em inglês, por ora).

São eles:

Alba ABREU – Rita San Román ACUÑA – Cora AGUERRE – Sonia ALBERTI – Elena Pérez ALONSO – Sol APARICIO – Gracia AZEVEDO – Bittori BRAVO – Maria Vitoria BITTENCOURT – Ricardo CABRAL – Miguel CACEROS – Arturo CAMBA – Jorge CHAPUIS – Isabelle CHOLLOUX – Luís Guilherme COELHO – Esther DIDEROT – Vicky ESTEVEZ – Andréa H. FERNANDES – Dominique FINGERMANN – Lydie GRANDET – Claude LEGER – Zilda MACHADO – Ana MARTÍNEZ – Olga MEDINA – Rosane MELO – Ramón MIRALPEIX – Ângela MUCIDA – Patricia MUÑOZ – Cícero OLIVEIRA – Guilherme OLIVEIRA – Tereza OLIVEIRA – Xabier OÑATIBIA – Gláucia NAGEM – Bernard NOMINÉ – Matilde PELLEGRINI – Jean-Pierre PIRSON – Mikel PLAZAOLA – Vera POLLO – Catherine POMAREDE – Conrado RAMOS – Elisabeth da ROCHA MIRANDA – Maribel RODRÍGUEZ PACHECO – Alina María ROJAS – María Rita ROMÁN ACUÑA – Paulo RONA – Maria Luisa SANTANA – Bela Malvina SZAJDENFISZ – Elisabete THAMER – Isabelle THIRIEZ – Lina VELEZ – Patricia ZAROWSKY – Beatriz ZULUAGA

